

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO

CAMINHOS ENTRELAÇADOS NA ESCRIVIVÊNCIA: A TRAJETÓRIA
DE MULHERES PRETAS EGRESSAS DO PARFOR/UFRRJ.

ALINE PEREIRA BOTELHO DOS SANTOS

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**CAMINHOS ENTRELAÇADOS NA ESCRIVÊNCIA: A TRAJETÓRIA
DE MULHERES PRETAS EGRESSAS DO PARFOR/UFRRJ.**

ALINE PEREIRA BOTELHO DOS SANTOS

Sob a Orientação da Professora
Patrícia Bastos de Azevedo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Fevereiro de 2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

S237c Santos, Aline Pereira Botelho dos, 1980-
Caminhos entrelaçados na escrevivência: a trajetória de
mulheres pretas egressas do PARFOR/UFRRJ. / Aline Pereira
Botelho dos Santos. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2022.
118 f.: il.

Orientadora: Patrícia Bastos de Azevedo.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares, 2022.

1. Escrevivências. 2. Exprevivências. 3. Mulheres Pretas. 4.
PARFOR. 5. Memórias. I. Azevedo, Patrícia Bastos de, 1971-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares
III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**



TERMO Nº 308 / 2022 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.018980/2022-43

Seropédica-RJ, 25 de março de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

ALINE PEREIRA BOTELHO DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 26/02/2022

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Membros da banca:

PATRICIA BASTOS DE AZEVEDO. Dra. UFRRJ (Orientadora /Presidente da Banca).

ANA MARIA MARQUES SANTOS. Dra. UFRRJ (Examinadora Interna).

MARIA APARECIDA CABRAL. Dra. UERJ (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 29/03/2022 16:17)

ANA MARIA MARQUES SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1545891

(Assinado digitalmente em 29/03/2022 16:20)

PATRICIA BASTOS DE AZEVEDO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1548864

(Assinado digitalmente em 10/05/2022 19:45)

MARIA APARECIDA DA SILVA CABRAL
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 198.514.758-07

Para verificar a autenticidade deste documento entre em

<https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **308**, ano: **2022**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **25/03/2022** e o código de verificação: **27871ae9d2**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às egressas do PARFOR, que juntas construímos esse texto. Dedico também ao meu esposo e minhas filhas por serem os motivadores para que as linhas aqui escritas ganhassem vida e sentido. E as mulheres Pretas, pois sou porque vocês foram; e sou para que muitas outras sejam.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus e qualquer outra entidade por ter me guiado até a conclusão dessa jornada.

In memoriam a minha tia Amelia Ferro, por ter me ensinado desde pequena a ter esperanças e foco nos estudos.

In memoriam a minha vó Neuza, por ter sido nosso primeiro exemplo de Feminismo. Por sua garra, perseverança e sensibilidade em seus poemas e suas lições de vida. Te ofereço, vó, mil casinhas brancas, um quintal e janela para ver em nossos corações o sol nascer.

A minha mãe Nilza, que sempre teve muita fé em tudo e me guia até nos momentos em que não posso andar, ela me carrega. Muito obrigada, mãe!

Ao meu pai, Jorge, homem que tanto amo e me faz sorrir só em te olhar. Te amo, paizinho!

Aos meus irmãos Neander e Neandro e minha prima Jaqueline, que se tornou irmã também, só tenho a agradecer pela paciência e compreensão ao lidar comigo em certos momentos, porque sei que não é fácil.

Ao meu companheiro de vida Alexander, só gratidão por tudo, por me fazer ressignificar o que é amor e como é se sentir amada, pelos momentos bons e ruins que passamos juntos e que nos levaram a amadurecer muito e durar tanto tempo.

As minhas meninas dos meus olhos, Ana Beatriz minha primogênita que me ensina a sonhar diariamente e Ana Clara que nos contempla com sua excelente existência. E minha filha do coração, Ana Beatriz Pereira que chegou e nos completou.

Agradeço à banca composta pelas professoras Maria Aparecida Cabral e Ana Maria Marques de Araújo que tanto contribuíram desde a qualificação deste trabalho até o momento da defesa.

À orientadora Patrícia Bastos, por toda a paciência e compreensão do mundo com todo esse processo de trabalho. Não poderia ter orientação e companhia melhor. Obrigada por toda a fé depositada em mim e por sempre ter acreditado e visto desde o início a potência dessa proposta. Espero que um dia possa ser metade da profissional e pessoa maravilhosa que és.

Ao Grupo de Pesquisa Currículo, Cultura e Política por ter me ajudado durante esse trabalho desde o seu início com sugestões e melhorias que o fizeram o que entrego agora. A Tuane, Thalita, Claudia, Beth, Elizabete, Marta, Alessandro, Camila, Jeniffer e tantas pessoas que o compõem, meus sinceros agradecimentos por todas as colaborações e conhecimento que compartilhamos.

Ao Pedro, companheiro de ingresso ao Mestrado por sua boa amizade, conversa e tantas reflexões e superações que juntos tivemos. Nunca irei conseguir expressar aqui a dimensão que essa amizade tem para mim, e tá tudo bem, meu amigo! Tudo no seu tempo!

A Renata Melo Rocha, sem você e seus incentivos não chegaria à possibilidade de estar aqui escrevendo esses agradecimentos! Muito obrigada pelos consolos, choros, alegrias. Você é parte essencial deste estudo!

Aos colegas da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, pela parceria e apoio. Às queridas colegas Aline, Anne, Adriana, Mayara, Luciene, Cristiane, agradeço o apoio e incentivo que me deram no início do mestrado, sempre as levo no meu coração e tudo o que vivemos me fortalece para seguir em frente.

Aos amigos da Tela de Afetos, ao Coletivo de Alfabetizadoras das Classes Populares que me possibilitou a reaproximação com a querida professora afetiva Margarida.

A Marcelo Guedes, meu irmão, minha vida, eu sou você, você sou eu! A Lilian, irmã gêmea que tanto adoro.

A Sintia por me ter feito acreditar que era possível, que eu sabia escrever! E assim, me tornei poetisa e passei a ver a vida com olhos de uma sonhadora afetiva.

Já chegando ao final, mas não menos importante agradeço de todo coração ao meu grande amigo e incentivador Diogo Nascimento, com você iniciei e cheguei até aqui e juntos vamos muito mais longe. Os caminhos da vida nos uniram e com ele diversos desafios superamos. Nossa amizade é sincera e grandiosa, muito obrigado por tudo!

A todos meus amigos, pela possibilidade de existir na ausência e de se materializar instantaneamente na necessidade.

À minha família, vocês são a melhor parte de mim.

As mulheres que junto comigo construíram essa dissertação Ana, Adriana, Luana e Nana! Muito obrigada por suas lindas existências!

E por fim, à Conceição Evaristo por me acompanhar em minha vida e durante toda escrita desta dissertação. Querida Conceição, aquela que me inspira na sua simplicidade, e me ensina com seu afeto que transborda qualquer viver. Obrigada e axé!

RESUMO

SANTOS, Aline Pereira Botelho Dos. **CAMINHOS ENTRELAÇADOS NA ESCREVIVÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE MULHERES PRETAS EGRESSAS DO PARFOR/UFRRJ**. 2022. 118p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2022.

O presente trabalho buscou refletir sobre os caminhos vividos por quatro mulheres, egressas do PARFOR do curso de Pedagogia do ano 2010, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, recuperando memórias de diferentes momentos formativos, desde alfabetização até a conclusão de seu curso. Tais memórias foram concebidas e analisadas a partir do tripé metodológico composto pela da escrevivências de Conceição Evaristo (1994), do Paradigma indiciário de Carlo Ginzurb (1992) e das Memórias Subterrâneas de Michel Pollak (1989). Assim, com um pouco da vida das egressas derramada em nossa pesquisa, inconsciente ou conscientemente, identifica-se a escrevivência emergir, misturando-se a tantas outras “Exprevivências”: caminhos cruzados em narrativas que formam a escrevivências. Através desses armazenamentos de saberes, muitas vezes silenciados, destacamos os passos que foram trilhados ao longo da pesquisa, nomeando-os como: ‘Becos de lutas’, ‘A formação de professores como prática insurgente’, ‘Entre becos e memórias: o rumo de cada história’, ‘Lugar de garimpo e construções: passos que constroem o percurso metodológico’. É necessário pontuar que a pesquisa inicialmente trataria apenas das escrevivência da egressas, contudo em seu desenvolvimento o estudo se misturou as escrevivências da autora formando assim uma união de experiências cruzadas. A pesquisa fundamenta-se em compreender as trajetórias que culminaram no emancipatório ingresso das egressas ao nível superior, através do programa PARFOR. Nesse sentido, as narrativas vão sendo analisadas partir das Políticas Públicas que deram origem a inserção de professores e professoras na universidade pública. Para além, o conceito de Interseccionalidade se faz presente durante todo o decorrer do texto, pois é um Feminismo que abarca justamente a luta aguerrida de mulheres como as egressas do PARFOR.

Por fim, a pesquisa discute através da roda de conversa, as experiências formativas vividas pelas egressas, compreendendo suas histórias de vida, seus movimentos de resistência, seus atravessamentos teóricos na tessitura singular do fazer-se mulher Preta na contemporaneidade.

Palavras-chave: Escrevivências. Exprevivências. Mulheres Pretas. PARFOR. Formação de professores. Memória.

ABSTRACT

SANTOS, Aline Pereira Botelho Dos. **PATHS INTERTWINED IN RITING: THE TRAJECTORY OF BLACK WOMEN EGRESSAS DO PARFOR/UFRRJ**. 2022. 118p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2022.

The present work sought to reflect on the paths lived by four women, who graduated from PARFOR from the Pedagogy course of the year 2010, at the Federal Rural University of Rio de Janeiro, recovering memories of different formative moments, from literacy to the conclusion of their course. Such memories were conceived and analyzed from the methodological tripod composed of the writings of Conceição Evaristo (1994), of the evidential paradigm of Carlo Ginzburg (1992) and of the Underground Memories of Michel Pollak (1989). Thus, with a little of the life of the graduates poured into our research, unconsciously or consciously, we identify the emerging writing, mixing with so many other “Experiences”: paths crossed in narratives that form the writing. Through these stores of knowledge, often silenced, we highlight the steps that were taken throughout the research, naming them as: 'Alleys of struggles', 'Teacher training as an insurgent practice', 'Between alleys and memories: the direction of each story', 'Place of mining and constructions: steps that build the methodological path'. It is necessary to point out that the research would initially deal only with the writings of the graduates, however in its development the study mixed the writings of the author, thus forming a union of crossed experiences. The research is based on understanding the trajectories that culminated in the emancipatory entry of graduates to higher education through the PARFOR program. In this sense, the narratives are being analyzed from the Public Policies that gave rise to the insertion of professors in the public university. Furthermore, the concept of Intersectionality is present throughout the course of the text, as it is a Feminism that encompasses precisely the fierce struggle of women such as PARFOR graduates. Finally, the research discusses, through the conversation circle, the formative experiences lived by the graduates, understanding their life stories, their resistance movements, their theoretical crossings in the unique fabric of becoming a Black woman in contemporary times.

Keywords: Escrivivências. Exprevivências. Black Women. PARFOR. Teacher training. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Linha do tempo do Feminismo.....	20
Figura 2 - Primeira onda - Movimento Sufragista	22
Figura 3 – Lélia Gonzalez.....	23
Figura 4 – Terceira onda- Feminismo Interseccional	28
Figura 5 – Fotografia da formatura da turma 2010	38
Figura 6 – Formulário de pesquisa.....	45
Figura 7 – Esquema de organização do formulário	48
Figura 8 – Esquema de organização em linhas gerais do PARFOR.....	60
Figura 9 – Profissionalização	62
Figura 10 – Email de convocação	71
Figura 11- Memória Coletiva.....	76
Figura 12- Açúcar Perola	76
Figura 13- Escrevivências.....	90
Figura 14- Roda de conversa.....	105

Gráfico

Gráfico 1- Raça, classe e gênero	26
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COVID - Corona Vírus Disease

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENADE- Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes.

GM- Genneral Motors

IM- Instituto Multidisciplinar

ISP- Instituto de Segurança Pública

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

MNU- Movimento Negro Unificado

PARFOR- Plano Nascimento de Formação dos Professores

PEF- Professores de Ensino Fundamental

PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PIBIC- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNE- Plano Nacional de Educação

PUC- Pontifícia Universidade Católica

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

Eu, Nós.

A potência da escrevivência é como o pulsar de tantas vidas

Emociona-me a fuga, a dor e a fome de tantos de nós

A saliva seca aumenta a intensidade da dor que o nó na garganta provoca

Mas essa dor serve para me lembrar que saí dos porões, me foram desatados os nós que prendiam o meu corpo.

Ganhei o mundo, passei pelos becos, virei tantas esquinas, percorri estradas

Pés descalços, muitas vezes cansados, suor no rosto em busca do lugar ao Sol

Tomei fôlego na vida, deixei de lado as dores da alma que me afligia nas senzalas que antes outrora, eram lugar de tormenta e choro velado.

Não somos só reprodutoras, não somos só cuidadoras...

Somos força, resistências e fé.

Fiz-me na história...

Eu sou tantas histórias: me completo do outro, me completo de você.

Sou alma negra, pele negra, espírito da liberdade.

Tentaram calar a minha voz, mas não me deixam abater

Sou dona de mim, sou negra de raiz.

Sou potência, sou empoderamento, não venha tentar mudar meu convencimento. Sou de raiz africana, sou Zâmbi ou Uganda.

Sou africanidade, sou serenidade e seriedade.

Respeite o meu enredo, sou MULHER NEGRA/PRETA que luta na vida e que não corre da labuta.

Chama-me de NEGRA, me chama de PRETA, só não queira colocar as máscaras dos silenciamentos para emudecer a minha história... as nossas tantas histórias com o seu preconceito.

Aline Botelho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 BECOS DE LUTAS	18
1.1 O fluxo contínuo de lutas: começo de tudo.....	21
1.2 Na voz, na luta, nas mãos e na urna	21
1.3 A luta do ‘sexo frágil’?	22
1.4 A união de múltiplas identidades.	27
1.5 O Feminismo Interseccional.	29
2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS COMO PRÁTICA INSURGENTE	36
2.1 Eu composto por nós.....	38
2.2 Apresentação do campo: a insurgência das vozes.	44
2.3 Roda de Afetos: primeiro encontro.	47
2.4 Paulo Freire: a plataforma que ensina a ler o mundo!	58
2.4.1 Diálogos da esperança: conexões de vida através do PARFOR.	62
2.5 Constroem e (re) constroem: o pensar a Educação através das memórias.....	66
2.6 Encontros: itinerários de vida e vozes.....	75
3 ENTRE BECOS E MEMÓRIAS: O RUMO DE CADA HISTÓRIA.	82
3.1 Exprevivência/Escrevivência: a mistura do fluxo contínuo de muitas vozes.	84
3.1.1 A menina que descobriu nas letras uma forma de ler o mundo.	90
3.1.2 Dando nome a própria história: a vida de Luana.....	92
3.1.3 Entre folhas em branco, a esperança no amanhã.....	95
3.1.4 Da dor à luta: a mulher em construção.....	99
4 LUGAR DE GARIMPO E CONSTRUÇÕES: PASSOS QUE CONSTROEM O PERCURSO METODOLÓGICO	103
4.1 Griô e afeto: rodas e apontamentos.....	105
4.1.1 O WhatsApp e o registro: uma reaproximação das egressas.	107
5 ESCRIVIVÊNCIAS FINAIS POSSÍVEIS DESSA DISSERTAÇÃO	109

INTRODUÇÃO

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.” (FREIRE, 2005, p. 35)

No cenário atual muito se discute sobre formação dos docentes e a insurgência de ser professora na atualidade. De acordo com a epígrafe de Paulo Freire, podemos refletir sobre a profunda consciência e a relevância da formação continuada para tal insurgência docente e consequentemente a relevância de nossas discussões. Assim, o que aqui é refletido perpassa pela perspectiva de continuarmos retocando o sonho pelo qual nos pusemos e levamos outros a sonhar; reformulando os caminhos de acordo com a realidade que nos cerca, conscientes de que apenas o inacabamento do ser e a ciência deste inacabamento fará de nós profissionais sempre abertos à contínua formação.

Na medida em que esta consciência dá lugar a um lugar outro, lugar este que compreende o ser educacional e o papel da mulher Preta enquanto referência dentro deste projeto, iniciamos a construção de uma quebra de paradigma, saímos do lugar estático, para ocupar lugares de resistência, fala e voz ativa diante de nossas certezas de transformações para além dos muros escolares, fundamental para o exercício da cidadania.

As linhas básicas que delinearão esta pesquisa nascem no percurso de minha trajetória profissional e acadêmica. Em uma primeira conversa com a orientadora Patrícia Bastos de Azevedo, surge a ideia de que a pesquisa venha do meu lugar de fala. E esse lugar parte do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

E assim aconteceu. Chegamos ao título ‘CAMINHOS ENTRELAÇADOS NA ESCRIVIVÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE MULHERES PRETAS EGRESSAS DO PARFOR/UFRRJ’. A oportunidade de terem o seu direito garantido em ingressar no programa PARFOR, e dissertar sobre uma política para formação docente atrelada à história de vida de mulheres suas lutas/militâncias e utopias é algo urgente para os dias atuais.

Assim, revela-se o objetivo principal desse trabalho, compreender a trajetória de vida pessoal e profissional de mulheres Pretas que são uma grande marca do programa.

A dissertação tem como fio condutor as escrituras¹ de quatro egressas no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- Instituto Multidisciplinar, da turma do ano de 2010/1- tarde, do curso de Pedagogia.

O primeiro capítulo ‘Becos de luta’ realiza uma breve retrospectiva sobre o Feminismo, caracterizando-o como um movimento contínuo composto por diversas mudanças. Logo, torna-se imprescindível à pesquisa que tais acontecimentos históricos sejam lembrados para o importantíssimo ato de desconstruir os inúmeros estigmas e preconceitos que o Movimento Feminista carrega.

Do mesmo modo, no intuito de apresentar visualmente os acontecimentos que marcaram o Movimento Feminista, como um fluxo contínuo de lutas, foi produzida uma linha do tempo. Tal produção apresenta estética de ondas e segue na concepção de considerar o movimento por meio do vai e vem de seus acontecimentos.

Em seguida, o tópico ‘A luta do sexo frágil’ atém-se aos acontecimentos da segunda onda do Feminismo. Infere-se a respeito do momento histórico para as mulheres em que foi necessário percorrer muitos trajetos de resistências e lutas, mas sempre com esperança em um futuro igualitário. Após, completa-se com o tópico ‘A união de múltiplas identidades’ que destaca a terceira onda, onde as mulheres se organizaram a partir das mudanças de estereótipos, na tentativa de corrigir possíveis falhas e lacunas ocorridas nas ondas anteriores. E assim, abarcando uma luta composta pelas mulheres Pretas, lésbicas, mulheres trans, indígenas e tantas outras.

O capítulo ‘Formação de professoras como prática insurgente’ trata fundamentalmente de apresentar o campo sobre o qual a pesquisa encontra-se debruçada. Disserta-se inicialmente sobre a insurgência que é ser professora e os desafios encontrados nas trilhas daquelas que ousam transgredir o sistema imposto pelo patriarcado. O tópico ‘Eu composto por nós’ traz a escritura da autora, onde ela destaca as palavras de Sueli Carneiro (2019) “na primeira pessoa da autora se multiplica e se encaixa em todas nós. Como se na primeira pessoa no singular se torna primeira pessoa no plural”.

O tópico seguinte ‘A insurgência de vozes’ tem como intencionalidade, compreender como as professoras participantes da pesquisa desenharam suas histórias após a entrada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Adriana, Ana, Luana e Nana são os nomes escolhidos pelas egressas, nomes fictícios para manter sigilo das participantes.

¹ O termo escritura foi desenvolvido pela professora doutora Conceição Maria Evaristo ou como é mais conhecida Conceição Evaristo. E seu significado é a representatividade da escrita de um corpo, de uma condição e de uma experiência de ser Mulher Negra no Brasil.

Além de apresentar inicialmente as egressas participantes da pesquisa o tópico ‘A insurgência de vozes’ desenha em linhas gerais os caminhos teórico-metodológicos adotados. O tópico Roda de Afetos: primeiro encontro. Nesse, foram organizados alguns questionamentos que serviram como alicerce para os direcionamentos a serem tecidos ao longo da pesquisa.

Também no segundo capítulo, o tópico ‘Paulo Freire: a Plataforma que ensina a ler o mundo!’ Trata-se de um tópico que se dialoga sobre o Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR), suas legislações, diretrizes, funcionalidade e alguns dados importantes do programa. Além, da sua caminhada, seu compromisso, seus desdobramentos e os atravessamentos. O próximo tópico, foi intitulado ‘Diálogos da esperança: conexões de vida através do PARFOR’ as egressas refletem sobre como se dava sua profissão docente antes, durante e depois do seu ingresso ao meio Universitário. No penúltimo tópico do capítulo, apresentamos como ‘Constroem e re (constroem): o pensar a Educação através do tecer de memórias’ neste é realizado o percurso teórico metodológico da pesquisa que trouxe as memórias subterrâneas de Michael Pollak (1989) e o conceito do Paradigma Indiciário de Carlo Ginzburg (1992). Finalizando trazemos o segundo e último encontro presencial denominado, ‘Encontros: itinerários de vida e vozes’ realizado fora do espaço acadêmico e solto de imposições determinadas. Neste as egressas ficaram livres para acionar suas memórias e trazer para roda suas escrevivências.

O capítulo ‘Entre becos e memórias: o rumo de cada história’ é a apresentação das egressas através de suas experiências misturadas as personagens que são retratadas nos livros da autora Conceição Evaristo. Na tentativa de uma literatura poética aguerrida, as escritas produzidas em ‘Exprevivências/Escrevivência: a mistura do fluxo de muitas vozes’. Neste, fecha o campo teórico metodológico e afirma a escolha do conceito Escrevivência de Conceição Evaristo (1994), como conceito principal, e que apenas forma um tripé metodológico por normas acadêmicas. Em ‘A menina que descobriu nas letras uma forma de ver o mundo’ apresenta a personagem Maria-Nova, do livro *Becos da Memória*, de mãos dadas a egressa Nana. Em, ‘Dando nome a própria história: a vida de Luana’ mistura as estórias/histórias de Ponciá Vicêncio, personagem do livro *Ponciá Vicêncio*, com Luana. Em, ‘Entre folhas em branco, a esperança no amanhã.’ Apresenta a egressa Ana e suas escrevivências que se encontram com Natalina, personagem do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Ao final do terceiro capítulo, ‘A dor à luta: a mulher em construção.’ aproxima a personagem Shirley Paixão, do livro *Poemas de recordação*, com a egressa Adriana.

Através dessas narrativas, o aquilombamento² das experiências vividas antes de tudo é o compartilhamento coletivo de sujeitos de uma mesma trama social.

O capítulo ‘Lugar de garimpo e construções: passos que constroem o percurso metodológico’ é esmiuçado o campo metodológico escolhido para o desenvolvimento da pesquisa. Tais escolhas são passos que constituem o percurso do trabalho, alinhando as escrevivências das egressas, importantes discussões que acontecem na Universidade e na Escola. Em ‘Griô e afetos: rodas e apontamentos.’ neste tópico através de uma tessitura afetiva, apresenta a metodologia da Roda de Conversa com as indicações da autora Warschauer (1993). Em ‘O WhatsApp e o registro: uma reaproximação das egressas’ traz a ferramenta digital utilizada devido a facilidade de proximidade como defendido pelo autor Mattar (2014) e principalmente devido ao momento pandêmico que o mundo viveu no ano de 2020. As reflexões e inquietações motivaram o início deste trabalho continuam vivas e nos trazem a esse lugar de luta e de escuta. Por fim, temos ‘Escrevivências finais possíveis dessa dissertação’ por entendermos que pesquisa que apresenta mulheres Pretas como eixo central, não se finaliza um texto.

E assim, para que possamos entender melhor a importância dessa pesquisa, apresento-lhes a seguir nossos Becos de lutas.

² Aquilombar-se na atualidade é estabelecer o Autocuidado, construir espaço coletivos de afeto, de acolhimento, de escuta, de sociabilidade, de sentidos coletivos, de fortalecimento de laços, memórias e constituição de uma identidade. Aquilombar-se é se organizar, constituir espaços que possamos refletir e agir sobre a nossa realidade. Questionar o que está posto que nos oprime e construir demandas, ações concretas, nos colocar em movimento para mudar nossa realidade. Aquilombar-se é compreender a nossa história, nossas origens, nossa cultura, resgatar nossas memórias, é lembrar o passado, para entender o presente e construir o futuro. Joselicio Juni- Revista Fórum (29/04/2019)

1. BECOS DE LUTAS

“Se a história do Feminismo é pouco conhecida, deve-se também ao fato de ser pouco contada”.
Constância Lima Duarte

Neste primeiro capítulo buscarei realizar uma breve retrospectiva histórica do conceito do Feminismo, mostrando seu arranjo com os padrões de dominação de cada época, a subordinação da função social da mulher na forma controlada e de opressão como resposta às demandas do Capital e do patriarcado.

Remontando a história, nota-se que a concepção do Feminismo é atravessada por inúmeras mudanças, por diversos becos de lutas por liberdade e resistência. Considero ser importante destacar que há uma narrativa de 'origem' do Feminismo. Entretanto, antes de uma breve conversa sobre a conceituação do movimento Feminista, detalharemos o conceito sobre Mulheres que traz implícito em si, a dimensão do sexo biológico como construção social de gênero.

Essa categoria se utiliza de estereótipos criados pelo sistema patriarcal, e nessa perspectiva a opressão sexista é entendida como fenômeno universal, utilizando os contextos históricos e culturais para sua legitimação. A opressão às mulheres está vinculada normalmente a dois aspectos principais: a maternidade e a sexualidade. A maternidade no sentido de cuidar e a sexualidade no sentido de servir como objeto sexual do homem. Ambos têm em sua gênese a mulher como posse desse sistema patriarcal.

Cabe aqui, esclarecer o termo Pretas, contido no título da dissertação e em todo o decorrer do texto da pesquisa. Por que Pretas e não Negras? A questão reside em compreendermos os dois termos, para assim, termos uma consciência cotidiana libertaria/consciente e não encharcada pela alienação, pelo racismo estrutural e pela ideologia dominante.

A expressão Negra se encontra criminalizada em diversos países, como podemos verificar em diversos vídeos, estudos e pesquisas. Em todos os países, negro é uma expressão associada a coisas negativas, marginalizadas. Desta forma, a expressão Negro não estaria vinculada a etnia e sim a uma condição social marginalizada.

Alguns historiadores acreditam que o termo tenha surgido do latim *nigrum*, ou ainda *necro*, ligado diretamente a morte. O músico ganês Nabby Clifford, que teve o seu vídeo viralizado no ano de 2019, explica a terminologia negro de uma forma bem didática, diz que está sempre atrelado a algo negativo, como: lista negra, dia negro, magia negra, câmbio negro, vala negra, mercado negro, peste negra, buraco negro, ovelha negra, a fome negra, humor negro, seu passado negro, futuro

negro. Ainda se verificarmos dicionário de língua portuguesa, está escrito: negro quer dizer infeliz, maldito.

Passamos a entender que, por isso, acontece um repensar no termo e a partir de tais estudos, surge o nome *Black Lives Matter* - Vidas Pretas Importam e tantos outros movimentos que repensam a terminologia. Afinal, a palavra preto reflete uma coisa: a cor da pele da pessoa, que é escurecida devido sua pigmentação. Outro indício que podemos citar é o dito por Nabby Clifford, Africano de Gana e morador do Brasil há aproximadamente trinta anos, em sua apresentação ao canal Portal Raízes disse que quando o brasileiro quer valorizar algum item ou objeto ele não fala negro, ele fala preto.

Ele não come feijão negro, come feijão preto, o carro dele não é carro negro, o carro dele é carro preto, ele não toma café negro, toma café preto, a fome é negra, quando ganha na loteria, ganha uma nota preta. Se branco não é negativo, preto também não é negativo.³

Como a pesquisa acredita que o termo Pretas seja o adequado aos debates que tenho travado atualmente, optamos por essa terminologia. Pois, ser preta é um ato político. Preta é lutar contra a todas essas terminologias. Preta é uma das cores que compõe o arco-íris dos tons de pele do ser humano. Preta é a nossa cor!

Voltando à importância do conceito de Feminismo cabe destacar que, “a maioria das vezes, pensam que o movimento se trata de um bando de mulheres bravas que querem ser iguais aos homens” (HOOKS, 1952, p.12)⁴. Boa parte da população não estabelece relação entre a luta dos movimentos Feministas à luta por direitos. Então o que é o Feminismo? Como e onde surgiu? Quem o criou o termo?

Para que então possamos traçar inferência no que diz respeito à história do Feminismo, optaremos pela classificação da temporalidade de seus eventos como ‘ondas’. Essa escolha é de caráter meramente didático, uma vez que devemos compreender essas ‘ondas’ como etapas permeadas por contribuições e atravessamentos próprios das discussões sobre o Feminismo ao longo da história.

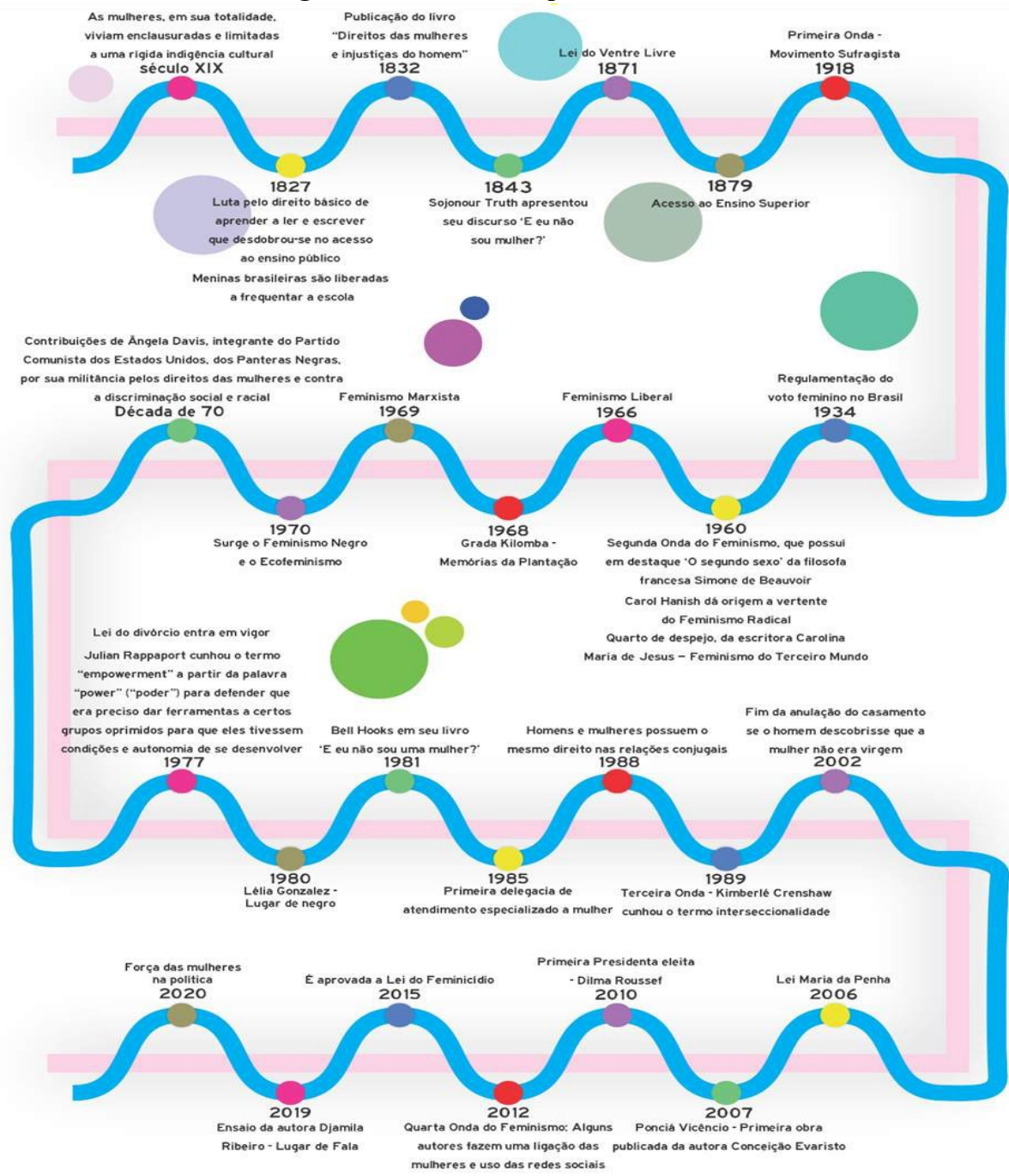
Segue abaixo uma linha do tempo construída pela autora, com o intuito de alinhar os diferentes acontecimentos que marcaram a história do Feminismo no mundo e também no Brasil. São sinalizadas na linha do tempo as ‘ondas’ do Feminismo, em uma estética que nos convoca a

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ccWLI0m4QA>

⁴ Cabe destacar que atora bell hooks faz a escolha de ter seu nome escrito com letra minúscula, para amplificar seus escritos, ressaltando rompimentos com paradigmas impostos. Entretanto para os padrões da norma culta e regras da ABNT trago o nome da autora conforme orientações e determinações impostas.

pensar tais acontecimentos de maneira fluída e intrinsecamente permeável. Logo, cada uma das ‘ondas’ traz os diferentes fatos e personagens que ao longo da história dotaram o Feminismo de sentido.

Figura 1- Linha do tempo do Feminismo



Fonte: Construção da autora

1.1 O fluxo contínuo de lutas: o começo de tudo

“O movimento vaivém nas águas-lembranças dos meus marejados olhos transborda-me a vida, salgando-me o rosto e o gosto. Sou eternamente náufraga, mas os fundos oceanos não me amedrontam e nem imobilizam”.

Conceição Evaristo

O movimento Feminista começa a se desenhar no Renascimento, período de acentuado cenário de luta social, política e educacional como confirmam algumas produções de mulheres escritoras que buscavam igualdade. Entretanto, apenas no Iluminismo é que se inicia a germinação dos primeiros ideais Feministas. Sob momento do pensamento burguês de igualdade, algumas mulheres começam a se questionar e entender-se como sujeitos iguais, a partir desse momento se inicia o movimento Feminista.

1.2 Na voz, na luta, nas mãos e nas urnas

“e os sonhos, submersos e disformes avolumaram-se engrandecidos, anelando-se uns aos outros pulsaram como sangue-raiz nas veias ressecadas do mundo...”

Conceição Evaristo

No cenário do século XIX as mulheres em sua totalidade ainda viviam enclausuradas e limitadas a uma rígida indigência cultural. Contudo, as somas das lutas de tempos anteriores reverberaram em mudanças significativas, haja vista que despertará o desejo latente nas Mulheres do século XX em entender e participar da construção da estrutura do primeiro movimento Feminista. Podemos destacar como uma importante conquista, ainda no século XIX a luta pelo direito básico de aprender a ler e escrever no Brasil por meio da Lei Geral de 1827. Nela as Mulheres adquiriram de forma bastante restrita o direito ao estudo, com currículo diferenciado e o ensino superior sendo-lhes negado.

Outras conquistas marcaram a primeira onda do Feminismo no século XX, como o direito feminino ao voto de 1918, na Alemanha. Num contexto de consolidação dos Estados modernos, em uma Europa marcada pelas profundas mudanças políticas, culturais e sociais, especialmente no mundo do trabalho, fomentadas pelas Revoluções, o grupo de ativistas Feministas que protagonizou a primeira onda tinha como marca a igualdade jurídica entre mulheres e homens no campo da educação e das posses, o direito ao divórcio e o direito ao voto. Destacando-se o último aspecto, uma vez que se transformou na grande bandeira do movimento Feminista naquele período. Este evento marca a chamada ‘primeira onda do Feminismo’, junto a outras reivindicações por direitos políticos, sociais e jurídicos conquistados, ainda na segunda metade do século XIX. Essa primeira onda foi denominada como movimento Sufragista.

Figura 2 - Primeira onda, movimento Sufragista



Fonte: <http://educatransforma.blogspot.com/2012/04/video-aula-23-relacoes-sociais-de.html>

A história do movimento Sufragista, segundo alguns autores, é a história da resistência masculina à emancipação das mulheres. Mas de que mulheres estamos falando naquele período? A mulher branca que lutava para desempenhar o papel político tendo direito ao voto? As mulheres indígenas? Ou das mulheres Pretas que continham a restrição de suas humanidades femininas? Sojourner Truth, abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos das mulheres, ao participar da Convenção dos Direitos das mulheres em 1843, apresentou seu discurso ‘E eu não sou mulher?’. Nesse evento a ativista evidenciou que o movimento Feminista deveria ser uma luta de diversas intersecções como raça, orientação sexual, identidade de gênero e classe social e não somente uma luta por votos.

Com todas essas inquietações que envolviam a primeira, surgem as lutas que deram continuidade ao movimento Feminista no meio do século XX.

1.3 A luta do ‘sexo frágil’?

A segunda onda do Feminismo acontece em meados dos anos 60 e se estende até meados dos anos 90, do século XX. Ressalto que neste período, direitos foram conquistados perante a lei, mas na prática a história era bem diferente. Tratou-se de momento histórico para as mulheres em que fora necessário percorrer muitos trajetos de resistências e lutas, mas sempre com esperança em um futuro igualitário.

Nesse contexto, o movimento da segunda onda se preocupou em compreender quais os motivos que levavam as mulheres a ocuparem um lugar de submissão em relação aos homens, e então responder à questão: ‘o que é ser mulher?’. Podemos demarcar como início da segunda onda a publicação de *O segundo sexo* da filósofa francesa Simone de Beauvoir datado de 1949. Esta obra aponta, entre outros e relevantes aspectos, os mitos sobre a mulher, em uma indagação sobre o que é ser mulher. Essa obra da autora tem muita repercussão até os cenários atuais, devido às inúmeras indagações sobre o tema “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p.9).

Outro dado marcante desse período foi a Revolução Sexual, decorrente do surgimento do primeiro anticoncepcional no ano de 1960, tendo seu ápice com Woodstock e os hippies. Isso pautou as discussões da segunda onda que se caracterizou também por uma fase de luta por direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade.

No Brasil, existiram muitas mulheres que também pensaram a respeito da estreita relação das múltiplas lutas Feministas no mundo ao longo da segunda onda. Destacamos aqui a relevância das reflexões de Sueli Carneiro. Em todas as suas produções e falas, a autora sempre enfatizou seu lugar social, descrevendo que quando conheceu o Feminismo, ainda no movimento estudantil, não se reconheceu pertencente aos seus ideais.

Mais recentemente, Carneiro, em seu artigo ‘Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero’, de 2011, ressalta que tudo que se dizia sobre Feminismo, todas as leituras que eram feitas, se constituíram a partir de mulheres brancas da Europa e dos Estados Unidos. Carneiro (2011) salienta que nos textos que lia sobre Feminismo ‘era muita Simone de Beauvoir para sua cabeça’ e de como não conseguia entender a dificuldade de mobilizar experiências locais para as acepções teóricas do Feminismo.

Figura 3 - Lélia Gonzalez



Fonte: <https://mulheresquehonramorole.blogspot.com/2012/06/lelia-gonzalez.html>

Um nome importante a citar de enorme contribuição para Feminismo, principalmente no que tange o respeito às discussões raciais, é o de Lélia Gonzalez (1935 - 1994). Mulher, brasileira, negra, intelectual, militante, ativista e pioneira nas discussões sobre relação entre gênero e raça. Lélia Gonzalez nascida em Belo Horizonte de família pobre, filha de um operário negro, e a mãe indígena analfabeta. Seus pais tiveram dezoito filhos, sendo Lélia, a décima sete.

Lélia propôs uma visão afro-latino-americana do Feminismo. A abrangência de seu pensamento atravessa a filosofia, psicanálise e o candomblé. Por diferentes circunstâncias, foi a primeira da família a vivenciar aos quatro anos a experiência de acessar a escola.

Em 1942, aos sete anos de idade, Lélia Gonzalez se muda para o Rio de Janeiro com sua família quando o Brasil se envolvia com a Segunda Guerra Mundial. Durante toda sua trajetória de vida, Lélia Gonzalez se deparava com demandas que não eram contempladas pelas lutas da segunda onda do Feminismo. Gonzalez teve que trabalhar em casa de família como empregada doméstica, e em memórias educacionais, Lélia diz que passou por um grande e arquitetado processo de ‘embranquecimento’. Em suas produções, a autora sempre destaca um modelo escolar eurocêntrico, organizado desde a desvalorização do território do Brasil, a partir de valores, ideias e modelos próprios do colonizador branco.

No Rio de Janeiro, Lélia ingressa aos 23 anos em sua primeira graduação, na antiga Universidade Guanabara (UERJ), no curso de História/Geografia, o que a difere das meninas negras de sua idade, pois a maioria já estava casada ou trabalhando em casa de família. No espaço universitário, a autora era reconhecida pela dedicação e inteligência.

Ao concluir sua primeira graduação, ela em seguida, ingressa no curso de Filosofia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante esse período Lélia conhece e se casa com Luiz Carlos Gonzales, colega de curso e de origem espanhola. *Em memórias da plantação, episódios de racismo cotidiano*, Grada Kilomba (2019) nomeia esse modelo inter-racial de casamento como ‘validação da existência’. Onde a mulher Preta se casa com um homem branco para que possa ser reconhecida pela sociedade e a partir disso, validar sua existência.

Entretanto, a família de Luiz Carlos provavelmente esperava uma união com uma mulher branca e pertencente da mesma classe social que eles. No entanto, a união entre Luiz e Lélia despertou o confronto com sua família, que durou até a morte de Luiz.

Luiz Carlos foi muito importante na minha vida[...] ele rompeu com a família, ficou ao meu lado e começou a questionar a minha falta de identidade comigo mesmo. Isso dói [...], por isso eu tenho orgulho de trazer o nome dele. Eu nunca troquei o meu nome, podia estar como nome de

solteira, Lélia de Almeida, mas é um homem branco tão sofrido [...] essa pessoa demonstrou uma solidariedade extraordinária [...] e foi a primeira pessoa a me questionar com relação ao meu próprio branqueamento. (Depoimento extraído de Projeto Perfil- Lélia Gonzalez)

Neste modelo de casamento, Grada Kilomba (2019) destaca que Lélia poderia ter criado ‘Fobia da negritude’ que reside no mecanismo de negação da sua identidade negra, devido a tantos sinais negativos que acentuavam o lugar da mulher negra na sociedade. Contudo, Lélia buscou em sua trajetória de vida as problematizações nesses espaços que eram determinados e se debruçou a desconstruir o mito da democracia racial⁵.

Lélia Gonzalez fez parte do Centro de Estudos Afro-asiáticos (CEAA), na Universidade Cândido Mendes, em 1973, no período de um ano. Naquele espaço, se aproximou de outras mulheres Pretas que também se debruçavam na análise de textos e debates sobre as relações étnico-raciais no Brasil. Como grandes contribuições, a autora fez críticas referentes ao monoculturalismo⁶ epistêmico dos Estados Unidos, nos apresentando a proposta da amefricanidade⁷, em uma antecipação da abordagem decolonial consolidada anos depois por Maria Lugones (1969). A autora utilizava suas obras para desvelar as dificuldades de exclusão das mulheres Pretas em diversos setores da sociedade, tornando públicas indagações até então esquecidas e empurradas para debaixo dos tapetes pela sociedade patriarcal.

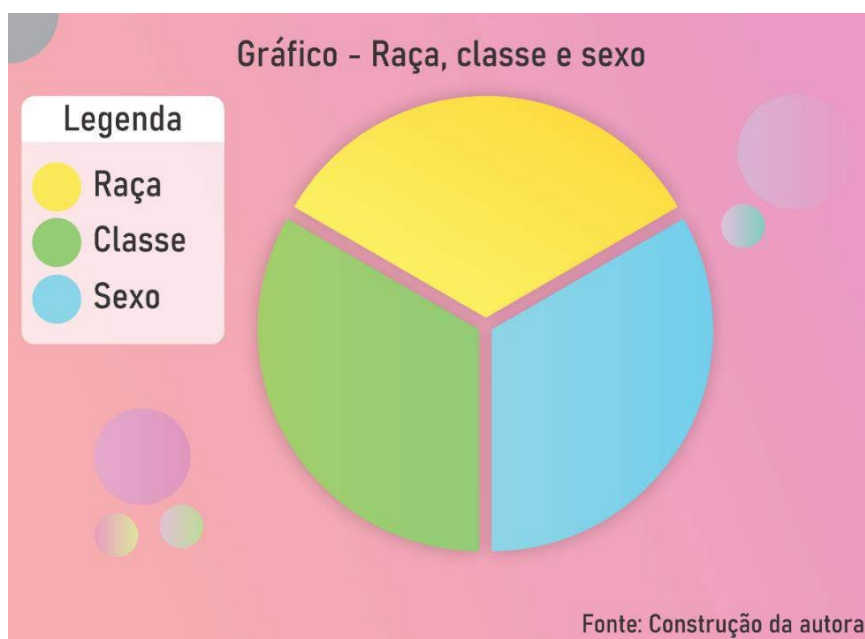
De fato, Lélia foi a precursora do conceito hoje muito difundido e o qual nossa pesquisa irá se sular⁸. O conceito de interseccionalidade, que segundo a autora, em meados dos anos 70/80, não tínhamos como pensar as questões das mulheres Pretas na sociedade brasileira, se não pensássemos na tríplice discriminação que esta sofre. Justamente por conta do que foi construído historicamente desde a diáspora africana.

⁵ Mito da democracia racial leva-nos a interpretar que a democracia racial não existe. De fato, atualmente, sobretudo no Brasil, a democracia racial é uma lenda. Autores como Kabengele Munaga, o saudoso sociólogo brasileiro e professor da USP Florestan Fernandes, o artista e político Abdias do Nascimento, a escritora Conceição Evaristo, entre outros nomes, são os responsáveis por desmistificar a ideia da existência de uma democracia racial no Brasil.

⁶ Monoculturalismo é a prática de ativamente preservar a cultura nacional via exclusão de influências externas.

⁷ Amefricanidade se refere à experiência comum de mulheres e homens negros na diáspora e à experiência de mulheres e homens indígenas contra a dominação colonial. Lélia Gonzalez afirma que essa experiência ‘floresceu e se estruturou no decorrer dos séculos que marcaram a nossa presença no continente’.

⁸ O termo “sular”, na concepção de Paulo Freire, é associado, especificamente, à epistemologia do saber com a defesa e valorização da identidade nacional e do contexto local dos estudantes no processo educacional e de leitura do mundo.

Gráfico 1 – Raça, Classe e Sexo

Fonte: construção da autora

Lélia naquele momento apresentava que a discriminação se tratava sobre raça, classe social e sexo, entretanto atualmente o termo sexo foi substituído pela palavra gênero. Hoje, gênero pode ser definido como aquilo que identifica e diferencia os homens e as mulheres, ou seja, o gênero masculino e o gênero feminino. Entretanto, não devemos exigir o anacronismo a Lélia, no que se refere a expressão gênero. Pois o termo gênero se transforma com o decorrer do tempo.

A Professora e Ativista Angela Davis (2017) sobre a grande contribuição de Lélia ao Feminismo Negro disse que, "Ela já falava sobre os elos entre negros e indígenas na luta por direitos. Essa é uma das lições que os EUA podem aprender com o feminismo negro daqui.". Lélia inicia a discussão e de fato ela contribuí para o conceito sobre interseccionalidade que mais à frente a pesquisa irá se debruçar.

Entre a ganância e a gentileza, entre a beleza e ódio, a liberdade e o cárcere, a morte e a luta, as felicidades e tristezas, Carolina Maria de Jesus, Angela Davis, Alice Walker, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez romperam com os silenciamentos impostos pela sociedade, em um movimento de resistência e luta da mulher Preta, iniciando, portanto, a terceira onda do Feminismo.

1.4 A terceira onda: a união de múltiplas identidades

“Todas as manhãs junto ao nascente dia ouço a minha voz-banzo, âncora dos navios de nossa memória. E acredito, acredito sim que os nossos sonos protegidos pelos lençóis da noite ao se abrirem um a um no varal de um novo tempo escorrem as nossas lágrimas fertilizando toda a terra onde negras sementes resistem reamanhecendo esperanças em nós.”

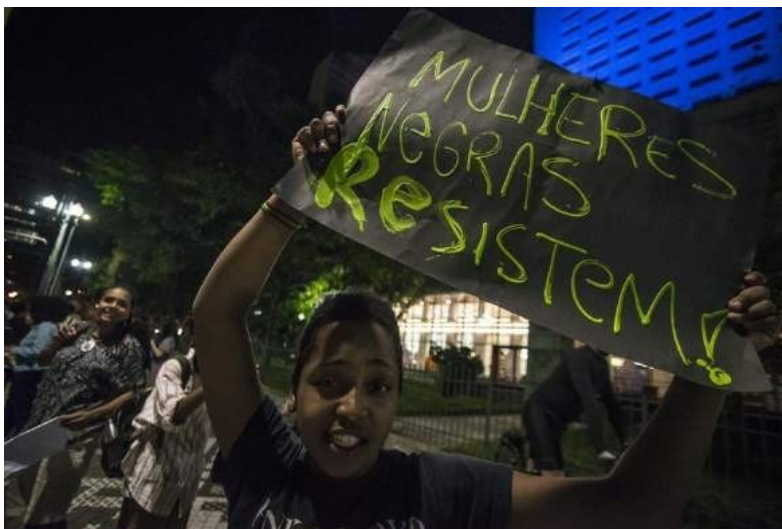
Conceição Evaristo

Como visto, a segunda onda foi responsável pela conquista de diversos direitos para as mulheres. Podemos entender que “a crítica não é necessariamente a destruição daquilo que se quer conhecer. Ela pode ser uma desmontagem organizada que permite a reconstrução do objeto anterior desmontado” (TIBURI, 2019, p.10). A partir disso, as Feministas da terceira onda desmontaram os ajustes e se organizaram na mudança de estereótipos, nos retratos da mídia e na linguagem usada para definir as Mulheres.

A terceira onda surge com a intencionalidade de corrigir as falhas e as lacunas deixadas pelas primeira e segunda ondas do Feminismo. O movimento tem raízes ainda no meio da década de 1980, entretanto a partir do início da década de 1990. A terceira onda Feminista tem sua marca na concepção pós-estruturalista, refletindo claramente abordagens micropolíticas preocupadas em responder às especificidades de cada mulher Pretas, abarcando: lésbicas, mulheres trans, homens trans, indígenas e tantas outras.

Logo, reconheceu-se a importância do movimento de organização das mulheres, tratando-o de forma mais detalhada. Além disso, com o próprio questionamento do padrão branco de classe média alta das Feministas, Mulheres Pretas começaram a se destacar no movimento e negociar seus espaços para revelar as diferenças vividas por mulheres com diferentes condições sociais e étnicas.

Figura 4- Terceira onda, Feminismo interseccional



Fonte: <https://projetocolabora.com.br/ods5/feminismo-negro-muito-alem-da-questao-de-genero/>

O movimento de Mulheres do Brasil é referência em alguns temas que contemplam mundialmente diversas mulheres. Essa mobilização se destaca pelas assertivas decisões no processo de democratização no campo das políticas públicas, tais como: promoção de igualdade de gênero, violência patriarcal, abuso sexual, entre outras. Ao enegrecer o Feminismo, busca-se construir um Feminismo que leve em conta as diferentes especificidades que definam as Mulheres, para que a partir de diferentes óticas, ampliem-se a concepção e o protagonismo Feminino.

A partir das lutas e de suas especificidades, no caso das mulheres Pretas, o combate ao racismo, ideia apresentada por Lélia Gonzalez, em que “a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pela questão racial” (GONZALES, 1982, p.59) nos dá o indicativo do enegrecer o Feminismo. Parafraseando Nilma Lino Gomes: “o Feminismo negro é educador”, pois, ao posicionar o Feminismo como sendo uma luta de consciência, o mesmo se torna educador quando trabalha questões como superações ao racismo, trazendo à tona vozes e corpos negros, antes anônimos, possibilitando o protagonismo a um quantitativo da população que vive e constrói diversos países. Isso faz enegrecer o Feminismo.

Insistimos na necessidade de afirmar, assim como Nilma (2017) que o movimento Preto ressignifica e politiza a ideia de raça, entendendo-a como potência de emancipação. Ao fazer essa ressignificação surgem questionamentos sobre um modelo de uma história, colocando em xeque o mito da democracia racial. Nessa perspectiva, Carneiro (2011) afirma que pensar o Feminismo negro na luta antirracista é trazer à tona as implicações do racismo e o sexismo que condenaram as mulheres Pretas a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização social.

Todavia, Akotirene (2019) fala que o Feminismo negro dialoga entre/com avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado⁹ e capitalismo. Nessas circunstâncias, ele não socorre somente as vítimas do colonialismo moderno, prestando atenção à cor de pele, ao gênero, à sexualidade, genitália ou língua nativa. Portanto, ele socorre humanidades!

Ao navegar em novos mares conscientizados, ao desestabilizar verdades impostas, ao desvelar nossas práticas e saberes, conversaremos sobre o conceito do Feminismo interseccional.

1.5 Feminismo interseccional:

Como vimos, Lélia Gonzalez foi uma intelectual engajada no sentido forte do termo. Uma mulher de energia viva, e de seu pensamento, damos destaque a três abordagens: decolonial, a psicanalítica e a interseccional.

No caso de Lélia, a decolonialidade se destaca em particular em sua crítica e o viés eurocêntrico das ciências sociais e do feminismo ocidental, essa perspectiva crítica que parte do pensamento com as chamadas intelectuais que se baseiam nas epistemologias do sul global a exemplo de Françoise Vergès e Ângela Gillan. Partindo da necessidade de movimento.

Em relação a psicanálise, Gonzalez percorreu esse campo de conhecimento e elaborou à sua maneira uma reflexão sobre a cultura criando canais de comunicação, alinhando explicações interdisciplinares sem desprezar o que cada área disciplinar é capaz de revelar para compreensão da realidade.

E o que seria a interseccionalidade? Segundo o livro *Interseccionalidade* de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) diz que

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária- entre outras-são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS e BILGE, 2021, p.15.)

E assim, se antecipando mais de 30 anos das autoras, Lélia nos traz a discussão sobre interseccionalidade que envolveram as dimensões de dominação sexual, classe e raça articuladas nas formas de opressões e hierarquização racial bem como a formação de identidade coletiva.

⁹ É um sistema sociopolítico, no qual a heterossexualidade cisgênero masculina tem supremacia sobre as demais formas de identidade de gênero e sobre as outras orientações sexuais. É um termo que enfatiza que a discriminação exercida tanto sobre as mulheres como sobre as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT+) estão sob o mesmo princípio social machista.

Lélia não escreveu necessariamente sobre o conceito nomeado por interseccionalidade, nem cunhou o termo. Entretanto, em suas escritas ela destacava questões como: o lugar que ocupa a mulher Preta no mercado de trabalho, a questão da sexualização dos corpos Pretos, e como essas questões socialmente se naturalizam nas sociedades e a importância em romper com essas imposições, tudo como descrito por Patricia Collins e Sirma Bilge.

Pode-se dizer que Lélia experimentou essas questões em sua própria trajetória. Seu irmão quando se torna jogador do clube de Regatas do Flamengo, no Estado do Rio de Janeiro, como um dos principais jogadores, leva Lélia um dia para passear no Clube e um dirigente a convida para trabalhar em sua residência, como doméstica. Tão somente por sua cor preta. Será que se Lélia fosse uma menina branca de catorze anos, seria convidada a trabalhar em sua casa? Ouso afirmar que nos anos 70, os olhares da escravidão continuavam, por atitudes como a do dirigente desse clube. Depois dessa experiência traumática para Lélia, outras também comporiam seu arsenal de munições para desmitificar o mito da democracia racial.

Quando a autora se torna figura pública, ela traz à tona o Pretoguês¹⁰, que parte da africanização do Português. Para Gonzalez a escolha do nome de uma língua, a língua portuguesa, foi pensada a partir dos intelectuais da época devido a uma ligação de uma civilização europeia, branca, rica e civilizada. Uma tão e pura escolha política. Onde anulação de tudo e qualquer indícios de 1.200 línguas indígenas e outras línguas africanas deveriam ser apagadas.

O que ocorre é que quando Lélia apresenta o Pretoguês, contribui para validação da Pretitude e incomoda os da casa grande e não apenas os intelectuais europeus. Pois, uma língua unifica um grupo social.

Eu gostaria de colocar uma coisa: minoria a gente não é, tá? A cultura brasileira é uma cultura negra por excelência, até o português que falamos aqui é diferente do Português de Portugal. Nosso Português não é português é “pretuguês”. (Pereira e Hollanda, 1980, p. 205-206)

Assim, Lélia ao trazer suas falas cotidianas repletas de gírias e dialetos, e quase não usando uma linguagem coloquial. Sendo assim, muito questionada em espaços acadêmicos. Para alguns autores, ela trazia essa forma de falar para afirmar que queria ser compreendida por muitos e não só pelo espaço da elite ou da Universidade. Dessa forma, segundo a autora repensar a língua, também é um movimento cultural.

¹⁰ De acordo com a filósofa Lélia Gonzalez, o português falado no Brasil seria muito mais bem identificado com suas raízes, se o nomeássemos como pretoguês. Lélia cria esse conceito, operando a vocação por excelência da filosofia – a criação de conceitos – para dar conta deste fenômeno com características bastante peculiares que é a língua portuguesa falada em território brasileiro, fruto do encontro de diferentes culturas que aqui estavam ou para cá migraram.

Além de atuar diretamente na formação, consolidação e difusão do movimento negro, Lélia participou da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), que discutia o fortalecimento e as pautas do movimento Preto. Questionavam e apontavam denúncias, uma vez que os Pretos não tinham apenas as piores condições de vida, mas também eram os mais perseguidos e mortos.

No entanto, Lélia ressaltava sempre que podia, que os homens que compunham o movimento agiam de formas autoritárias, eram machistas, controlavam e vinculavam as mulheres através de seus discursos que continham ameaças verbais. Havia, portanto, muito conflito por causa da discrepância os discursos e a prática no dia a dia.

Podemos dizer que, segundo todos apontamentos de Lélia, o racismo exclui os indivíduos pela sua cor e invisibiliza produções culturais da população preta. Contudo, quando nos debruçamos sobre as discussões de gênero, a mulher preta apresenta uma histórica e acentuada vulnerabilidade social.

Frente a todas essas questões, é necessário demarcar a vinculação do corpo feminino negro com a sexualidade. A ideia trazida por Gilberto Freyre¹¹ (1963) onde a mulher branca era para casar, a preta é para trabalhar e a mulata é para furnicar, perdura até os dias atuais. Quando ouvimos relatos como da autora Djamila Ribeiro (2019), que é questionada sempre que viaja para fora do Brasil se ela é mulata de escola de samba ou algo vinculado ao corpo sexualizado da mulher.

Realizar todas essas conexões para estabelecer que Lélia Gonzalez trazia para discussão a interseccionalidade, através de indícios de silenciamentos, violências, racismos, sexualidade é essencial para ressaltar a escolha política de nossa pesquisa.

Entretanto, para alguns estudiosos, a teoria da interseccionalidade só surge, especificamente, para resolver um problema no âmbito do Direito cível dado pelo caso de ‘Degraffenreid contra a General Motors - GM’ em que cinco mulheres Pretas processaram a montadora por discriminação de raça e gênero. Nesse processo, a autora que cunhou o termo, evidenciou o lugar ocupado pelas mulheres Pretas na empresa.

A ativista Kimberlé Crenshaw, em 1989, apresenta o termo interseccionalidade, que se refere à abordagem pela qual cada indivíduo sofre opressões ou discriminações com base em sua filiação em diferentes categorias sociais, entre as quais encontramos gênero, raça, classe, etnia, deficiência, sexualidade etc.

Em referência ao caso da GM, constata-se que em sua totalidade de funcionários, homens brancos eram os que ocupavam os cargos de chefia, as mulheres brancas cargos como as de

¹¹ FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Brasília, 1963, p. 75.

secretarias e de confianças, os homens Pretos ficavam restritos a trabalhos braçais e o que restava às Mulheres Pretas era apenas o servir café e a limpeza dos ambientes da empresa. A consequência disso é a experiência de uma discriminação por sobreposição ou conjunta e o racismo estrutural¹².

Diante da realidade do racismo, o Feminismo Interseccional reconhece e defende que existem múltiplos eixos de discriminação entrecruzados. Esse Feminismo é o que rompe com a universalidade da experiência de mulher e é construído pela diversidade de mulheres e suas experiências e lutas. Portanto, destacamos que o Feminismo Interseccional não se baseia na premissa de unificar a identidade e buscar os interesses compartilhados por todas as mulheres, mas surge da raiz do reconhecimento das diferentes necessidades e experiências de todas as mulheres, defendendo as alianças como base da organização coletiva do movimento. Assim, como Lélia propunha anteriormente.

O Feminismo interseccional alimentou-se de debates advindos de reflexões de Davis (1981) uma vez que ao escrever 'Mulheres, raça e classe' reconhece a errônea comparação entre mulheres brancas e Pretas feita por historiadores. A forma pela qual a mulher Preta foi desumanizada destaca também a exploração de classes e abusos sexuais direcionados às mulheres exploradas. Em seu capítulo 'As mulheres pretas na construção de uma nova utopia' a autora ressalta a importância de refletir sobre de que maneira as opressões se combinam e entrecruzam, chegando à ideia do Feminismo interseccional.

Carla Akotirene, ao abordar o conceito de interseccionalidade admite,

Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

Analisando esse percurso de formação do pensamento do Feminismo interseccional, bell hooks em seu livro *E eu não sou uma mulher?* publicado também no ano 1981 -mas traduzido muitos anos depois-, amplia as fronteiras do entendimento dos impactos da desvalorização contínua da Mulher Preta, nos fazendo questionar essa zona de desconforto estrutural. Ao continuar essa caminhada até os dias atuais, inúmeras contribuições de autoras submersas tema surgiram, entretanto, seguindo e dando continuidade às ideias já apresentadas por suas antepassadas.

¹² Na definição do brilhante Silvio de Almeida ele diz, antes de tudo, que o racismo é sempre estrutural, ou seja, ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, (...) o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade.

No Brasil, a ganhadora do prêmio Jabuti de 2020, Djamilia Ribeiro que conceitua e contribui para o debate a partir de diferentes perspectivas do Feminismo Negro. De acordo com Ribeiro (2019) ‘lugar de fala’ é uma extensão do lugar do negro já anteriormente apresentado por Lélia, a continuidade que falamos acima. Esse lugar de fala, trata-se de um lugar que não desvalida múltiplas vozes, mas um lugar que todas as pessoas falam a partir de seu lugar social.

Ribeiro (2019) em seu ensaio *Lugar de fala* conversa com Walter Benjamin e aponta a importância de quebra de um sistema vigente que invisibiliza inúmeras narrativas, como acontece no espaço da Universidade. Então ‘pensar em um lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado’ (RIBEIRO, 2019, p.89).

Assim, ‘É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade’ (AKOTIRENE, 2018, p. 19). Mas se levarmos para a questão histórica como a autora Grada propõe, seria pensar em ‘romper com a máscara do silenciamento’ (KILOMBA, 1968, p.33), neste sentido, é pensar no aprisionamento da máscara ocasionava, uma peça utilizada por mais de trezentos anos como objeto de tortura, colocada na boca das pessoas escravizadas para silenciar.

Sabemos que existem algumas divergências entre autores sobre qual o intuito da utilização da máscara em tempos dos povos escravizados. Alguns autores apontam que era para evitar que os escravizados se alimentassem durante a colheita na roça e outros apontam o indício de era marcador de quem poderia falar a partir do seu lugar de fala.

Vale dizer que oprimidos devem se empoderar entre si, nesse sentido as inspirações de hooks, Davis, Lélia e tantas outras entendem que esse lugar de fala se torna uma aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática algo contestador e revolucionário na sua essência (BERTH, 2019, p. 153). A esse aspecto é importante dizer que ‘durante muito tempo o movimento Feminista acreditou que escrever era revolucionário. Para mulheres Pretas escrever e publicar é o revolucionário’ (EVARISTO, 2016, p. 12). E me atrevo a completar, escrever/publicar/falar/lutar e ser professora Preta é um ato libertador e político.

Indo ao encontro dessa fala de luta e resistência, a professora Giovana Xavier (2019) completa dizendo ‘o uso da narrativa na primeira pessoa visibiliza o conceito ciência de Mulheres Negras e seus significados, a um despertar de afetos’. Por isso, a defesa de tantas de nós em apresentar pesquisas e textos utilizando e reafirmando a primeira pessoa.

Pelo que se pode perceber, a partir das análises de Gomes (2017) e Xavier (2019) o saber sobre a corporeidade Preta vai além do embate no contexto de relação de poder. Assim, ele orienta a criação de novos tipos de relações, de uma nova linguagem e de uma nova ética e neste florescer o

Pretuguês e a primeira pessoa surgem como movimento de resistências, poder, agradecimento e lugar de fala.

Antecipando ideias de Xavier e Gomes, a autora Grada Kilomba (2019) destaca que ao escrever seu livro ela não é a ‘outra’ e sim a própria. Deixando de ser apenas um objeto e se tornando o sujeito principal. Fazendo assim, um ato político. Para demarcar ainda mais esse posicionamento hooks (1989) argumenta que sujeitos são aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias.

Como importante marca atual no debate do Feminismo Negro, trago a autora Conceição Evaristo, em voga por sua singular maneira de escrever e desveladora de aspectos importantes a serem adicionados Feminismo Interseccional. Movendo muito além de discurso da neutralidade, Evaristo (2009) nos apresenta o indício de que as experiências das Mulheres Pretas se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E diz à sociedade:

(...) me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p. 18).

Contrariando a ideia relacionada à mulher preta, vista como sujeito inato para cuidar e servir, estando dissociado da ideia de sujeito com consciência representativa, Evaristo (2017) nos apresenta uma grafia contaminada por experiências provenientes das trajetórias de Mulheres Pretas na sociedade, sem obediência às regras da gramática normativa, possibilitando a escuta das múltiplas vozes existentes. Seria Conceição Evaristo nossa Griô¹³ da contemporaneidade?

Evaristo (2016) ao denunciar a exclusão social enquanto participante do nosso passado histórico, questiona a autoridade simbólica e material do grupo de prestígio. Outrossim, percebemos que a fala e escrita autoral de Conceição Evaristo à medida que expressam marcas do seu pertencimento sociocultural, beneficiam a fresta de espaços onde vozes socialmente negligenciadas tornam-se ouvidas.

No entanto, cabe destacar que ainda em dias atuais, mesmo com avanços em algumas lutas “o Feminismo é uma urgência do mundo. O Feminismo é uma urgência da América Latina” (ARRUZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019, p.12). Não se pode deixar o outro pelo caminho, a maioria deve sentir-se representada pelo movimento, uma vez que muitas mulheres ainda não se sintam representadas por um modelo de Feminismo, talvez por falta de conhecimento ou divulgação

¹³ Griô é o indivíduo que na África Ocidental tem por vocação preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções e mitos do seu povo.

mais concreta sobre o tema. Para além, podemos dizer que o ‘nosso Feminismo precisa enfrentar a pobreza. A Pobreza no Brasil é Feminina e Preta. O feminismo das 99% é anticapitalista.’ (ARRUZZA, 2019, p. 13)

A ampla divulgação sobre o movimento feminista se faz essencialmente em tempos em que a retórica do ódio é diária. Desconstruir interpretações errôneas sobre o movimento e suas vertentes, auxiliam na identificação de tantas de nós, sobre nós e nossas antepassadas.

Assim, ao evidenciar a luta do Feminismo Interseccional com inúmeras narrativas aqui trazidas e confrontar essa desobediência às regras, percebemos que nosso Feminismo é sobre mulheres professoras, trabalhadoras, chefes de família, pobres, Pretas, não brancas, indígenas, caiçaras, quilombolas, ribeirinhas, lésbicas, mulheres trans, homens trans, e tantas outras. Este trabalho traz em sua gênese o anseio pela escuta Feminina, e, sobretudo, mulheres professoras.

Ao comprovar essa hipótese é necessário demarcar que existe continuidade de lutas no movimento Feminista, no ano de 2015, tivemos a chamada Primavera Feminista que reagiu à aprovação do projeto de lei 5069/2013, de Eduardo Cunha¹⁴, que dificultava o acesso de vítimas de estupro a cuidados médicos. Novamente, a união dessas tantas mulheres que nosso Feminismo traz, tomou as ruas, com suas faixas, e mostraram sua força no Brasil.

Inserido num contexto histórico e tecnológico completamente diferente, o movimento Feminista passou a utilizar as redes sociais e suas ferramentas para se organizar. Alguns autores afirmam que a partir desse contexto surge a quarta onda do Feminismo. Entretanto, pelo trabalho se identificar com feminismo interseccional, não traremos essa continuidade do movimento feminista, por compreender que não daremos conta de abarcar sua multiplicidade.

¹⁴ Eduardo Cunha é um economista, radialista e político brasileiro, filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Exerceu o cargo de deputado federal entre fevereiro de 2003 e setembro de 2016, quando teve o mandato cassado pelo plenário da Câmara dos Deputados. Foi presidente dessa Casa de 1º de fevereiro de 2015 até renunciar ao cargo em 7 de julho de 2016, época em que ficou conhecido por ser um dos protagonistas da crise política de 2014 e por ter instaurado e conduzido o golpe contra a presidente Dilma Rousseff.

2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS COMO PRÁTICA INSURGENTE

“Em meio ao medo instalado e a necessária coragem, ensaiamos movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui. E, apesar das acontecências do banzo, seguimos. Nossos passos vêm de longe... sonhamos para além das cercas.”
Conceição Evaristo

A história das mulheres é atravessada por inúmeras lutas que juntas nos trouxeram a um tempo de debate sobre as diversidades. Cada uma de nós é fruto de seu tempo, de sua história e de seu lugar e assim tais aspectos que nos constituem como Mulheres. Neste tópico, dialogaremos sobre a insurgência que é ser professora e os desafios encontrados nas trilhas daquelas que ousam transgredir o sistema imposto pelo patriarcado e encontram na educação seu espaço de luta.

A autora bell hooks (1994) inspirada em conversar sobre educação e Feminismos, apresenta em sua obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* um diálogo com o autor Paulo Freire, e nos convoca também a interligar esses dois campos de debate. Nessa obra, hooks (1994) tem como proposta analisar os efeitos do colonialismo no campo educacional, além de enfatiza a perspectiva crítica e decolonial¹⁵ como um possível caminho para a promoção da liberdade. A leitura é conduzida por reflexões acerca da prática pedagógica como um lugar político e de resistência.

Ao se aproximar de uma pedagogia crítica e de uma educação para liberdade que são as bases do livro, fica demonstrada a imensa importância da educação como prática social humanista, uma utopia. Sendo o alcance dessa utopia subordinada à criação de ambientes democráticos que possa ser desfrutado por todos. Carneiro (2020) infere sobre utopia, quando em homenagem realizada pela Companhia de letras, para comemorar seus setenta anos, diz ‘utopia que se é perseguida pelas mulheres Pretas, e que consiste em buscar, e afirmar um lugar entre uma negritude redutora da dimensão humana e uma universalidade ocidental hegemônica que anula e rejeita a diversidade’.

Parafraseando Freire, todo educador é um sonhador político. Ao perseguir essa utopia, o sonho político, abre-se para uma Educação como experiência humana, pois se conseguirmos unir as teorias educacionais com as teorias sociais estaremos próximos de viver um sistema educacional alicerçado pela práxis, e assim vivenciaremos uma prática insurgente.

Nesse caminhar, hooks (1994) destaca a importância dos ideais de Paulo Freire em sua construção pedagógica, pois as maneiras novas e libertadoras destacadas por Freire sobre a

¹⁵ A definição de decolonialidade por Pedro Soares, diz que decolonial é uma condição derivada da decolonialidade, um movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, contrário à lógica da modernidade/colonialidade.

realidade social a fez emergir e entender sua busca por uma sociedade que anule o racismo estrutural¹⁶. Para além das contribuições de Freire em sua prática, a autora reformulou sua linguagem para um modelo que alcançasse territórios de resistências.

Pois, segundo a autora “não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde” (HOOKS, 2017, p. 66). Portanto, se faz necessário compreender o lugar de fala e todos os atravessamentos vivenciados por cada sujeito para que assim o educador consiga transformar sua práxis em um lugar que possibilite uma prática decolonial. Podemos perceber que Paulo Freire entrou na sua mente e em seu coração como um professor desafiador cuja obra alimentou a própria luta contra o processo de colonização.

Portanto, educar é uma prática insurgente, haja vista a potencialidade da prática como troca e desconstrução de verdades impostas pelo patriarcado. Por esse motivo, falar sobre professoras, e, sobretudo, falar com professora. Desta maneira também se configura como insurgência. Suas histórias de vida e seu fazer-se educadora põe em posse o verbo esperar¹⁷. Há, portanto, um claro compasso nas ideias de bell hooks e Paulo Freire, ambos concordam que deva ser ofertada esperança ao futuro, cabendo às educadoras (es) entender o outro como sujeitos de direitos em uma luta.

Indo ao encontro das concepções de bell hooks e Freire, a pesquisa compreende o valor de nossas tantas histórias, vidas, lutas e saberes. Entendo a importância da resistência do nosso povo, e de lutar para avançar na caminhada por uma sociedade livre de toda forma de opressão. Isto posto, exijo de mim atitudes sem recuo, uma luta constante contra inúmeras dores que nos lembram que a todo o momento estamos tentando sair dos porões dos ‘navios’, desatando alguns nós que prendiam os corpos na urgência de que precisamos prosseguir.

E neste prosseguir, faço na história, eu sou tantas histórias, me completo do outro, me completo de você. Sou Conceição, sou Lélia, sou Davis, sou Neuza, sou Carolina, sou Kharina, sou Luciene, sou Bia, sou Marielle, Renata, Sara, Jaqueline, Amélia, Sintia, Patrícia, Thaísa, Magali...Somos todos aquilombados dentro de um corpo... Somos alma negra, pele negra, espírito da liberdade, espírito de luta, somos educadoras na busca contínua do esperar no futuro.

E neste movimento de fazer-se mulheres Pretas/ professoras trago para me posicionar como sujeito participante da pesquisa, com palavras a seguir encharcadas de memórias, afetos, força, trechos minha trajetória de vida até a função de professora...

¹⁶ Racismo Estrutural segundo Silvio Almeida racismo é sempre estrutural, ou seja, ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade.

¹⁷ O verbo esperar surge no livro do autor Paulo Freire- Pedagogia da Esperança (1992)

2.1 Eu, composto por nós...

Figura 5 - Foto da formatura da autora na graduação do curso de Pedagogia



Fonte: Acervo da autora.

A pesquisa é conduzida e impulsionada pela experiência pessoal vivenciada pela pesquisadora que também foi estudante do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica em 2014. Em minha memória trago destacado o dia desta foto, salvo em meu coração: conclusão da graduação do Curso de Pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Tantas emoções e superações formaram uma identidade de luta e resistência. Identidade essa que foi constituída no percurso da vida. Percurso entre becos por onde andei e que impulsionaram a menina-professora crescer.

Nesses tantos caminhos, o PARFOR aparece em destaque como um importante lugar de memória que marcou minha vida, em um antes e depois de pertencer à Universidade. Uma espécie de renascimento para o mundo social e psicológico, em um completo arrebatamento de descobertas.

Antes de trazer no próximo capítulo as narrativas das egressas do PARFOR – UFRRJ, trago aqui meus relatos de memória. São como ‘memórias em migalhas’¹⁸, que desenham todo meu percurso de superação, construção e liberdade como mulher negra na sociedade. Assim, transpondo becos improváveis impostos por nossa sociedade patriarcal que nos coloca em um constante movimento progressivo e regressivo que me construí mulher, mãe, trabalhadora e professora.

Ao rememorar minha infância, lembrei-me da época da televisão, de imagem preta e branca que tínhamos em minha casa e que só pegava depois de uma palmada forte de papai. Do disco do show da Xuxa e aquele microfone dos sonhos de muitas meninas (eu não tinha, ficava só no sonho

¹⁸Tal expressão é constituída pela autora no intuito de retratar pequenos traços das memórias das egressas.

mesmo). Minha residência ficava no mesmo quintal dos meus avôs paternos, vivia rodeada de primos, várias brincadeiras infantis e árvores frutíferas como goiabeiras, mangueira, amoras e acerolas. Lembro-me da vendinha do seu Claudir, daqueles doces maravilhosos, o doce de abobora em formato de coração e aquele guarda-chuva feito daquele delicioso chocolate. Tinha ainda as fugas intermináveis dos gansos da Dona Augusta que eram a maior alegria entre os primos. Aquele era o meu lugar. Belford Roxo em minhas memórias era o lugar mais feliz para se estar.

No ano de 1988 meus pais em um movimento migratório interestadual vão para Porto Seguro, em busca de melhores condições de vida. De acordo com o censo demográfico de 1991, existia um movimento de migração populacional e as pessoas se deslocavam constantemente de interiores para os grandes centros, em busca de ascensão social. Em um primeiro momento, eles contaram apenas com auxílio de um amigo que os ajudou emprestando um quarto sem ventilação por alguns meses. Nessa casa, minha família residiu por um longo e tortuoso período. Recordo-me das muitas vezes que meus pais choravam pelas incertezas de ter alimentação no dia seguinte, iniciando ali meu entendimento acerca da questão de diferença social.

Neste mesmo período, ingressei na Escola Municipal de Porto Seguro. Foi o primeiro momento marcante em minha trajetória escolar de que me recordo. O professor que ministrava as aulas para segunda série, a qual eu era uma aluna recém-chegada de outro estado (Rio de Janeiro), determinou uma obrigação: reaprender a ‘cantar’ o alfabeto, visto que eu não pronunciava as letras com o som correto da região.

Agora, atravessada por tantos momentos formativos vivenciados, analiso esse momento de minha vida escolar com bastante criticidade, identifico que fui obrigada ao enquadramento que a escola impôs. Indo ao encontro da mesma ideia, Certeau (2018) adverte ao docente, que ignora a heterogeneidade de referências linguísticas, que o mesmo corre o risco de não se fazer ouvir por seus estudantes. Krupskaja (2017) concorda com os autores, quando diz “uma escola coercitiva, que suprime a independência da criança, impede o desenvolvimento da personalidade humana, distorce-a”. Por fim, enquadrei-me, reaprendi a ler o alfabeto da forma imposta.

Outra experiência marcante com essa turma foi a determinação de rezar o Pai Nosso, oração considerada por muitos uma Oração Universal. Porém, como meus pais são praticantes do Budismo de Nitiren Daishonin, essa oração não me era familiar. A figura daquele professor, sempre com uma camiseta branca e crucifixo pendurado no pescoço gerava em mim um imenso pavor. Ao escrever esse trecho emocionou-me porque rememorei o motivo de ter medo de vendedores de essência de fragrâncias. Sem saber ao certo de onde, e como tinha surgido aquele possível trauma,

assim no decorrer da escrita, recordei que naquele espaço da sala de aula, esse mesmo professor colocava em um canto da sala uma essência aromática semelhante às fragrâncias vendidas por ambulantes.

Um cheiro, vindo de paisagens odoríferas negativas de minha infância. Minha reflexão atual me faz perceber o sentimento de repulsa por aquele professor, demonstrando um retrato da realidade cruel, triste e marcante a qual denota o distanciamento entre a escolarização e uma construção da prática de liberdade como preconiza Freire (1987).

Após esse período, papai conseguiu um emprego que possibilitou mudarmos para uma casa tipo ‘palafita’, na entrada de um mangue, situada um pouco afastada do centro da cidade, no bairro Campinho, às margens do Rio Buranhém. Podíamos presenciar diariamente os movimentos da maré e buscar alimentos para consumo e venda.

Mamãe viu na nova vizinhança a possibilidade de dar aulas de alfabetização em casa, pois possuía formação de professores. Lembro-me que nesse processo participei ativamente ajudando na organização dos livros recebidos por doação e na dinâmica das aulas. Essa experiência acabou despertando em mim o desejo em ser professora.

Outro fato marcante que aumentou ainda mais o desejo de me tornar professora foi ter conhecido a ‘Dani’, uma vizinha que morava em frente à minha casa e que se tornou uma grande amiga. Dani era cadeirante e sofria muito com as ruas esburacadas da região e sua locomoção ficava restrita à frente das nossas residências.

Lembro que estudávamos na mesma escola e todos os dias brincávamos de escolinha no espaço onde minha mãe utilizava para ‘dar banca’¹⁹. Recordo-me que éramos completamente podadas, especialmente quando Dani não participava da Educação Física e da hora do recreio, com alegação que poderiam machucá-la. No dia a dia escolar nossos doces indícios vividos em nossa escolinha davam lugar a traços tristes na escola ‘real’. O tempo levou Dani, que veio a falecer de pneumonia, aquela menina de cabelos pretos e sorriso largo, mas as experiências que tecemos juntas acabaram confirmando meus planos e desejos.

Essas memórias foram determinantes para que anos mais tarde, eu escolhesse retornar ao Rio de Janeiro, em 1997, e cursar Formação de Professores no Instituto de Educação Rangel Pestana, localizada na cidade de Nova Iguaçu. Residindo com meus avôs paternos, no município vizinho, Belford Roxo, temia a dificuldade em conseguir concluir os anos de escolaridade, devido

¹⁹ ‘Dar banca’ é uma expressão que representa as aulas particulares dadas no ambiente residencial do local onde a autora morou na infância.

aos custos de deslocamento. Neste período não havia gratuidade para estudantes nos ônibus intermunicipais, o que ocasionava angústias constantes de não saber se poderia comparecer às aulas.

Todos os atravessamentos vivenciados durante essa jornada escolar, trouxeram-me uma grande mudança pessoal, mas ainda assim me sentia longe de realizar o sonho de cursar uma faculdade, pois vinha de uma família de um longo ‘processo de subcidadania’, com pouca estrutura e com a maior parte do meu tempo dedicado aos subempregos (JESSÉ SOUZA, 2018).

Como aborda hooks (1994) também me vi ‘predestinada’ a escolher entre três opções: casar-se, trabalhar em casa de família ou ser professora. Certamente essas opções eram o que restavam para uma menina que já havia concluído o Curso de Formação de Professores, assim como eu. De acordo com hooks (1994) a maioria das jovens moradoras de lugares periféricos ao concluírem o Ensino Médio se casa ou entra para subempregos e, como dito anteriormente, acabou ocorrendo o mesmo comigo.

Casei-me aos dezoito anos, e aos vinte e dois fui mãe pela primeira vez. Após a maternidade, por três vezes consecutivas, tentei cursar o nível superior em faculdades privadas, sem sucesso devido às dificuldades financeiras e também aos custos com as despesas domésticas. Essa realidade mudou quando iniciei minha carreira no magistério público em Belford Roxo, através de um contrato temporário no ano de 2008.

No ano de 2009, tive acesso ao PARFOR. Conheci o programa através de colegas da Prefeitura Municipal de Belford Roxo que repassaram a informação de uma formação continuada que forneceria um diploma universitário para profissionais que estivessem lecionando em municípios de todo Brasil. Em um primeiro momento, fui informada que apenas professores efetivos teriam acesso ao programa e como ocupava o cargo de docente contratada temporária acreditei que não poderia me inscrever. Mas, por fazer parte de uma camada da sociedade onde há luta constante, o ser forte a todo o momento é determinante e o desistir é quase que proibido, realizei a inscrição esperançosa.

Inesperadamente fui contemplada para uma vaga no curso de Biologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, porém, por ser moradora da Baixada Fluminense o deslocamento se tornaria caro. Além disso, a questão do deslocamento até o campus exigiria muitos gastos e o trajeto de ida e volta seria perigoso devido ao horário. Outra impossibilidade foi a ausência de quem pudesse cuidar da minha filha, que tinha nove anos na época. Então abri mão dessa grande oportunidade, adiando por mais um ano meu sonho de ser universitária.

Em 2010, realizei a inscrição da Plataforma Paulo Freire e desta vez fui sorteada para cursar Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Uma Universidade localizada no bairro vizinho ao qual resido e que tenho muito afeto. Com oferta no período do vespertino, momento em que minha filha estaria na escola, cursar a UFRRJ me proporcionaria participar das aulas sem maiores transtornos financeiros e pessoais.

Guardo em algumas lembranças, falas depreciativas e desmotivadoras por pessoas próximas e familiares que tentavam me enquadrar nesse sistema patriarcal que vivemos: ‘você sabe que se fizer faculdade, seu marido vai se separar’, ‘nenhum homem aguenta mulher que fica muito na rua’, ‘você não terá tempo de dar atenção a sua família’, ‘você já trabalha fora, tá bom!’. Não dei ouvidos e ultrapassei essa cerca invisível que várias mulheres são submetidas, me apresentando para ocupar a referida vaga.

Em uma segunda-feira, ao adentrar pela primeira vez o espaço acadêmico público, para assistir a primeira aula, tive a certeza de que eu teria que ser forte. Meninas e meninos andavam pelos corredores da Universidade, sorrindo, brincando. Jovens de aproximadamente dezoito anos, transbordando de alegria por estarem também ocupando esse espaço na ‘idade correta’. Já com meus 32 anos, classificada como os estudantes da modalidade EJA²⁰, fora da ‘faixa etária certa para habitar aquele território’.

No primeiro dia de aula, senti um imenso alívio ao me deparar com mulheres da minha faixa etária, algumas casadas, professoras da educação básica, e moradoras do entorno da universidade. Um perfil semelhante nas lutas, desejos e anseios. Mulheres trabalhadoras, de luta e de resistência!

No decorrer dos semestres, pude perceber vários fatores positivos em ser aluna do PARFOR. Éramos uma turma única que caminhou junto até a conclusão da graduação, o que fez com que todas se conhecessem e se tornassem presentes nos processos formativos umas das outras. A intensa troca de experiências entre os pares sobre o papel formativo dos professores, o olhar diferenciado dos docentes com nossa turma, através de diálogos entre tantos componentes do processo educacional serviram-nos para enriquecer nossas trajetórias.

No quarto período, a oportunidade em participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com professor/coordenador Jonas Alves, sobre a temática de Gênero e Sexualidade, enriqueceu ainda mais meu percurso. Embora estivesse inserida em sala de aula como docente, pude ter uma nova perspectiva sobre assuntos que atravessam diariamente nosso

²⁰ EJA é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada.

ofício, unindo a teoria à prática. Parafraseando Freire: realizar e compreender a práxis sem que haja um vazio entre a universidade e a educação básica.

Ao final da Graduação, minha monografia abordou o tema: O preconceito religioso no contexto escolar. O tema escolhido surgiu para além da postura profissional dos educadores, que podem disseminar comportamentos preconceituosos, como a inserção do Pai Nosso na rotina dos discentes, comemorações de cunho religioso, entre outros temas. Ancorada em memórias aqui relatadas, utilizei a minha experiência discente para realizar a produção e recorde com grande alegria da construção de minha monografia.

Distanciei-me do meio acadêmico por quatro anos e durante esse tempo, ingressei no município do Rio de Janeiro como professora do ensino fundamental (PEF)-40 horas e no município de Araruama como Orientadora Pedagógica. Ao vivenciar todo esse processo, rememorava o tratamento da escola ‘de verdade’ que enxergava a Dani, (aquela amiga de infância) como um grande peso, um grande problema. Essas memórias foram fomentadas pelas imagens que presenciava em ambas as redes de ensino, com práticas contrárias aos diversos aprendizados construídos na universidade através das aulas e da experiência no PIBID.

Desta forma, vivenciar as diversas experiências é entender que, ser professora é lidar com o outro. Essa premissa é aplicada com respaldo científico e social, haja vista que novos métodos e reflexões que permitem, finalmente, ressignificar a vida de tantas ‘Dani’ que são atravessadas pela invisibilidade tão presente no cotidiano escolar. Logo, a educação contemporânea nos convoca a lidar com outro, compreendendo a escola como um lugar político e de múltiplas identidades.

Ao refletir sobre todos os atravessamentos e sobre a possibilidade de se ter uma ‘Pedagogia engajada’ como cita bell hooks (1994), senti uma imensa vontade de retomar os estudos sobre como a história de vida das professoras e de como o PARFOR interfere diretamente no processo formativo de educadores.

Ao retomar, ingressei no grupo de pesquisa Currículo, Cultura e Política, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, liderado pela Professora Doutora Patrícia Bastos, surgindo em mim um novo incentivo: narrativas e trajetórias. Um novo incentivo surgiu em mim, através de narrativas e trajetórias. A cada encontro apresentado pelos participantes fui sendo gradativamente inspirada em tentar o Mestrado.

Uma importante marca do que sou hoje se deve às indicações no grupo de pesquisa que fizeram com que eu me reconhecesse como mulher negra. Em alguns estudos percebemos que muitas mulheres, após o encontro com a universidade pública, passam por alguns processos de

descobertas e uma delas têm sido as descobertas identitárias, como o “tornar-se negra” (SOUZA, 1983, p.25). Foi nesse espaço que consegui entender que a minha negritude era sinônimo de beleza, luta e de resistência.

Comecei o processo de apropriação da minha identidade e nesse processo de reconstrução as palavras ditas de Monique Evalin (2015) à banca do Prêmio Laureate Brasil, ecoaram em meus pensamentos durante algumas semanas: ‘nunca fui tímida, fui silenciada!’. Nos primeiros encontros, ficava em silêncio por medo de cometer alguma gafe ou tomar algum posicionamento errado.

Mas ao compreender esse movimento de escuta, pude entender que por muito tempo fui silenciada em minha vida por esse sistema patriarcal que se coloca pré-estabelecido às mulheres, em particular, às mulheres na maioria das vezes residentes de lugares estigmatizados. Achava-me tímida, mas hoje tenho a percepção que o silenciamento que se faz presente em mim é um reflexo de um período de opressão do qual vivi. E me questiono, quantos ‘silenciamentos’ me compõem?

Apesar desse questionamento ao ingressar no grupo de pesquisa, formado por quase sua totalidade de mulheres, mães, mulheres não-brancas e professoras, o sentimento de pertencimento e empoderamento me fez perceber que eu poderia fazer parte daquele espaço. Pois ali, percebia mulheres reais atrelavam inúmeros afazeres à identidade de pesquisadora, e juntas estávamos em uma luta contra o sistema patriarcal e o sexismo.

Vencendo aos poucos esses silenciamentos e com inúmeras subjetividades presente em mim: (mulher/mãe/esposa/filha/professora/pesquisadora efetiva em dois municípios/voluntária em um pré-vestibular social), resolvo tentar o ingresso no mestrado e para minha surpresa alcancei a vaga. Surpresa essa que demonstra a força do silenciamento que nos oprime e nos retira a confiança. E hoje estou aqui encorajada a contar minha história e a de tantas outras mulheres que me atravessam... Como as histórias que leremos adiante.

2.2 Apresentação do campo: a insurgência das vozes

O campo que caminhamos e os becos que partilhamos é composto por quatro egressas do curso de Pedagogia do PARFOR da UFRRJ. Tal escolha deu-se motivada inicialmente por minha história pessoal, uma vez que também sou egressa do PARFOR. O recorte por um grupo de Mulheres aconteceu pelo anseio em compreender como tais professoras que (re)desenharam suas histórias após a entrada na Universidade, optando por trazer neste trabalho as escrevivências das egressas que atuam em cargos de gestão nas escolas onde estão lotadas, posteriormente apresento o porquê da escolha do cargo de gestão.

A motivação pela definição de tal grupo rememorou em mim momentos formativos. Como salienta hooks “Quando penso no que escrever sempre trabalho a partir do lugar de experiência concreta, escrevendo sobre o que acontecia na minha vida e na vida de mulheres e homens que me rodeiam” (HOOKS, 1952, p.56). E assim, foi dado o primeiro passo. Encaminhamos para todas as egressas que faziam parte do corpo discente da segunda turma do Curso de Pedagogia do ano de 2010 da UFRRJ – Instituto Multidisciplinar.

Pensar sobre o movimento de chegarmos as egressas que serão autoras da pesquisa, foi um momento reflexivo com a orientadora Patrícia Bastos, era preciso trazer aquelas que constroem ou reconstruíram sua prática após o acesso a uma formação continuada, e como a construção de saberes ao longo da carreira docente destas, tornam-se uma demanda presente em dias atuais. Para tanto, foi criado um formulário e encaminhado através de e-mails as egressas do PARFOR da turma de 2010.

Figura 6: Formulário de pesquisa



Egressas do PARFOR

Este formulário tem como objetivo encontrar egressas do PARFOR que desejem participar como protagonistas da dissertação de mestrado que se debruçará sobre mulheres egressas do PARFOR da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

***Obrigatório**

Nome *

Sua resposta

Qual seu gênero? *

feminino

masculino

Prefiro não dizer

 Pedir acesso para editar

Fonte: arquivo da autora

Além dos momentos formativos que ganham destaques comuns na pesquisa, percebemos uma marca predominantemente nos formulários recebidos, quatro egressas pontuaram que eram

Pretas e que naquele momento ocupavam o cargo de gestão. Devemos destacar que cargos de chefias normalmente não são ocupados por mulheres Pretas, isso se deve por inúmeros indícios vinculados a um racismo estrutural contido em nossa sociedade, verificamos tal informação quando entendemos que vivemos nesta sociedade que exclui tacitamente mulheres dos cargos de poder, principalmente as Pretas.

A partir desses dois indícios, delimitamos nossa pesquisa, Mulheres Pretas egressas do PARFOR que ocupavam cargo de gestão. Por compreender a importância em ampliar as desconstruções contidas na sociedade. E também porque, uma boa história é quando toca o outro, e essas sentem-se chamadas a fazer parte da história.

No caso desta pesquisa, optamos por apresentar as egressas por nomes fictícios, por critérios de confidencialidade devido aos acontecimentos que aqui serão rememorados, parecendo-me o melhor rumo quando apresentamos relatos sobre os diversos atravessamentos que acometem muitas mulheres.

E aliás, quem nunca sonhou em escolher seu próprio nome? Por esse motivo, as escolhas dos nomes que foram utilizados na pesquisa, tiveram seu batismo feito por elas: Ana, Adriana, Luana e Nana. As egressas assinaram um termo e concordaram com as exposições suas de memórias e de nossas conversas, que serão apresentadas durante o desenvolvimento do texto.

Ao nomear a luta das mulheres, Ana, Adriana, Luana e Nana apresentamos as egressas que irão dialogar intensamente com a pesquisa, trazendo suas escrevivências, suas crenças e o surgimento de suas identidades docentes. Então, revela-se como objetivo principal desse trabalho compreender a trajetória de vida pessoal e profissional dessas quatro mulheres. Não através de um texto autobiográfico e sim, através de um texto que usa como base uma Pedagogia do afeto e da escuta.

E como Evaristo afirma:

Tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferentes pessoas. (<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>)

Assim, ao trazermos uma afro-brasilidade dessas para o foco principal da pesquisa com um mundo de olhares e vivências, entendemos que estamos abarcando diferentes mulheres e por isso se torna um tema importante e urgente para nós. Um verdadeiro aquilombamento de jornadas.

As quatro mulheres/professoras/egressas foram comunicadas e demonstraram alegria e afeto ao serem avisadas de que seriam retratadas em uma pesquisa de pós-graduação. Evaristo (2019), ao longo de suas escrevivências, reafirma a importância de as Mulheres estarem na Universidade ao inferir que tê-las representadas em pesquisas acadêmicas apresenta-lhes a possibilidade serem parte desse universo e se manter nele. Foi então que se iniciaram os registros de memórias repletas de riquezas e variadas informações sobre suas vidas, através de dois encontros presenciais e conversas no grupo do WhatsApp.

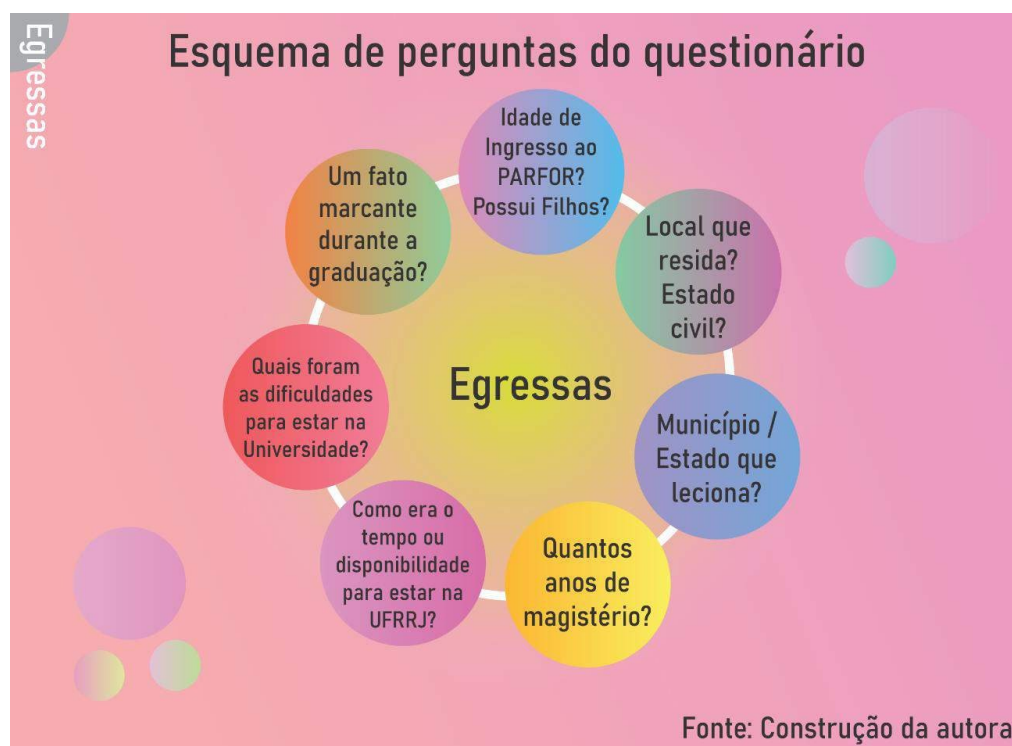
2.3 RODA DE AFETOS: primeiro encontro.

Nesse primeiro encontro, foram organizados alguns questionamentos que serviram como alicerce para os direcionamentos a serem tecidos ao longo da pesquisa. A princípio foi realizado um momento em que fosse possível conhecer um pouco sobre a história de cada uma das egressas, chamado pela autora de ‘Roda de afeto’.

Nessa Roda de afetos, optamos por um questionário inicial fechado para incentivar as apresentações das participantes. O encontro ocorreu presencialmente no dia 23 de agosto de 2019, na sala a qual as egressas estudaram durante a maior parte do curso de graduação no Instituto Multidisciplinar.

Às egressas desse território afetivo, foram solicitadas a responderem as perguntas presentes no esquema abaixo. Tratou-se de um momento muito rico em emoções, pois a maioria não havia retornado àquele espaço, desde conclusão de suas respectivas graduações. No quase ‘gozo da escuta’ as ‘memórias subterrâneas’ vieram à tona e a explosão de afetos se fez presente naquela tarde ensolarada.

Figura 7 - Esquema de perguntas do questionário



Fonte: construção da autora.

O primeiro encontro foi um dos mais importantes, visto que percorrem memórias referentes à fatos que destacam inúmeras marcas e saberes emancipatórios. E assim, iniciamos apresentando as perguntas em uma folha impressa, e ao fundo o som da música que aguça a sensibilidade, que transcreve a alma e desperta memórias, *Nossas Histórias* de Oswald Montenegro.

Nesta melodia, o autor e cantor diz,

“quando a sua história tira a minha para dançar, como bailarina salta e gira sem cansar, vence a gravidade e fica leve até voar,...quando um coração se acalma e volta pro lugar, a esperança sonolenta acorda e vai brincar.”

A partir do contato com essa belíssima música, Luana (40 anos) pergunta se pode iniciar a roda. E assim fez, relatou que tinha uma filha, residia em Nova Iguaçu, e seu estado civil era separada. Luana nos conta, que tinha 20 anos de experiência no magistério ao ingressar na sua graduação. Descreveu que sua disponibilidade em estar na Universidade era uma correria, **trabalhava²¹ no município de Nova Iguaçu, como diretora. Era uma imensa correria, sinceramente não sei como eu conseguia.** Afirmou que seu cansaço era perceptível para todos que estavam envolvidos no processo educacional, isso se dava porque **trabalhava muito, ocupava o cargo de**

²¹ A opção pela escolha da letra na cor roxa é uma estratégia estética para fazer o texto ficar mais destacado nas falas das egressas.

gestão e ainda dava aula. Me sentia cansada, sempre atrasada e com um imenso sono. Mas não desisti, lutei porque era um sonho e eu precisava alcançar.

Luana ao destacar tais fatos, nos apresenta o indício da falta de cooperação entre Secretarias de Educação com o Programa PARFOR. O programa contém como um de seus pilares o bem-estar dos estudantes para uma melhor aprendizagem e desenvolvimento e seu objetivo principal é capacitar cada vez mais profissionais para atenderem a demanda de ensino brasileira e, com isso, assegurar uma educação de qualidade para os alunos de todos os níveis da educação básica. Tal informação, se encontra presente no Portal (<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35038>)

Entretanto, a realidade se torna clara na exposição da fala da egressa, que tinham que lidar com o constante cansaço devido a intensa carga de trabalho, e como isso poderia influenciar negativamente seu processo de formação. Pois, a falta de tempo por possuírem inúmeras subjetividades como mãe, professora, esposa, estudante, comprometem um número significativo das mulheres que acessam a Universidade. Muitas vezes essa carga a mais em rotinas de mulheres levam ao trancar suas matrículas.

Sobre a pergunta por que se inscreveu no PARFOR? Luana nos disse que sempre quis, *era um sonho quase que inalcançável. Além de outro fator determinante, eu ocupava o cargo de gestão no município de Nova Iguaçu e o município tinha lançado um decreto que só poderíamos permanecer no cargo, quem tivesse graduação.* Nesta fala Luana nos indica que muitos ocupantes do cargo de gestão da Escolas situadas na Baixada Fluminense, se dá através da indicação vinculada a cargos políticos.

Devemos destacar que fica a critério de cada rede estabelecer métodos próprios para que o diretor escolar possa assumir o cargo. O caminho para ocupar esse posto varia muito dependendo da Secretaria e pode acontecer por indicação política, concursos internos ou eleição. Algumas redes, por exemplo, exigem certo tempo de atuação em sala de aula para que os profissionais possam prestar concurso e se candidatar, como no caso do Município do Rio de Janeiro, outras indicam professores, e outras tem critérios político-partidários.

Quando o método de seleção de diretores é o concurso, todas as informações necessárias, como o conteúdo que a pessoa precisa saber para fazer a prova e a formação mínima exigida para assumir o cargo, costumam ser publicadas no edital. Entretanto, está cada vez mais evidente a importância da boa gestão e como ela impacta no processo de ensino e aprendizagem. Em relação à formação acadêmica, os diretores, em geral, cursam Pedagogia ou fazem outra graduação, mas atuaram como professores da Educação Básica durante um tempo.

Se torna importante destacar que na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, não consta um artigo em seu decorrer que trate especificamente sobre como deve proceder o ingresso de Gestores escolares, entretanto no art. 14, afirma que os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica de acordo com as suas peculiaridades, conforme os princípios: “I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II – participação da comunidade escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes” (BRASIL, 1996).

Outro indício que podemos extrair da fala de Luana, é quando a egressa cita que era um sonho inalcançável a graduação, sobre isso percebemos que a opressão racial é algo aniquilador, em suas facetas o auto-ódio que é quando uma pessoa tem uma antipatia extrema ou ódio por si mesmo/ a síndrome de impostora que é caracterizada por pessoas que têm tendência à autossabotagem, a pessoa tem uma percepção de si mesmo de incompetência ou insuficiência / a não aceitação/ e tantas outras anulações servem muitas vezes de aterramento para nossas tantas histórias.

O direito ao sonho é algo revolucionário. Nesse sentido a autora, Djamila Ribeiro (2021) diz que entrar na Universidade era um sonho sentido, pois “Minha vó não teve oportunidade de estudar, minha mãe não teve oportunidade de estudar. Eu estou quebrando esse ciclo agora!” De alguma maneira, as pessoas Pretas sempre foram excluídas historicamente, e não sabiam que era possível acessar espaços como a Universidade. Desta forma, o direito ao sonho é romper com as democratizações das frustrações do povo preto.

Ao ser questionada a respeito de um fato marcante ocorrido durante o curso, Luana emociona as participantes, que concordam com a fala da colega: São tantas coisas, tantas saudades. Poderia citar as aulas, os passeios, as apresentações, as aprendizagens. Mas, acho que toda turma foi afetada pelo infarto de uma colega que aqui está. Ela era nosso retrato, mãe solo, docente e guerreira. Não importa o que tinha fora da Universidade, ela tinha que dar conta. Ela tinha que ser mulher! Para justificar sua opinião, Luana afirma que os métodos usados pelas secretarias poderiam ser diferentes, e assim evitar fatos como o da colega de turma.

Outro indício é quando a egressa retrata o perfil das estudantes do PARFOR, Mulheres Pretas, periféricas, mães solo e acima de trinta anos de idade. Uma verdadeira Política de defesa de direitos dessas mulheres e amplificação de vozes silenciadas. Além de ser um espaço de ação e resistência pelo momento atual que nosso país vive na área da Educação, e no campo da Formação de Professores. Em linhas gerais, para as moradoras de áreas periféricas como a Baixada

Fluminense, é uma possibilidade de um reconhecimento de direito além de representar um compromisso com aprendizagem afetiva e de resistência.

Assim, podemos afirmar que a UFRRJ/ Instituto Multidisciplinar é um quilombo afetivo na baixada, peça fundamental para o resgate de direitos ancestrais com essas mulheres na busca do sistema educacional. Como descrito por Ribeiro (2021) sobre sua avó e sua mãe que não tiveram o direito ao estudo.

Nesse movimento de subversão e subsídio, as egressas destacam que a presença de mulheres Pretas na Universidade são uma subversão em um país tão colonialista como Brasil, e ao mesmo tempo o programa PARFOR, se apresenta como subsídio para auxiliar na emancipação pessoal e profissional destas mulheres, como traz Nana em seu relato a seguir.

Nana (48 anos) disse não ter tido filhos consanguíneos, mas tinha muitos sobrinhos/filhos do coração. Seu estado civil era casada e residia no Bairro de Cabuçu, que fica no município de Nova Iguaçu. Contou que fazia parte do quadro estatutário do município de Nova Iguaçu como professora e também possuía matrícula no Estado do Rio de Janeiro, e neste ocupava o cargo de gestora. Em relação a questão de horário para conciliar todos seus afazeres, Nana disse que era algo extremamente difícil. Além das duas matrículas, eu tinha uma casa de festa que alugava o espaço e itens, para auxiliar na minha renda. Era uma tremenda correria, só vivia atrasada (risos), mas consegui, graças à ajuda e o auxílio de pessoas queridas e estimadas!

Ao destacar que além das duas matrículas em secretarias e municípios diferentes, Nana nos apresenta a desvalorização que acomete a carreira docente, sobre isso, Oliveira (2013, p. 8428) em seu artigo analisa a questão da profissionalização docente e enfoca as raízes históricas de seu desprestígio, argumenta que a dificuldade para o reconhecimento da docência como uma profissão decorre do fato de que, ao longo da história brasileira, a educação teve muitas fases e significados:

Por vezes [a educação] serviu para cultivar as coisas do espírito, outras vezes, alimentou os interesses de ascensão da elite, depois foi "democratizada" para atender aos interesses do Capitalismo Industrial, e atualmente atende aos interesses de uma economia globalizada regulada pelo Mercado.

Oliveira (2013), ainda acrescenta que em meio à rede de interesses que permeia a história da educação brasileira está a figura do professor:

Nesse quadro, é extremamente difícil enxergar a profissão docente com autonomia. A profissão docente tem passado por um processo de proletarização, ao longo da história da educação brasileira, visto que a expansão escolar recrutou uma massa de profissionais sem as necessárias habilitações acadêmicas e pedagógicas. Desta forma, antagonicamente, assiste-se à degradação do estatuto, dos rendimentos e do poder/autonomia. A tendência à diminuição da autonomia profissional do professor é reforçada pelas políticas públicas que tendem a separar os atores que planejam dos

que executam; isto é, quem elabora os currículos e programas e quem os concretiza pedagogicamente. Tal fato vem desde a educação jesuítica ao transplantar uma cultura intelectual "alienada e alienante". Junto a isso, mais recentemente, a qualidade do trabalho docente cede lugar à quantidade, devido à intensificação de tarefas administrativas que lhe são cobradas, perdendo-se assim competências coletivas importantes. argumenta que a dificuldade para o reconhecimento da docência como uma profissão decorre do fato de que, ao longo da história brasileira, a educação teve muitas fases e significados. (OLIVEIRA, 2013, p. 8429)

Nesse quadro, segundo o autor, é extremamente difícil enxergar a profissão docente com autonomia. E ainda reforça que a profissão docente tem passado por um processo de proletarização, ao longo da história da educação brasileira, visto que a expansão escolar recrutou uma massa de profissionais sem as necessárias habilitações acadêmicas e pedagógicas, cedendo lugar ao invés da qualidade apenas a quantidade.

Desta forma, antagonicamente, a profissão docente assiste-se à degradação do estatuto, dos rendimentos e do poder/autonomia. A tendência à diminuição da autonomia profissional do professor é reforçada pelas políticas públicas que tendem a separar os atores que planejam dos que executam; isto é, quem elabora os currículos e programas e quem os concretiza pedagogicamente.

Podemos dizer que, tal fato vem desde a educação jesuítica ao transplantar uma cultura intelectual 'alienada e alienante'. Junto a isso, mais recentemente, a qualidade do trabalho docente cede lugar à quantidade, devido à intensificação de tarefas administrativas que lhe são cobradas, perdendo-se assim competências coletivas importantes, como cita Oliveira (2013).

Nesse mesmo cenário que utiliza como base a docência, temos a pesquisa no estágio inicial do Programa da Iniciação Científica- PIBIC com Professora Doutora Ana Maria Marques Santos de mãos dadas com a estudante de Pedagogia da UFRRJ-IM Patricia de Souza Lima. Na pesquisa, as autoras coletaram dados, através de um questionário chamado de "Pesquisa colaborativa com as Mulheres-Professoras do curso de Pedagogia PARFOR, do Instituto Multidisciplinar – UFRRJ" feito no Google Forms. Seu objetivo principal é compreender como se deu os processos formativos das professoras em serviço e suas redes de apoio das professoras/alunas do curso de Pedagogia – PARFOR/IM.

A partir daí, foram extraídos resultados, que sulearam toda a pesquisa. Um dos dados recolhidos que podemos apresentar e que vai ao encontro da fala de Nana, e sobre a rede de apoio que auxiliam e possibilitam estratégias de conclusões e permanências em espaços Universitários.

Em relação a indagação sobre o motivo ter se inscrito no PARFOR, Nana com brilho nos olhos e voz embargada disse, *desejava muito ter graduação, acreditava que faria uma imensa diferença em minha vida pessoal e profissional. Apesar da grande dificuldade com a falta de tempo*

para encaixar o horário das aulas em meus tempos. Demorei 2 vezes mais para concluir! No finalzinho quase desisti, eis que surge um alô da professora X, foi decisivo, e ressurgi das cinzas.

Outro dado que podemos extrair da fala de Nana é o gráfico que consta a consulta geral dos discentes do Programa PARFOR na UFRRJ de 2010 até o ano de 2016, que as autoras Ana Marques e Patrícia apresentam em sua pesquisa, citada anteriormente. Nele consta o quantitativo de 223 estudantes do curso de Pedagogia do IM. Desse universo de 223 estudantes, 217 são do gênero feminino e 5 do gênero masculino, deste 98 concluíram o curso, 100 cancelaram a matrícula e 25 estudantes ativos. Vários motivos podem levar ao trancamento da matrícula em um curso da Universidade, tais como: falta de tempo, baixa remuneração, assiduidade, entre tantos outros. Mas um fator destaca-se nas falas das egressas e de tantas outras mulheres, a síndrome da impostora. Segundo a autora Rafa Brites (2020), a síndrome de impostora como o sentir-se incapaz. E elas dizem que por tanto tempo sentiram-se assim.

Nana descreveu que o fato mais marcante em sua trajetória no PARFOR, foi o dia de convocação na Universidade, sobre isso falou: *quando fomos convocadas para o sorteio de vagas, foi um misto de incredibilidade de estar ali, diante da possibilidade de fazer parte dela, seguida por um balde de água fria: Não fui sorteada no primeiro momento, mas depois veio a alegria, recebi um e-mail de convocação.* A fala de Nana tem um relevante destaque, visto que para ela cursar a Universidade era algo muito longe e inacreditável para uma mulher do perfil e da idade dela. Ao trazer o balde de água fria, a egressa nos apresenta como eram realizadas as escolhas dos candidatos à vaga pretendida, sorteio. E sorteio pode trazer um sim, ou uma resposta momentânea negativa.

Sobre um fato semelhante, Djamila Ribeiro

Ao ver meu nome na lista de aprovados, tive uma sensação ambígua: fiquei feliz por ter conseguido, mas ao mesmo tempo nervosa, temia por não poder fazer o curso. Enquanto Vivi, Cleide e Jaque comemoravam, eu pensava: “Passei, e agora?” (Ribeiro, 2020, p. 151)

Romper esse ciclo de exclusão e a incredulidade presente na vida de tantas mulheres, faz com que programas como PARFOR e a Universidade, se tornem políticas públicas que de alguma maneira se tornem um sonho sentido, que possibilita o processo emancipatório a tantas mulheres. E a partir dessas sensações seguimos motivada pelas memórias das colegas, Adriana (30 anos) inicia sua fala. Seu estado civil era casada e durante a graduação ganhou dois filhos de coração que entraram em sua vida pelo processo de adoção. Moradora de Japeri, trabalhava como contratada do mesmo município quando conseguiu ingressar ao meio Universitário.

E agora o que farei? A egressa nos contou que foi cortada imediatamente por esse pensamento. Ribeiro (2021) também relatou que teve a mesma sensação após conseguir seu ingresso na Universidade Pública. E explica que esse ‘e agora?’ estava atrelado ao seu horário de trabalho, pois as aulas eram no mesmo horário.

Lembro que eu e uma amiga que também conseguiu a vaga, fomos na casa da diretora tentar convencê-la a nos liberar um dia na semana, porque poderíamos cursar as outras disciplinas na turma da noite. Mas era necessário fazer uma disciplina a tarde. Para nossa sorte, fomos na casa dela, em uma sexta-feira a noite e ela estava alcoolizada, permitiu nossa liberação e depois não teve como voltar atrás.

Adriana nos contou que sua disponibilidade em estar no Instituto Multidisciplinar se tornou mais complicada a partir do terceiro período, quando houve seu ingresso no quadro estatutário do Município do Rio de Janeiro, chegava às vezes com uma hora de atraso. Nem todos os professores entendiam, mas como era recém-chegada ao município tinha vergonha de pedir para sair mais cedo. Preciso contar também que na época que fiquei desempregada, o que me auxiliou foi o auxílio permanência, e isso custeou a minha passagem, me ajudou e me deu um respiro.

A partir da fala da egressa, podemos extrair o indício que destaca a questão das bolsas na Universidade. Através de estudos sobre cotas e bolsas, como o de Nilma (2019) comprovam que a atuação dos estudantes cotistas/bolsistas nas universidades tem melhor aproveitamento do que os não cotistas.

As pesquisas oficiais e acadêmicas têm comprovado que o desempenho escolar dos estudantes cotistas nas Universidades tem sido igual ou melhor do que os não cotistas. Ou seja, negras e negros são produtores de conhecimento e têm direito de estar nos lugares do conhecimento. E se esses lugares têm sido historicamente negados, cabe ao Estado intervir afirmativamente para lhes garantir direitos. (GOMES, 2019, p. 89)

É extremamente necessário reconhecer que, para parte dos estudantes, não basta proporcionar o ingresso. É preciso também garantir a permanência, através do investimento na alimentação, moradia e transporte do estudante. E indo ao encontro fala de Nilma, cabe ao Estado possibilitar essa garantia.

Nilma Gomes (2019), ainda nos apresenta o estudo feito por Jacques Wainer da Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP e Tatiana Melguizo da University of Southern California, que realizaram a comparação entre o quantitativo de um milhão de estudantes que realizaram o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes- ENADE, entre os anos de 2012 e 2014.

Os pesquisadores concluíram que a qualificação dos formados que ingressaram no Ensino Superior por meio de ações de inclusão equivale ou até mesmo supera a de seus colegas. As ações de inclusão consideradas pela investigação foram: o sistema de cotas raciais ou sociais. (GOMES, 2019, p.90)

Reforçando alguns pontos já destacados, Nilma (2019) reflete sobre como houve uma grande relutância, por diversas instancias educacionais em reconhecer que Pretas possuem, ‘saberes aprendidos na resistência que legitimam sua presença nos espaços de conhecimento.’

Há, de fato, tensões e discordâncias sobre o tema nos espaços Universitários. Acreditamos que, de fato, seja mexer nas estruturas sociais da sociedade, possibilitar que mulheres Pretas acessem e permaneçam em espaços historicamente negados, cutucando assim o mito da democracia racial e conseqüentemente o sistema patriarcal.

Seguindo, em relação ao que motivou a se inscrever na Plataforma, a egressa Adriana pontuou que *uma colega de trabalho havia conseguido entrar na Universidade pela Plataforma Freire, e ela nos incentivou a realizar a inscrição*. Sobre esse movimento chegamos a uma frase que se encaixa perfeitamente, dita e defendida por Angela Davis ‘uma sobe e puxa a outra’, quando a autora esteve no Brasil.

Assim, decidimos que não ficaremos mais sozinhas, que é importante ser pioneira em algo, mas o mais fundamental é abrir portas para mais e mais mulheres Pretas, brancas, vermelhas, indígenas... E, principalmente, uma poderá ser representada na vitória da outra. Desta defesa, fica evidente a palavra sororidade²² que tem seu significado delimitado por Tatiane Leal em sua Tese de doutoramento, A invenção da sororidade como,

Sentimentos morais, feminismo e mídia “sororidade nada mais é do que o princípio básico de solidariedade feminina”, uma capacidade – “sororidade é a capacidade que as mulheres possuem em se reconhecerem como irmãs”, uma ideia – “a ideia de as mulheres serem solidárias umas com as outras”, ou, até mesmo, uma forma de ser – “colocarmo-nos em rede, ouvirmos verdadeiramente a outra e, principalmente, nos darmos as mãos, é uma forma de sororidade, de ser soror”. A definição mais frequente é a ideia de pacto, aliança ou união entre mulheres: algo desejável, revolucionário e que os discursos se propõem a ensinar. (LEAL, 2019, p.95)

Como vemos, Tatiane Leal (2020) diz que a sororidade é uma

experiência sentimental que carrega uma potência de reconfiguração das relações entre mulheres. Esse sentimento pode promover bases para uma ética feminista que

²² Sororidade é um termo que propõe solidariedade e empatia entre as mulheres. No livro "#Sororidade - Quando a Mulher Ajuda a Mulher", a autora Paula Roschel explica que a palavra também representa "a capacidade de se pôr no lugar da outra, de se enxergar em outra mulher, reconhecendo nela suas próprias forças e fraquezas - mesmo entre aquelas que não estão no seu círculo de convivência".

impulsione ações coletivas sem apagar as diferenças entre as mulheres e sua identidade como indivíduos. Essas concepções produzem novos entendimentos sobre as formas de fazer política no contemporâneo, atravessadas pelos formatos e pelas ambiências dos meios de comunicação.

Retomando a ideia da frase dita por Ângela Davis, a autora completou dizendo que é preciso enfatizar sempre a importância de mulheres Pretas se movimentarem, pois,

Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo. (DAVIS, 2017)

Ao desestabilizar a sociedade, quando uma mulher preta se movimenta possui um estremecer. Dito isso, ocupar essa base da pirâmide, e ter uma rede de apoio que muito a ajudou, Adriana nos traz outro indício sobre sua memória afetiva do processo de graduação.

A construção da minha monografia, neste momento, eu me sentia realmente capaz e na defesa me senti realizada e orgulhosa de mim. Nesse momento, podemos verificar na fala de Adriana a questão de não se sentir capaz, e ao mesmo tempo de ter superado a síndrome da impostora. Essa superação se deu por conta da sua rede de apoio que era formada pelas colegas, pela orientadora e por meus parentes próximos.

Ana (37 anos) inicia sua participação falando sobre a sensação de encontrar as colegas naquela sala, se emociona. Enxuga as lágrimas e retoma a fala, conta que ao ingressar como estudante de Pedagogia, residia em Belford Roxo e tinha um casal de filhos, era mãe solo. Assim como Adriana, Ana era contratada do município que residia, mas que no decorrer de seu curso de graduação conseguiu sua primeira matrícula no município de Itaguaí.

A egressa destaca que um de seus desafios estavam relacionados quase sempre a questão financeira, a remuneração baixa, devido a ser mãe solo foi complicado conseguir dinheiro para ir assistir as aulas. Houve um momento em que se encerrou o contrato temporário da prefeitura de Belford Roxo, fiquei desempregada. Acabei montando uma banca de salgados, café, e outros itens, na frente de uma empresa para custear minhas despesas pessoais, inclusive o deslocamento até Universidade. Me recordo que tinha que acordar as duas e meia da manhã e por volta das onze horas da manhã retornava para casa correndo para ir para faculdade.

Ana com todos esses desafios ligados ao capital, a qual lutava diariamente para conseguir sobreviver e viver, foi contemplada com a bolsa permanência, que é um benefício financeiro concedido pelo Governo Federal para os estudantes matriculados no ensino superior. Como dito anteriormente e defendido por Nilma (2017) essas bolsas tinham como objetivo de o programa facilitar a continuidade do curso por pessoas com vulnerabilidade socioeconômica, concedendo uma

quantia mensal para apoiar o aluno. Fui contemplada e tive direito a bolsa, isso me deu um tempinho maior para estudar e passar em um concurso público. A Rural me fez acreditar que eu era capaz! Porque antes eu achava que não era.

Sobre qual foi o motivo de ter inscrito para o PARFOR, Ana disse que tentou a sorte, mas é preciso destacar que deveríamos ter o acesso como direito garantido e não vincular a um ato de sorte como o exposto na fala da egressa, *era um sonho antigo me especializar em minha profissão. Como já havia tentado 3 vezes em faculdades privadas e não tinha dinheiro para pagar as mensalidades, desistia! E sendo uma Universidade Pública, tentei a sorte.*

Ao destacar sua tentativa em ingressar por três vezes consecutivas em faculdades, Ana nos apresenta o quanto se torna essencial programas como PARFOR para a formação continuada de profissionais da educação. Pois, desconstruir que a função docente está vinculada a vocação, é algo imediato.

Assim, o PARFOR tem ao longo dos anos preparado o professor para o efetivo exercício da docência e não para uma vocação. Como podemos verificar no Relatório de Gestão do PARFOR 2009-2013 (Capes, 2013) como o programa representa o reconhecimento da importância e da formação de professores, para a qualidade da educação e não apenas a quantidade.

Ana ao falar sobre o fato que marcou sua graduação, não necessita nem muitas explicações. Somente suas palavras falam por si só! *Um fato é difícil, porque foram vários! (suspiros e risos). O mais marcante foi eu ter conseguido passar no concurso público e eu devo isso a Universidade Rural.*

Percebemos em mais uma fala das egressas, como foi unânime que o ingresso ao espaço Universitário possibilitou ascensão no quesito empregabilidade e uma remuneração melhor, para além dos conhecimentos adquiridos diariamente com as inspirações que eram ocasionadas pelas narrativas dos docentes do curso, como Ana destaca abaixo.

Os professores sempre chegavam com muito brilho no olhar e isso nos dava força. Foram muitas histórias e a minha história em muitos momentos iam ao encontro da história de vida desses professores que admiro tanto! Eu fui capaz de mudar a minha história através da minha vitória profissional! (voz trêmula, choro!).

O silêncio ensurdecedor ocasionado pela narrativa de Ana, se fez presente naquela sala, e ela continuou com memórias enxarcadas de emoções. *Preciso pontuar mais um fato: o meu infarto, conclusão de monografia, correria total. O que me deixou mais triste durante esse lindo processo da*

graduação, foi a falta de sensibilidade do meu orientador, ele não aceitou os atestados do período que fui acometida pelo mal súbito e gerou um grande mal-estar. Pensei em desistir!

Entretanto após um suspiro longo, ela concluiu, sorte a minha que tive o apoio de outro professor, me auxiliou na produção da escrita monográfica, de uma forma maravilhosa e consegui concluir e defender a monografia. Estou aqui, sou Pedagoga! (risos e alegria)

E assim tecemos nossa Roda de Afetos, naquela tarde ensolarada, com a certeza que contar uma história sobre si não é o mesmo que dar um relato sobre si. Vemos que as narrativas aqui destacadas pelas egressas são partes de suas escritas. Decerto, nem toda narrativa se relata a si mesmo, portanto ela deve estabelecer a responsabilidade por suas ações através do meio e somos todas partes desse meio.

Portanto, diante das narrativas das egressas se faz necessário ampliar a percepção sobre a Plataforma que ampliou o capital cultural²³ das egressas. Dessa forma, o próximo tópico da pesquisa apresenta a Plataforma Paulo Freire de forma conceitual, para assim tentarmos compreender o processo emancipador, a importância e os significados para os discentes do curso de Pedagogia da Universidade Rural do Rio de Janeiro.

2.4 Paulo Freire: a plataforma que ensina a ler o mundo!

A caminhada do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- o PARFOR não é recente. Ao contrário, vem sendo delineada desde LDB - nº 9394/1996 que apresentou vários mecanismos de regulação que foram sendo elaborados, tais como: decretos-lei, pareceres, resoluções, portarias ministeriais, dentre outros, com a finalidade de nortear as ações à formação docente.

Com o compromisso de ampliar essa caminhada e o acesso à formação de professores, outro documento a ser destacado é o Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado pela Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001. Esse plano, com vigência de 2001-2011, estabeleceu diretrizes, metas e estratégias para o campo da educação, traçando, em síntese, os seguintes objetivos: “a elevação global do nível de escolaridade da população, a melhoria da qualidade de ensino em todos os níveis, o acesso e a permanência na educação pública, bem como, a democratização da gestão do ensino público” (Brasil, 2001).

²³ O capital cultural é um termo da sociologia cunhado por Pierre Bourdieu. Consiste em uma série de ativos sociais que uma pessoa pode possuir, como educação, intelecto ou a maneira como se veste ou se comporta.

O PNE (2001 – 2011) teve desdobramentos através da Lei 13.005/2014 de onde surgiu o novo Plano Nacional de educação com as diretrizes educacionais para o país com vigência de 2014-2024. Sobre as providências na formação dos professores da educação básica, destacam-se as metas 15 e 16: garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE; política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei nº. 394 de 20 de dezembro de 1996, assegurando que todos os professores da educação básica possuam formação específica de nível superior obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.

A Meta 16 – formar em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos(as) os(as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas do ensino (PNE, 2015, P.275).

É importante reconhecer que o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) que foi criado em 2009, por meio do Decreto 6.755/2009, trata-se de um programa de caráter emergencial que tem como finalidade de induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade para professores em exercício na rede pública de Educação Básica que não possuíam a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96. Segue abaixo um esquema de como foi idealizado o PARFOR.

Figura 8 – Esquema de organização em linhas gerais do PARFOR



Fonte: Construção da autora

Implantado em regime de colaboração entre a União, representada pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –CAPES, os estados, o Distrito Federal, os municípios e as instituições de Educação Superior – IES, o PARFOR fomenta a oferta de cursos em nível superior aos professores da educação básica em exercício em escolas públicas que não possuam formação adequada prevista pela LBD. Esse plano teve como ‘projeto piloto’ a criação de 140 turmas em 32 Instituições Educacionais Superiores com o total de 4.273 matrículas.

Destacamos que o PARFOR oferta vagas presenciais e a distância, e o acesso a essas vagas são realizadas através da Plataforma Paulo Freire. Esse acesso às ações afirmativas na Universidade vem incomodando as forças conservadoras do capital e também os atuais governantes. Cabe informar, que no ano de 2020, a Plataforma Paulo Freire, que homenageava o educador brasileiro Paulo Freire foi renomeada para Plataforma da Educação Básica, indo ao encontro do pensamento conservador do atual governo.

Dados atuais fornecidos pela Capes sobre o PARFOR desde seu lançamento ajudam a compreender melhor o quadro em que vem ocorrendo no programa emergencial de formação de professores da educação básica desde a sua implantação em 2009. Segue abaixo o quadro:

Tabela 1 - Dados sobre o PARFOR

Dados do programa	
Turmas implementadas até 2019	3.043
Matriculados (2009 até 2019)	100.408
Turmas concluídas até 2019	2.598
Turmas em andamento em dezembro/2019	445
Professores já formados	53.512
Professores cursando em dezembro/2019	59.565
Instituições de ensino superior participantes	104
Municípios com turmas implantadas	510
Municípios atendidos (com pelo menos um professor matriculado)	3.300

Fonte: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>

Ao realizar a leitura da tabela, vemos que 510 municípios do Brasil implantaram turmas de PARFOR com a parceria de 104 Instituições Superiores que ofertaram 3.043 turmas, sendo 2.598 concluídas e 445 em andamento em dezembro de 2019. Destas o quantitativo de mais de cem mil matriculados e 53.512 professores formados.

Apresentados os dados, percebe-se o quão importante é uma política nacional de formação e valorização dos educadores. Inserir professores/alunos como sujeitos do processo educativo na construção de uma melhor qualidade de ensino para o alcance de metas estabelecidas. Nesse sentido, Nóvoa (2009) destaca que deve ser eliminado o vácuo existente entre a Universidade e a Educação Básica para que não haja uma perpetuação de uma teoria vazia.

Entender e se aprofundar em acontecimentos marcantes dessa década desvela a grande relevância que um programa emergencial como esse tem para nação. Fatos como o golpe ocorrido contra a Presidenta Dilma, o governo golpista empossado do Temer, a morte de Marielle Franco que foi uma socióloga e política brasileira, mulher combativa, admirável, elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro para a Legislatura 2017-2020, obteve a quinta maior votação do município. Marielle defendia o feminismo, os direitos humanos, e criticava a intervenção federal no Rio de Janeiro e a Polícia Militar, tendo denunciado vários casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes.

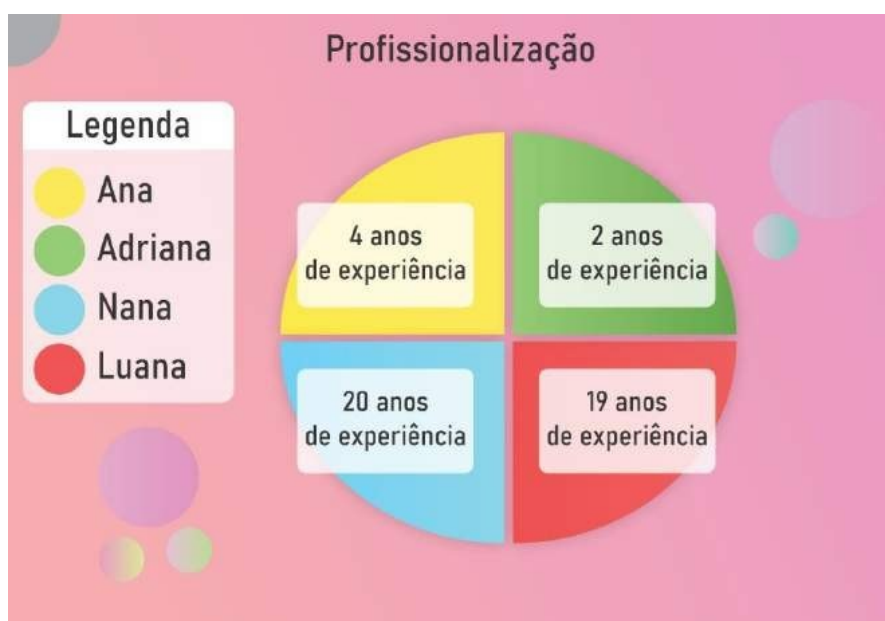
Em 14 de março de 2018, foi assassinada a tiros junto de seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, no Estácio, Região Central do Rio de Janeiro. A prisão do Presidente Lula e a chegada à presidência de Bolsonaro destacam a urgência de construir professoras! Apesar de fatos tão marcantes como 80 balas, perfurando/silenciando diariamente corpos negros, o mundo vem sendo tomado por Mulheres conquistando mais visibilidade e voz, através de programas como PARFOR e tantos outros movimentos emancipatórios.

Todas essas memórias tecidas até o momento nessa dissertação, são concebidas como escritas, neologismo elaborado por Evaristo para tratar de escritas autobiográficas de Mulheres Pretas. Para tanto, situar conceitualmente o PARFOR e trazer em seguida as egressas falando sobre esse programa nos auxiliam nas tantas escritas destacadas.

2.4.1 Diálogos da esperança: conexões de vida através do PARFOR.

Ao chegarem à Universidade após longos e tortuosos anos, as egressas apontaram o tempo de magistério quando ingressaram no Programa PARFOR. Nesse diálogo contínuo que a vida impõe, restando muitas vezes apenas a esperança, suas vidas são atravessadas e criam uma rede de apoio, incentivo e união através do PARFOR.

Figura 9: profissionalização



Fonte: Construção da autora.

Certamente esse é um dado importantíssimo para qualquer pesquisa que aborda a questão de formação de professores em um de seus eixos, entretanto, não iremos nos debruçar sobre esse

indício. Por sua vez, deixamos destacado que posteriormente poderemos ampliar esse estudo sobre o tempo de docência de cada egressa.

Contudo, temos que destacar uma provocação de Antonio Nóvoa (2019) quando faz a pergunta, ‘como cada um se torna professor?’ Ao percebemos que o autor em seu texto aborda a questão do saber herdado da experiência escolar, nos tornamos professores através das marcas e concepção que aprendemos com o decorrer de todo processo educacional.

Ao ser plenamente inspirada pela indagação do autor, levantei o seguinte questionamento às egressas: como elas viam suas práticas cotidianas?

As egressas foram unânimes em dizer, que percebiam o quanto repetiam em sua prática as amarras, os preconceitos, as marcas e a Pedagogia Bancária²⁴ que seus respectivos professores faziam com cada uma. E isso, ficou ainda mais destacado, quando as professoras/estudantes ingressam ao PARFOR. Pois através de estudos, leituras que os professores do curso de graduação apresentavam de forma crítica, as faziam refletir sobre como elas agiam em seus respectivos espaços educacionais.

É uma imensa honra trazer o que as egressas nos ofertaram. As professoras estudantes em suas falas, resumiram o Feminismo o qual a pesquisa defende! E nos fizeram compreender como essa Plataforma Freire serviu de gatilho para impulsionar tantas mulheres pelo Brasil a fora.

Ana ingressou ao PARFOR como professora contratada do Município de Belford Roxo, mas, no segundo período ficou desempregada, pois o município finalizou todos os cargos contratados e realizou um concurso Público. Sendo arrimo de família e mãe solo, teve que se virar para conseguir alimentação e suprir com as custas do deslocamento de casa à Universidade.

Deste período, Ana demonstra com um sorriso de alívio, *eu que acordava às duas e meia da madrugada e montava uma barraca de café da manhã em frente a uma grande empresa no município que residia, após as onze horas da manhã retornava para casa, fazia meus afazeres e me direcionava as aulas no IM*. Sobre isso, Marielle Franco (2017), através das suas vivências e pesquisas, nos informa que:

Predominam nas favelas e na periferia, mulheres com essas características que, no entanto, são potência de criatividade, inventibilidade e superações das suas condições, nas formas de vida e nas organizações sociais em seus territórios, e alcançam em seus múltiplos fazeres centralidade na cidade (FRANCO, 2017, p. 90).

²⁴ Pedagogia bancária, para Freire, o termo "bancário" significa que o professor vê o aluno como um banco, no qual deposita o conhecimento. Na prática, quer dizer que o aluno é como um cofre vazio em que o professor acrescenta fórmulas, letras e conhecimento científico até "enriquecer" o aluno.

A professora/estudante relatou que, devido a intensa carga de afazeres, foi acometida pelo intenso desgaste emocional e físico. Mas para sua alegria, alcançou sua vaga como estatutária de um município de Itaguaí, entretanto a intensidade de trabalho não diminuiu. Trabalhava no turno da manhã e da tarde como gestora de uma creche, depois percorria uma distância de 75 km por dia, **nos dias de aula de um determinado professor era agonizante porque não conseguia chegar no horário e isso ocasionou um sentimento desesperador, não consegui lidar.** Deste estresse e imposição, Ana foi acometida por um infarto, relato já exposto anteriormente.

Ana, após o ocorrido em sua saúde, pode contar sua rede de apoio, que a não permitiu que ela desistisse. E assim, a fala de Davis (2017) destaca a dinâmica da importância da rede de apoio que envolvem tantas de nós, ‘precisamos nos esforçar para erguer-nos enquanto subimos. Em outras palavras, devemos subir de modo a garantir que todas as irmãs, independente de classe social.’

Em relação a solidão acadêmica que acomete mulheres Pretas que ingressam ao nível superior, duas egressas (Ana e Luana) pontuaram que se separaram de seus companheiros no decorrer do processo, por uma questão de ‘machismo’ como elas denominaram, pois, seus ex-companheiros não aceitavam a permanência na Universidade, onde a presença masculina se fazia presente em grande número.

Outra marca destacada pela violência doméstica feita por seus companheiros era que eles sempre diziam que ambas não sabiam nem falar direito. Essas falas estilhaçam a ‘máscara do silenciamento’, como afirma Grada Kilomba (2019) e tentam de todas as formas as silenciar.

A máscara do silenciamento. Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e outra em torno do nariz e da testa...sua maior principal função era implementar a mudez. (KILOMBA, 2019, p.33)

Neste sentido, o silenciamento sentido e vivido por Ana e Luana são reflexos oriundos de regimes brutais que determinam quem pode falar e sobre o que falar. Como tem ocorrido ao longo da história, essas agressões afetam mais gravemente mulheres de minorias étnicas como verificamos na vida das egressas.

Embora haja muitas violências nas trajetórias das egressas, histórias de resistência e amor vieram à tona como o exposto por Adriana (30 anos) que relatou o processo de adoção de seus dois filhos no decorrer da sua graduação, em março de 2012. A mesma era docente no município do Rio de Janeiro, em Pedra de Guaratiba, no turno da manhã e conseguiu um período de licença por

adoção. Enquanto ela se dirigia às aulas na Faculdade, eles se encaminhavam para escola no período da tarde, *conseguir tempo para realizar as atividades acadêmicas e dar atenção para eles era algo desafiador*, pois, era um período de adaptação e conhecimento mútuo, muitas vezes, a egressa conta que desistiu de realizar um trabalho de qualidade na Universidade para que pudesse sobrar mais tempo para o seu convívio com eles. E assim, deixa destacado um sentimento de culpabilidade que acomete a muitas mães que tem seus sonhos e objetivos pessoais.

Desta culpabilidade, Giovana Xavier (2019) diz que devemos desnaturalizar a culpa materna ‘aprender a nos reconhecer como seres humanas, também marcadas por limites e fragilidades’. E de alguma forma nos libertarmos de pensamentos como o exposto em seu livro pela autora. Quando a mesma resolveu tirar férias de dez dias na Bahia.

Como conseguirei ficar longe do meu filho por dez dias? Como ele se sentirá? E, ainda que tenha certeza de que esta é pauta exclusivamente familiar, em sendo mulher a gente também se preocupa com o clássico ‘o que os outros vão pensar?’ (XAVIER, 2019, p. 129)

Em uma sociedade como a nossa que retrata e multiplica o sistema patriarcal, se faz necessário trazermos sempre que possível para nós mulheres que temos direitos e protagonismos e realizamos tais movimentos, quando compreendemos que devemos romper com essa culpa materna. Mas ao finalizar sua fala Adriana sorri e diz: *foi desafiador, mas consegui, sou mãe e tenho nível superior!*

Dentre tantas violências, opressões destacadas aqui no texto, outro tema que merece um olhar diferenciado está relacionado ao preconceito no ambiente Universitário, todas egressas, disseram que sofreram um olhar torto por parte dos outros discentes que compunham a outra turma de Pedagogia, como uma forma de desqualificar o estudante que obteve seu ingresso na Universidade através do programa PARFOR.

Os argumentos citados pelos outros estudantes se pautava na forma de ingresso ao Programa, que é realizado por meio de uma inscrição na Plataforma Freire, como dito anteriormente. Não prestam exame de vestibular ou processo seletivo unificado para serem aceitos nos cursos de Licenciatura oferecidos no âmbito desse plano como, em geral, acontece o ingresso dos estudantes do ensino médio no ensino superior brasileiro.

Adriana conta, que quando tinha que puxar disciplina com outras turmas era um tormento, porque algumas falas a machucavam e isso a fazia sentir não pertencente aquele lugar. *Me recordo da fala de uma estudante de uma disciplina do noturno. Ela disse, “PARFOR desqualifica a Pedagogia da Rural. As alunas do PARFOR são fracas e diminui a nota do Curso de Pedagogia na*

prova do ENADE”²⁵, mas elas não tinham nada para comprovar isso! Sobre isso Certeau (1995), nos faz pensar ‘a relação de cultura de massa e recrutamento’, pensar na democratização do acesso e os modos como as Universidades reagem à presença dessas populações antes excluídas.

Sob esse duplo choque, a Universidade se fragmenta em tendências contrárias. Uma, os muros pelas seleções das admissões e radicalizando interiormente as ‘exigências’ de cada disciplina de controle mais rigoroso. E outra, o PARFOR que desconstrói e constrói, e enfatiza a importância de uma prática social e uma Educação Libertadora através de uma Pedagogia situada. Um verdadeiro esperançar contra o individualismo e contra padrões estipulados como únicos!

2.5 Constroem e (re)constroem: o pensar a Educação através do tecer de memórias.

“E os sonhos, submersos e disformes avolumaram-se engrandecidos, anelando-se uns aos outros pulsaram como sangue raiz nas veias ressecadas de um novo mundo”.
Conceição Evaristo

A proposta do programa PARFOR é como um gatilho de emancipação para mulheres nas questões sociais e econômicas. Automaticamente, essa melhora financeira tem ligação direta ao acesso a diversos meios culturais e assim, uma ampliação no capital cultural. Ao trazer histórias de mulheres invisibilizadas pela sociedade, percebemos a importância de ações afirmativas que partem de uma construção coletiva.

Nessa perspectiva, o empoderamento, como processo e resultado, pode ser concebido como emergindo de um processo de ação social no qual os indivíduos tomam posse de suas vidas pelas interações com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção de capacidade pessoal e social e possibilitando a transformação das relações sociais de poder. (BAQUERO, 2002, p. 181)

Uma possibilidade de práticas emancipatórias que direcionam mulheres Pretas a um processo de tomada da própria vida, através de programas que atuam como uma reparação histórica para integrar professoras que, muitas vezes, são subjugadas pelo racismo estrutural presente na sociedade. Nesse contexto, o PARFOR assume esse formato, ofertando uma Pedagogia atenta às demandas das professoras estudantes que ingressam neste. E, ao criar problematizações e emoções sobre diferentes temas do conhecimento reconstrói/ressignifica/emancipa tantas estudantes.

²⁵ ENADE é o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional.

Nesse rodado de emoções, a fim de construir uma narrativa com um arcabouço metodológico, afirmo, que para apenas um auxílio institucional a Escrivência, formamos um tripé. Aproximo a pesquisa dos conceitos do Paradigma Indiciário do autor Carlo Ginzburg e as Memórias Subterrâneas de Michael Pollak.

O sociólogo francês Michel Pollak se debruçou sobre a história, memória e questão social. Por trazer marcas das grandes guerras mundiais em sua trajetória de vida, o autor apresenta diversos conceitos ligados às memórias que são selecionadas, as memórias que são disputadas e como essas memórias são escolhidas pelo Estado para serem memórias tratadas como oficiais. Sobre isso Pollak (1989) destaca:

A organização das lembranças se articula igualmente com a vontade de denunciar aqueles aos quais se atribui a maior responsabilidade pelas afrontas sofridas.... Sua incidência é significativamente reduzida em comparação com a denúncia da barbárie, bem como da covardia e a indiferença (POLLAK, 1989, p.3).

Essa memória que pode ser relacionada com o livro de Chimamanda (2009) *O perigo de uma História Única no Technology, Entertainment, Design* (TED) a autora destaca a importância de trazer inúmeras experiências para que haja uma decolonialidade no senso comum, dito como verdade absoluta. E ao desconstruir rompem com a memória de dominação. Chimamanda (2009) ressalta:

E quando comecei a escrever, por volta dos sete anos, histórias com ilustrações em giz de cera, que minha pobre mãe era obrigada a ler, eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve. Comiam maçãs [...] Eu nunca havia estado fora da Nigéria. Nós não tínhamos neve, nós comíamos mangas. Meus personagens também bebiam muita cerveja de gengibre porque as personagens dos livros britânicos que eu lia bebiam cerveja de gengibre. Não importava que eu não tivesse a mínima ideia do que era cerveja de gengibre (CHIMAMANDA, 2009).

A necessidade de associar essas memórias à mudança política remete-nos aos riscos que a classe dominante sente ao perceber que o longo silêncio pode ser quebrado pela classe marginalizada, haja vista que a imersão de sujeitos insurgentes coloca em risco essa memória nacional. Para além, desconstruir fatos dados como absolutos é primordial para o pesquisador, uma vez que a aceitação plena do documento pode levar o pesquisador a incorrer em anacronismos.

Assim, a memória subterrânea é para Pollak (1989) o registro das histórias de vida de sujeitos subalternizados que assim como a escrivência potencializa o desvelar de memórias até então obscuridades. Logo, são mecanismos metodológicos que tratam das singularidades e, nesse sentido, se entrelaçam.

Neste trabalho as escrevivências compõem-se na oralidade e dessa forma, serão utilizados mecanismos de tratamento indiciário que contemplem tal modalidade de registro histórico, em uma captura qualitativa das narrativas das egressas. Vale ressaltar, que as escolhas metodológicas aqui trilhadas se coadunam com as escolhas metodológicas e teóricas do grupo de pesquisa do qual faço parte ‘Currículo, Cultura e Política’ liderado pela Prof^a Dr^a Patrícia Bastos de Azevedo. O grupo assume pesquisas qualitativas, subjetivas e de amplificação de vozes insurgentes, como coro e como fator estruturante, pois somos mulheres Pretas, periféricas, professoras, formadoras. Que trazemos na pele, sem nenhum acanhamento estas marcas que nos fazem ver, pesquisar e escrever na arte e na ciência.

Para auxiliar nesses passos que compõem este percurso da dissertação, o uso de aspectos metodológicos do paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg, é um método capaz de despertar o olhar para detalhes aparentemente tidos como secundários, mas que podem esconder a chave de entendimento de uma sociedade num determinado período de tempo, como destacado anteriormente por Evaristo e Pollak.

Para compreender melhor o surgimento do conceito de Paradigma Indiciário, podemos recorrer à excelente explicação de Silva (2013):

No livro “Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história,” no ensaio “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário” de 1989, Ginzburg explicita uma metodologia investigativa, relatando o passo a passo investigativo, tendo como exemplo métodos utilizados pelo personagem Sherlock Holmes na literatura, quanto à resolução de crimes, Morelli na arte, ao diferenciar uma obra original das cópias ao analisar detalhes minúsculos e Freud em seu método psicanalítico. Entre estes, encontrou similaridade nos modos de operar, e atribuiu a este fato a formação em medicina, entendendo que nesta ciência, é preciso investigar sinais, minúcias que apontarão o quadro clínico do paciente (SILVA,2013, p.39).

Mas o que é o paradigma indiciário? O Paradigma é uma ferramenta metodológica para utilizar quando for interrogar e interpretar as evidências, por meio de sinais, indícios, vestígios, signos e minúcias. Seria então uma teoria, e conseqüentemente um método de análise da pesquisa historiográfica, que permite o pesquisador analisar suas fontes através dos detalhes. Que nos do Grupo de Pesquisa Currículo, cultura e política extrapolamos para nosso espaço de reflexão e produção científica.

Ao realizar esse caminhar por passos que se atente aos detalhes em seu percurso, o pesquisador evidencia fragmentos que poderão ser utilizados na elaboração de sua narrativa. Corroborando com essa mesma linha de pensamento, Rodrigues (2012) através de uma explicação, definiu e exemplificou esta proposta de metodologia:

[...] conjunto de princípios e procedimentos que contém a proposta de um método heurístico centrado no detalhe, nos dados marginais, nos resíduos tomados enquanto pistas, indícios, sinais, vestígios ou sintoma. Os oficiais, relatórios, decretos-leis, fontes secundárias e voluntárias, ou seja, as fontes investigadas pelo pesquisador que, se submetidas à análise semiótica ou sintoma, pode revelar muito mais do que o testemunho tomado apenas como um dado. Entretanto, outras fontes podem e devem ajudar no trabalho de construção da narrativa histórica e da análise sociológica, trata-se das fontes involuntárias, isto é, aquelas que não foram convidadas a testemunhar. Identificadas por acaso, muitas vezes teimam, insistem e se intrometem na pesquisa. Nesse caso, o pesquisador deverá fazer uso de sua intuição e sensibilidade para argui-las com criatividade e inteligência, e estar atento aos atos falhos, às metáforas, as metonímias e aos deslocamentos (RODRIGUES, 2012, p. s/n).

O paradigma indiciário para Rodrigues (2012) se pauta nos indícios, nos detalhes, e esses são utilizados muito na micro-história, pois possibilitam o pesquisador a interpretar novas fontes, o que acaba por se diferir dos métodos tradicionais. E ao se diferenciar dos métodos tradicionais, muitas pesquisas acabam por desconstruir uma verdade absoluta de um determinado fato ou de uma determinada história.

Assim, o método do Paradigma Indiciário é uma técnica que também pode auxiliar todo o tipo de pesquisador, uma vez que tal metodologia se pauta pela descoberta e investigação de vestígios que podem revelar chaves de significados para um sistema maior de pensamentos. Ao estabelecer relação com a figura de investigador, do caçador e do médico, figuras que utilizam dos efeitos para inferir as causas, Ginzburg (1992) propõe o paradigma indiciário como um método interpretativo no qual os detalhes tidos como secundários ou mesmo negligenciáveis podem guardar a chave para a interpretação de um contexto social.

Este método trabalha descobrindo nas fontes e nos documentos dados além daqueles que estes pretendiam revelar, informações que, para a sociedade que produziu o documento, pode ser tido apenas como um fato posto, mas quando analisada e desconstruída pelo pesquisador, pode revelar um sistema vigente na época de produção de tal documento.

O paradigma indiciário proposto pelo historiador italiano Ginzburg (1992) impulsionou o gênero historiográfico conhecido como micro-história, no qual as pesquisas possuem recorte de objeto em escala microscópica, mas explorando tal objeto a exaustão, de modo a desvendar o universo de uma sociedade para além do próprio protagonista do estudo. Logo, o método se tornou fortemente ligada à micro-história, "A micro-história não inventa nada, apega-se obsessivamente às mínimas evidências que a documentação pode fornecer para dar vida a personagens esquecidos e

desvelar enredos e sociedades ocultados pela história em geral" (GINZBURG, 1992, p.103), uma sociedade a margem da sociedade.

Os principais trabalhos desenvolvidos no gênero da micro-história se baseiam na apresentação de personagens até então anônimos, cuja existência muitas vezes é revelada aos valores e sistemas vigentes nas épocas em que tais protagonistas vivem. Por esse motivo, a escolha por utilizar aqui aspectos metodológicos do Paradigma Indiciário é de extrema relevância, uma vez que a utilização dessa metodologia possibilita na abertura de novos caminhos/estudos sobre o passado.

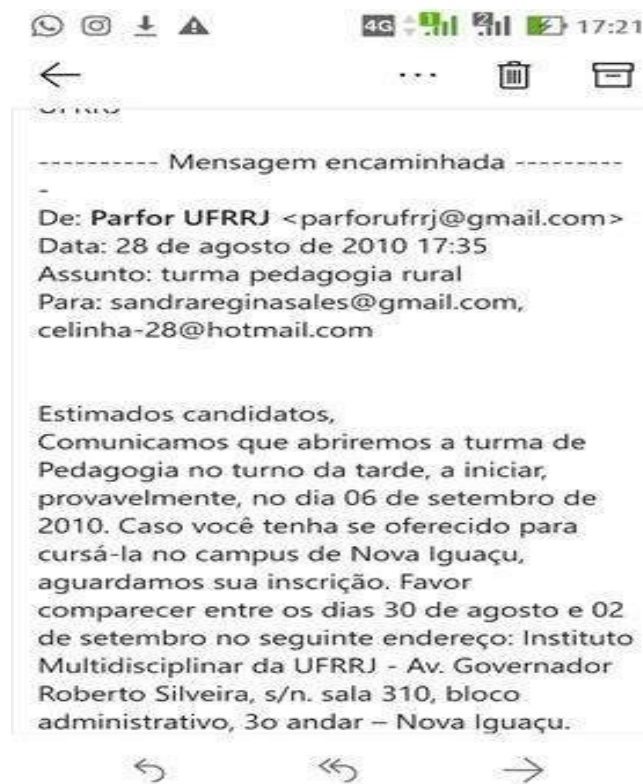
No caso de nossa pesquisa que se aprofunda nas escrituras de mulheres comuns que desconstruíram uma história única, e ao perceber as inúmeras possibilidades de estudos que partem dos vestígios destacados de suas narrativas, a utilização de tais aspectos metodológicos faz emergir memórias subterrâneas, senti capaz também de acolher, escutar, aprender com as histórias das egressas.

Percebe-se que a metodologia escolhida aciona a pesquisadora a pensar como uma investigadora, observando as falas, os vestígios, os indícios, as entonações nas vozes, as expressões faciais, o desconforto ou a alegria com determinadas falas. Em uma tentativa em compreender como uma investigadora que se debruça sobre os detalhes, que muitas vezes passam despercebidos.

Nesse sentido, as narrativas das egressas vão unificando fragmentos e automaticamente problematizam diversos pontos a serem destacados. Longe de ser uma verdade em si mesma ou de ser uma mentira completa, tais registros muitas vezes nos servem como pistas, indícios que podem apontar um caminho para onde conduzir nossa pesquisa.

Com o compromisso de ampliar o debate, adensar a análise, trazer novas interrogações e, principalmente, ampliar o protagonismo às falas e relatos das memórias socializadas nos encontros e no grupo de WhatsApp, apresento uma imagem que recebemos. Na imagem a convocação para ocupar vaga que as egressas tanto sonhavam. Para assim, remeter sua memória que vai se misturar com as minhas memórias e assim criar nossas tantas escrituras.

Figura 10: e-mail de convocação



Fonte: arquivo pessoal das egressas

Após todas receberem a imagem afetiva, foi sugerido pela pesquisadora que as participantes rememorassem quais os sentimentos de tiveram no momento que receberam o e-mail. Com esse movimento, conseguimos desvelar diversas emoções contidas nas escritas recolhidas no grupo do WhatsApp, trazemos na pesquisa para apresentar que a vida é uma intensa inspiração. Porque se reinventar é preciso!

Luana (40 anos) escreveu que foi maravilhoso, um turbilhão de sentimentos, e imediatamente ligou para a secretaria para confirmar o e-mail. De alguma forma, ela não acreditava na grande oportunidade que estava tendo. Nos contou que seus documentos já estavam separados, há tempos, e na data agendada chegou ao IM com um envelope recheado de esperança, para transformar a sua vida pessoal e profissional. Entretanto, destacou sobre uma preocupação que a afligia: *se eu conseguisse a vaga, será que eu seria capaz de concluir? Hoje posso dizer lembrando este e-mail, como uma doce lembrança que aquece meu coração e me faz acreditar que eu sou capaz!*

Com base em discussões que apresentam como dados as oportunidades escolares para mulheres pretas, temos que destacar a desigualdade racial, que dificulta o acesso e a permanência da população Preta. E isso, automaticamente invalida a capacidade educacional dessa população.

Cabe destacar que o ‘gargalo’ das oportunidades que cortam tantos corpos Pretos, não são coisas de hoje, vem sendo assim há décadas, o sociólogo Carlos Hasenbalg (2005) que diz, de acordo com o censo dos anos 40 e 50, fica destacados que os brancos -representando 63,5% da população total detinham 97% dos diplomas universitários, 94% dos secundários e 84% dos diplomas das escolas primárias.

Ratts e Rios (2010), nos provê uma reflexão muito imprescindível sobre a ausência de mulheres Pretas no meio Universitário e sobre o clareamento da cor de pele na medida que o grau de escolaridade aumentava, e para embasar apresentam as experiências de Lélia Gonzalez

Na faculdade eu já era uma pessoa de cuca, já perfeitamente embranquecida, dentro do sistema. Eu fiz Filosofia e História. E a partir daí começaram as contradições. Você enquanto mulher e enquanto negra sofre evidentemente um processo de discriminação muito maior. É claro que, enquanto estudante muito popular na escola, com o uma pessoa legal aquela pretinha legal, muito inteligente, os professores gostavam, esses baratos todos... (GONZALEZ, 1970, p.202)

Pode-se dizer que Lélia vivenciou experiência de embranquecimento. Em *O genocídio brasileiro* (1978) de Abdias Nascimento, o autor destaca o desejo de ser o outro: branco, europeu, colonizador, ocidental. Ao adentrar espaços como o Universitário é preciso refletir sobre muitos lugares que teimam em nos tornar o outro, ou mesmo em nos excluir, tentam muitas vezes esfregar em nossa cara que não pertencemos àquele território. Através de atitudes brutas, e outras com atitudes veladas. Sim, o racismo estrutural existe e nós sentimos na pele! Lélia sentiu! Ana sentiu a descrença em si, no corpo, na alma, no coração! Por isso a importância de gritos através de palavras, como esses que aqui estão contidos! E assim continuamos.

Dessa vez, Nana (48 anos) iria ingressar em uma Universidade Federal, a primeira de sua família. No momento do recebimento do e-mail, sua mãe estava ao seu lado e imediatamente tratou de espalhar aos quatro cantos da sua vizinhança a boa nova. Mas, Nana destacou que foi uma mistura de alegria e incredibilidade. **Eu em uma Universidade Pública Federal. Fiquei em choque, totalmente extasiada.** De uma maneira geral, concordamos com Nana, ao enfatizar a dualidade de sentimentos. Para tanto, faz-se necessário aprofundar nossos pensamentos nos desafios e negações que mulheres Pretas são impostas durante toda sua trajetória de vida, como vimos acima.

Desconstruir a síndrome da impostora, através do compartilhamento de experiências baseadas nas trajetórias de vida como dessas mulheres que partilham conosco esses processos de

resistências contra um sistema patriarcal, sexistas e racista. Desta forma, a próxima egressa ao desconstruir essa síndrome, gritou para afastar qualquer incerteza que poderia surgir.

Adriana (30 anos), relatou sua sensação, comparando como um intenso frio na barriga, por uns minutos ficou parada, sem saber como contar para sua colega. A egressa destacou que tinha certeza de que conseguiria a vaga e se tornar uma Pedagoga, e gritou bem alto no meio do calçadão de Nova Iguaçu: **VOU REALIZAR UM SONHO!**

Essa insistência que as egressas destacam, sempre atrelando o PARFOR a um sonho, é uma discussão que podemos levar a um olhar colonizador. Pois, a negação em ocupar lugares antes dito não permitido, por pessoas estigmatizadas, recaí sobre uma ótica de lugares impossíveis, sonhos.

De acordo com Kilomba (2019) o sujeito preto sempre foi visto da seguinte forma:

Infantilização: o sujeito negro torna-se a personificação do dependente;
 Primitivização: o sujeito negro torna-se a personificação do incivilizado;
 Incivilização: o sujeito negro torna-se a personificação do violento e ameaçador;
 Animalização: o sujeito negro torna-se a personificação do animal selvagem;
 Erotização: o sujeito negro torna-se a personificação do sexualizado, erótico.
 (KILOMBA, 2019, p. 79)

Assim, atrelada a todo esse vocabulário e estigmatização que envolvem o corpo preto, a Universidade não seria um lugar neutro, visto que, graças a um sistema racista muitas falas e pesquisas foram desqualificadas, consideradas portadoras de conhecimentos inválidos. Por isso, novamente digo, lugares de sonhos quase que impossíveis.

Mas, embora estejamos longe de alcançar a meta de eliminar o racismo científico²⁶ que permeiam as Universidades deste país, é uma magnífica vitória o fato de professoras/estudantes de origem periférica e Pretas, estejam dentro desses territórios ajudando a desconstruir esse racismo do cotidiano termo cunhado por Grada Kilomba

Racismo cotidiano não é um ataque único ou um evento discreto, mas sim uma constelação de experiências de vida, uma exposição constante ao perigo, um padrão contínuo de abuso que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família. (KILOMBA, 2019, p. 80)

Nesse movimento completo, sonhos se tornam realidades possíveis na Universidade, através de programas sociais como o PARFOR. Mas por que esse tema é tão relevante no século XXI? Por que não esperam que estejamos ocupando esses lugares? Então o que esperam de mim/nós? O que esperam e desejam de mulheres Pretas?

²⁶ Racismo científico é a crença pseudocientífica de que existem evidências empíricas que apoiam ou justificam o racismo ou a inferioridade ou superioridade racial.

Indago porquê uma mulher Preta, periférica de luta e na luta tem que ser questionada a todo momento com um bombardeio de perguntas duvidosas vindas de pessoas com grau de escolaridade superior: você criou esse texto? Você copiou? De onde tirou essa ideia? Você se apropriou de algo alheio? Nossa que lindo, você que produziu? Como conseguiu?

Como todo mito, mulheres Pretas figuram um desenhar de subjetividade ligado apenas a domésticas, dançarinas, serventes, faxineiras, babás, prostitutas, vendedoras, não desqualificando nenhuma dessas identidades, mas repensando como se dá o transpor desses imaginários.

Querer ser/viver a função de Pedagoga, poetisa, escritora e pesquisadoras nos mostrar que romper essa lógica dói/machuca/silencia. Uma violência simbólica, contida na estrutura da sociedade ou apenas mimimi, vitimismo como os conservadores chamam?

Não se pode permitir o tentar silenciar! É necessário ao colhermos o fruto de lutas de tantas ancestrais, espalhar sementes de lutas que temos ainda em dias atuais e lutas que ainda virão. Pontuo que sim, nossa escrita é contaminada por diversas narrativas que se esparramam e se misturam na trajetória de nossas vidas, nossas/suas escrevivências. Seria isso plágio?

Não seria inapropriado ser aguerrida assim em um texto de dissertação? Seria a Universidade um gueto por impor Padrões/ regras/ determinações? Conceição Evaristo em uma entrevista que concedeu ao programa Roda viva da TV Cultura (2021) explicou que

Gueto é um lugar que eles nos empurram! Quilombo é o lugar que a gente escolhe ir, escolhe estar, é o espaço que a gente escolhe para viver para se organizar. Quilombo é uma escolha! (RODA VIVA, EVARISTO, 2021)

De fato, que a Universidade seja um quilombo para mulheres Pretas, pesquisadoras, trabalhadoras, mães, esposa, periféricas, quilombolas, ribeirinhas, e tantas outras. Invocando Conceição Evaristo (2018) novamente, devemos refletir sobre quando diz ‘não nasci rodeada de palavras’, a poetisa nos convida justamente a pensarmos sobre esse mito questionador que aflige a tantas de nós.

E assim, a autora nos convoca a continuarmos na luta para não escondermos nossas palavras/ ideias/sentimentos atrás de lágrimas salgadas que insistem em rolar em nossos rostos marcados por tantas indagações/dúvidas/silenciamentos e suposições. Munida de palavras sentidas, Conceição (2019) diz ‘espera-se que a mulher negra seja capaz de desempenhar determinações e funções, como cozinhar bem, dançar, cantar, mas não escrever...’ Pois, não esperam de nós a intelectualidade, parafraseando com Lélia Gonzales querem apenas a “preta de casa”!

Amplificando as vozes de nossas egressas, com a intencionalidade de desconstruir esses tantos mitos que nos cercam, passamos para Ana (37 anos), que destacou que foi um momento de

muita aflição. Disse ter ouvido seu filho mais velho a chamar insistentemente em seu quarto, mas como estava fazendo o almoço, não foi. Por entender a importância do e-mail, ele se direcionou até Ana e leu o seu conteúdo.

Entretanto, para tristeza momentânea o prazo de comparecimento já havia expirado. Relatou que não acreditava que iria conseguir a vaga. Mas, foi teimosa, e se direcionou até o IM tentar, pois naquela semana iria comemorar seu aniversário, poderia ser o presente. *Eu sabia que era o início de um sonho, a transformação da minha vida. Uma emoção sem tamanho!*

Novamente o sonho em destaque, e nesse sentido, essa escrita nos mobiliza a refletir sobre como mulheres Pretas se apropriam das oportunidades e constroem mudanças em suas vidas pelo acesso através da Educação. O direito a sonhar e realizar seus sonhos, se constrói aos poucos e com o destaque de tantas memórias nos reporta a um fluxo diaspórico decolonial assertivo.

No próximo tópico, o segundo encontro presencial, fora dos muros da Universidade, um clima mais solto e desprendido de imposições cultas determinadas. Dele memórias que até então não haviam surgido, pois a vida é como uma grande narrativa, e através do narrar podemos reinventar a realidade, ou expomos o que realmente acontece. Já que, somos nossos sonhos e nossas lutas. E desse encontro, ficaram memórias de um sonho que era possível, ser mulher/professora/estudante/Pedagoga/poesia!

2.6 Encontros: itinerários de vidas e de vozes

*Meu convite é para que nesse lugar- à margem do rio, em segurança- você também dance
essa história. Giovana Xavier*

Munidas de memórias que aquecem os corações, mergulhamos nesse rio e realizamos o segundo encontro, que aconteceu no dia 28 de agosto, na residência de uma das egressas e tratou de abordar suas memórias do processo de escolarização e do programa PARFOR e quais os atravessamentos que decorreram em suas vidas após fazerem parte de um plano direcionado a professores da Educação Básica. Nessa segunda etapa, foi realizado um momento de lembranças coletivas, onde foi percebida que “a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos” (THOMPSON, 1992, p.17).

Figura 11- memória coletiva



Fonte: arquivo pessoal da autora

Iniciamos com as memórias de Nana (48 anos), relatou que ingressou na primeira série B, conhecia as vogais, os encontros vocálicos e o alfabeto, tudo ensinado por sua mãe semianalfabeta e desse processo demonstra, a riqueza de carinho e saudade por esse momento. Paulo Freire (1997) em sua obra ‘A Importância do ato de ler’ nos faz refletir sobre o papel da alfabetização na construção da cidadania, pois considera o ato de alfabetizar também um ato criador e libertador.

Sua mãe com a sabedoria de vida, vai ao encontro do pensamento de Freire que pontuava, que se o indivíduo for capaz de escrever a palavra estará, de certa forma, transformando o mundo. E assim, o ato de ler o mundo, implica em uma leitura de dentro e fora dele. Nesse movimento, antes mesmo de ler a palavra somos capazes de dar sentido ao mundo que nos rodeia através das relações de afetos, de nossas experiências, decisões e vivências.

Figura 12: Açúcar Pérola



Fonte: <https://www.lilileiloeira.com.br/peca.asp?ID=87361> dia 16/09/2021 às 10:43.

Nana nesse movimento de construção de conhecimentos educacionais, contou-nos que acontecia quando sua mãe abria um açúcar Pérola que era em saco de papel azul com letras brancas, retirava o açúcar, virava o saco do outro lado e no papel em branco passava as primeiras letras. A partir desse espaço familiar, afetivo e acolhedor, Nana conheceu e reconheceu as vogais, uma ‘educação informal’²⁷, cabe destacar que não estou aqui desvalidando a importância dos espaços escolares e sim, destacando a memória da egressa.

Seu ingresso na primeira ‘escola de verdade’, aconteceu no mesmo bairro que residia, em sua memória ficou gravada a figura de seu primeiro professor que não obtinha habilitação necessária para desempenhar a função, hoje sei que ele era apenas um pouco mais alfabetizado que a gente. Indo ao encontro a fala de Nana, Mészáros (2008) diz que educar não é uma mera transferência de conhecimentos, mais sim conscientização e testemunho de vida. E nesse testemunhar, Nana apresenta um olhar que não devemos nos acostumar com as ausências. Através de uma Pedagogia do dribble, driblar as tantas ausências que são sentidas e vividas por moradores de zonas periféricas e que ocupam uma classe social menos favorecida.

Para além, podemos trazer para nossa pesquisa o fato de nessa época a escolarização era muito mais demorada e de difícil acesso, e só obteve uma significativa melhora quando Brizola chega ao governo do estado do Rio de Janeiro. Em seu artigo SALVAR PELA ESCOLA: EDUCAÇÃO NO GOVERNO BRIZOLA a autora Helena Bomeny diz

Quem idealizou e pôs em funcionamento o projeto especial de educação dos governos Brizola foi, no primeiro mandato, o então vice-governador Darcy Ribeiro (1922-1997), antropólogo publicamente comprometido com os ideais de universalização do ensino público desde o encontro com Anísio Teixeira em 1952. No segundo mandato, Darcy cumpriria o mesmo percurso como secretário estadual de Programas Especiais. Dando visibilidade e corpo ao projeto de Brizola e Darcy, construíram-se centenas de Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), que se tornaram nacionalmente conhecidos. (BOMENY, 2008, p. 95)

De fato, a Educação foi sem dúvida o tema preferencial e o foco principal da intervenção pública de Brizola em seus dois períodos de governo e automaticamente com investimento e reconhecimento à amplificação de oferta de vagas tiveram um impacto positivo em tantas vidas periféricas, um dribble certo, no fato que apenas de que apenas alguns poderiam ter acesso à Educação escolar de qualidade.

²⁷ Educação informal é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados. Ou seja, a educação informal pode ocorrer em vários espaços e envolve valores e a cultura própria de cada lugar.

À medida que a conversa fluía, as egressas sentiam-se mais à vontade para expor suas memórias e assim Luana (40 anos) pegou a fala, disse que seu processo de escolarização não foi nada fácil, foi atravessado a todo o momento por questões sociais. Ao final do Ginásio²⁸, ela tinha que trabalhar e ajudar financeiramente em casa e por esse motivo teve que se afastar dos ambientes escolares. Ao retornar na oitava série, foi reprovada por um ponto na disciplina de Matemática. Em suas memórias, Luana diz que se recorda que a professora da disciplina era muito branca. **E querem saber qual foi o motivo da reprovação?** Indagação feita pela egressa com a voz trêmula e com um quê de rispidez, para as colegas que ali estavam presentes. **Ela me reprovou porque não gostava de negros! Ela tentou me calar!**

Freire (1996) ao abordar o assunto citado pela egressa Luana, em seu livro *Pedagogia da autonomia*, comenta que ensinar existe risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. E naquele momento a Professora de matemática perpetuou a discriminação, ‘nadificando’²⁹ a existência de Luana.

Ao tratar Luana como nada, fica evidente a exposição da prática preconceituosa de raça, classe, e de gênero que ofende substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Nesse sentido, Grada Kilomba (2019) conceitua o que Luana sofreu uma “hierarquia violenta” que é o tentar calar o outro apenas pela questão racial. A escola naquele momento para Luana era feita de vidro com uma espessura fina, e que estava trincado e poderia cortar qualquer relação afetuosa dela com o espaço.

De tudo isso, Luana guardou muitas mágoas, mas passado muito tempo, um encontro com a professora referida em um supermercado a fez rememorar toda experiência traumática. **Ela me olhou de cima até embaixo, (silêncio), e perguntou se havia concluído os meus estudos. Respondi que sim “terminei e sou professora concursada no mesmo município que você”.**

A pensadora e feminista Lélia Gonzalez (2014), nos dá uma perspectiva muito interessante sobre esse tema, porque criticava a hierarquização de saberes como produto de classificação racial da população. Ou seja, reconhecendo a equação: quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco... o racismo se constituiu como a ciência da superioridade eurocristã ‘branca e patriarcal’ e se reproduziu na atitude da professora com Luana. (RIBEIRO, 2017, p. 24)

²⁸ Até 1975, no Brasil, o ginásio constituía o estágio educacional que se seguia ao ensino primário e que antecedia o ensino médio. Correspondia aos quatro anos finais do atual ensino fundamental.

²⁹ Termo cunhado pela autora Conceição Evaristo (2018) quando se refere a tratar ‘outro’ indivíduo como nada.

Luana diz que esse momento ficará guardado em sua história, ela não permitiu que o vidro trincado se quebrasse, reconstruí-o, e hoje entende todo o processo de racismo a qual foi submetida. E traz para sua prática docente reflexões diárias para legitimar vozes como as dela, para que elas não sofram o racismo estrutural. Cabe destacar que o racismo estrutural

é o racismo é velado em um nível estrutural, pois pessoas negras estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. (KILOMBA, 2019, p. 77)

Desse depoimento de Luana, torna-se evidente a importância em colocar em foco a lei número 11.645, de 2008, que inclui no currículo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental, público e particular. Para afirmar que todas as histórias são extremamente significativas e plurais. Automaticamente ao fazer uso da Lei em sala de aulas, não será perpetuado o racismo estrutural!

Mas é necessário pontuar que, apesar da lei vigorar, essa segregação racial ocasionada pelo fato sentido e vivido por Luana, ainda acontece em diversos espaços educacionais, e desafia a todo o momento a desconstrução do mito da democracia racial. Sigamos na luta, em luta!

Inspirada nas falas, Adriana (30 anos) pede para falar, e percorreu suas memórias referentes à alfabetização nos contando que desde muito nova sonhava em entrar para escola, ao passar em frente ao jardim de infância Turma da Mônica no Município de Japeri, ficava fascinada. Mas financeiramente não tinha a menor condição de estudar ali.

Ingressou ao espaço educacional apenas com sete anos, e na quarta série teve um problema sério na disciplina de matemática, o que a levou a reprovação. Com essa situação teve a sua primeira crise nervosa, ao receber o resultado da sua reprovação disse, **fui para minha residência chorando e fiquei dias sem falar**. Sobre esse controle e intimidação que com grande sucesso conseguem silenciar vozes oprimida, podemos citar Grada Kilomba que exemplifica bem esse processo através de suas experiências,

Eu me tornei temporariamente sem voz. Fui claramente excluída, me lembrei muito das palavras de Audre Lorde: E quando nós falamos temos medo de que nossas palavras nunca serão ouvidas nem bem vindas, mas quando estamos em silêncio nós ainda temos medo. (KILOMBA, 2019, p. 57)

Esse silenciamento é a essência da repressão, em sua fala Adriana diz que se tornou tímida por esse e outros atravessamentos em sua personalidade e até hoje faz terapia para tentar vencer

esse fato. Durante uma banca do Prêmio Laureate Brasil 2015, Monique Evelle citou uma frase que explica esse sentimento que Adriana trazia de si, “nunca fui tímida, fui silenciada”.

Para superar precisamos ultrapassar as opressões, extinguir os preconceitos, e, redefinir métodos que levem a uma Pedagogia Libertadora. Para tanto, precisamos, inicialmente, prestar atenção a forma que nossos estudantes assim como Adriana, são tratados.

Nossa última egressa a expor seu processo de escolarização foi Ana (37 anos), nos contou que esse transcorreu sem muitas interferências. A mesma estudou em escolas públicas próximas a sua residência, entretanto, a vaga sua mãe só conseguia porque dormia na fila. Sua alfabetização foi com cartilhas, mas uma grande lembrança, é de uma professora responsável por sua maior inspiração em se tornar docente, *desde pequena foi meu grande sonho, me tornar professora como aquela docente.*

Ana relata, também, a oferta de merenda que auxiliava em sua alimentação, devido à dificuldade financeira que sua família passava. *me recordo de minha mãe falando incessantemente para mim e meus irmãos comermos o máximo que podíamos, pois não tinha nada para nossa alimentação no almoço.* Com essa narrativa chegamos à merenda escolar.

Em *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus (2017) em uma passagem cita que João Carlos, seu filho mais velho, não teria aula, e isso a deixava aflita, pois lá na escola ele fazia uma alimentação composta por quatro alimentos em um prato, e a autora afirmou, ‘é preciso conhecer a fome para descrevê-la.’

Inúmeros estudos dizem que muitas crianças vão para escola com a intenção de comer, como João Carlos e Ana, e atualmente para garantir a Bolsa Família, programa pelo qual é direcionado a família em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. Por apresentar tantas riquezas em suas falas que a pesquisa decidiu trazer as trajetórias dessas egressas! Pois,

O ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem escuta, isto é, entre falantes e suas/seus interlocutoras/es (Castro Varela e Dhawan, 2003). Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar quando sua voz é ouvida. (KILOMBA, 2019, p.42)

Nessa dialética, todas egressas relataram que no ensino médio, tiveram que conciliar o trabalho e o estudo. Ao descreverem os sentimentos, os caminhos, as andanças, as marcas, os sonhos e os desencantos na época da sua formação profissional, a maioria deixaram evidente o quanto um curso escolhido era voltado para retorno imediato e uma formação profissionalizante era quase que necessário.

Adriana (30 anos) diz *me emociono muito, ao lembrar desse período da minha vida*. No Ensino Médio, conseguiu uma vaga para formação geral, longe de casa, longe da sua família. Por esse, motivo acabou adoecendo e teve que largar os estudos, voltando para casa. Ao retornar, uma escola próxima a sua residência, oferecia o curso normal e abriu um quantitativo de vaga para matrículas novas, era o que Adriana precisava.

Conseguiu a vaga e a partir de seu ingresso sua admiração pelo magistério começou a nascer. Entretanto, a questão financeira a afligia, *nunca tinha dinheiro para fazer os trabalhos, quando estava no segundo ano comecei a trabalhar como caixa de supermercado no município de Nova Iguaçu, estudava na parte da manhã e das 14:00 horas até 22:00 horas trabalhava. Não sobrava tempo para o estágio, quando no terceiro ano fiquei reprovada*. A egressa conta que resolveu largar o emprego e se dedicar apenas aos estudos que era seu maior desejo e assim conseguiu concluiu o Ensino Médio com ajuda de sua mãe.

Novamente, a Rede de apoio sendo de extrema importância para mulheres Pretas como o descrito por Adriana, pois a sua naquele momento, sua mãe, servia como contenção, um suporte para que ela pudesse concluir seus estudos.

Indo em sentido contrário à fala de Adriana, Nana (40 anos), não se sintia completa com sua escolha profissional. A egressa conta que nunca foi aquela criança que sonhava em ser professora; segundo ela, foram os caminhos da vida que a levaram escolha da profissão. *Mulher, Preta e pobre, vai fazer o quê?* Lamentavelmente não é difícil constatar a fala impactante de Nana, em meninas Pretas e periféricas. Para Luana e Ana o Ensino Médio teve outros cortes mais profundos, que serão expostos mais à frente no texto.

Nesse contexto, algumas iniciativas são sopros de mudanças e esperanças, como o programa PARFOR. Partindo desse pressuposto, no próximo capítulo o estudo realiza uma apresentação aguerrida dessas mulheres Pretas/professoras/estudantes de uma forma literária afetiva.

3 ENTRE BECOS E MEMÓRIAS: O RUMO DE CADA HISTÓRIA

Trago na palma das mãos a pedra retirada do meio do caminho. E quando o meu pulso dobra sob o peso da rocha e os meus dedos murcham feito a flor macerada pelos distraídos pés dos caminhantes, eu já não grito mais. Finjo a não dor. Tenho a calma de uma velha mulher

Conceição Evaristo

Para nos acompanhar na apresentação das egressas, optei por trazer personagens dos livros da autora Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em Belo Horizonte. Conceição Evaristo nasceu em uma família de condição social baixa e é a segunda de 9 irmãos, sendo a primeira de sua casa a conseguir um diploma universitário. Ajudava sua mãe e sua tia com lavagem de roupas e nas entregas, enquanto estudava.

Nos anos 70, mudou-se para o Rio de Janeiro, passou no concurso do Município do Rio de Janeiro, iniciou seu processo de escrita de livros na década de 1990. Concluiu o mestrado em meados de 1990 e o doutorado no início de 2010.

Suas obras são *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011; 2ª edição pela Editora Malê, 2016), *Olhos d'água* (Editora Pallas, 2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (Editora Malê, 2016), entre inúmeros contos.

O primeiro livro que iremos utilizar personagens, é o *Becos da memória* que é atravessado por uma intensa carga dramática, barracos, calçadas, bordéis, delegacias, favelados, meninos e meninas de rua, mendigos, desempregados, beberões, prostitutas etc., o que ajuda a compor um quadro determinado da parcela social, e retrata nossa sociedade com que se defrontam os que vivem à margem da sociedade, e desta forma insinua ao leitor a ‘cor da pobreza’ brasileira.

Entretanto, Evaristo não faz do ‘morro’ território de charme e fetiche; tampouco, investe no traço simples do realismo brutal, o qual acaba transformando a violência em produto comercial para a sedenta sociedade de consumo, ela traz a realidade acompanhada da esperança.

Os fragmentos que compõem o livro procuram aliar a denúncia social a um brutalismo poético, o que remonta ao mundo íntimo dos humilhados e ofendidos, tomados no livro como pessoas sensíveis, marcadas, portanto, não apenas pelos traumas da exclusão, mas também por desejos, sonhos e lembranças.

Violência e intimismo, realismo e ternura, além de impactarem o leitor, revelam o compromisso e a identificação da intelectualidade afrodescendente com aqueles colocados à margem do que o discurso neoliberal chama de progresso.

Evaristo nos contempla com a, escrevivência, ou seja, a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. Tanto na vida da autora quanto em *Becos da memória*, a leitura antecede e nutre as escritas da autora e de Maria-Nóvoa, uma de suas personagens que iremos utilizar, razão pela qual luta contra a existência em condições desfavoráveis.

A segunda obra de Conceição que trataremos é *Ponciá Vicêncio* que em síntese descreve a trajetória de vida de muitas mulheres Pretas, desde muito pequenina até sua maioridade. Neste livro, a autora conta a história de Ponciá, que residia com sua mãe, D. Maria Vicêncio, seu pai e o irmão, em uma vila chamada Vicêncio. Essa tinha em sua totalidade descendentes de povos escravizados. Naquele território cheio de significados e histórias, Ponciá narra sua infância e nela as memórias de trabalhos com barro que ela realizava na companhia de sua mãe.

Após o falecimento de seu pai, Ponciá decide ir embora de seu lugar na tentativa de uma melhor qualidade de vida e assim, se dirige para cidade grande. Chegando ao seu destino, não tinha lugar para passar as primeiras noites, então decide ficar na porta da igreja. Naquele mesmo local, consegue um emprego de doméstica o que a faz juntar uma pequena quantia para comprar um barraco.

Entretanto, seu coração e suas memórias estavam ligados a Vila Vicêncio, então decide fazer o caminho de volta na tentativa de encontrar sua mãe e seu irmão, mas para sua tristeza, não encontra ninguém na casa que viveu sua infância.

Triste e certa de que deveria continuar seu destino, Ponciá retorna à cidade grande, e lá se ‘junta’ a um homem que conhece na favela, no início uma paixão avassaladora, mas aos poucos começam as violências. Ponciá sofre com as inúmeras agressões físicas. Seu estado de apatia, era devido as perdas sofridas durante toda sua vida: a ausência dos familiares e sete abortos. No término do livro, Ponciá reencontra seu irmão e sua mãe e retornam juntos para Vila Vicêncio, um reencontro com o seu eu-menina-mulher.

O último livro que nos acompanhará é *as Insubmissas lágrimas de mulheres*. Em seu interior, o livro nos agracia com treze contos, nele são retratadas inúmeras questões sociais, emocionais e físicas de diferentes tipos mulheres, de todas as idades.

Desse livro daremos destaques para duas personagens que serão utilizadas em nossa dissertação, Natalina Soledad e Shirley Paixão, no ato de traçar essas escrevivências.

É importante compreender que Evaristo alerta logo sobre a veracidade das histórias das personagens. “Estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem (...). Invento? Sim, invento, sem o menor pudor (...). Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu”. (20016, P. 10).

Assim, nos próximos tópicos iremos ler as escrevivências das egressas misturadas com as personagens dessa autora. Através de uma tentativa de uma literatura poética, aguerrida e herdada por nossas ancestrais. Portanto, ressaltar que os fragmentos das memórias das egressas dialogam com a necessidade de programas como PARFOR para um processo emancipatório de tantas mulheres. Mas o que é a escrevivência? Como surge? De onde vem?

3.1 Exprevivências/Escrevivência: a mistura do fluxo de muitas vozes.

Do que ouvi, colhi histórias. Nada perguntei. Uma intervenção fora de hora pode ameaçar a naturalidade do fluxo da voz de quem conta. Acato as histórias que me contam. Do meu ouvir, deixo só a gratidão e evito a instalação de qualquer suspeita. Assim caminho por entre vozes.
Conceição Evaristo

Para além do lugar de fala extremamente necessário no desenvolvimento da pesquisa, o lugar de escuta das experiências das egressas se faz presente para anunciar o campo metodológico escolhido. Quatro mulheres Pretas narrando suas trajetórias através de entrevistas nos possibilitou a utilização do conceito de Escrevivência de Conceição Evaristo.

O termo escrevivência foi desenvolvido pela professora doutora Conceição Maria Evaristo ou como é mais conhecida Conceição Evaristo. Nascida em Belo Horizonte (MG), no dia 29 de novembro de 1946, em uma família pobre que vivia na zona sul da capital mineira, conseguiu concluir seus estudos no Curso Normal aos 25 anos, conciliando a vida acadêmica com o trabalho como doméstica.

Formada, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou em concurso público para o magistério. Complementando sua formação, cursou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trazer Evaristo para representar mulheres Pretas como elemento metodológico usando seu conceito de escrevivência é genuinamente um movimento desafiador, de luta e de resistência para uma pesquisa vitalícia, alegre, instável e em constante movimento. Além de ‘comprometer a escrita com a vida’ (Evaristo, 2007, p.21)

A primeira vez que surge o conceito de escrevivência foi em sua dissertação de mestrado na PUC do Rio de Janeiro, no ano de 1995. Evaristo, naquele momento tinha sua ideia apenas atrelada à arte literária e segundo a autora, escrevivência não tinha a pretensão de se tornar uma teoria/conceito/metodologia. Entretanto, o conceito cresce, evolui e com o tempo rompe os muros da Universidade ganhando múltiplos sentidos e representando vozes marginalizadas por um sistema aniquilador. Pois, toda pessoa é uma revolução!

Segundo a autora, a genealogia do termo tem um fundamento histórico, pois está diretamente ligado à escravização dos negros que foram trazidos para o Brasil. Com jogos de palavras, dramaticidade, a autora extrapola os limites da literatura, como uma ficção real. Nesse sentido, escrevivência é a escrita de um corpo, de uma condição e de uma experiência de Mulher preta no Brasil.

Dentro desse escopo, Conceição (2020) diz que

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita nos pertence também. Pertencem, pois, nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e nossos ancestrais. (LIMA e NUNES, 2020, p. 30)

Nesse ato de borrar, de desfazer uma história única contada a séculos a escrevivência surge para acordar a voz daqueles que suas histórias não tinham validade ou eram insignificantes. Assim, o conceito traz em seu gene, a experiência/vivência de nossa condição de mulher preta através de uma humanidade dos personagens. Parafraseando Conceição (2020) ‘construo personagens humanos ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penaliza.’ Porque escrever é transbordar os limites da linguagem.

A partir dessa ótica, Denise Carrascosa (2020) diz que o epicentro do conceito de escrevivência consiste no corpo, na subjetividade, isto é, no grande fluxo e entrecruzamento das experiências de Mulheres Pretas. A escrevivência vai sendo conceituado no coletivo, na medida em que as apropriações são feitas, pois a escrevivência desliza da escrita de si e esparrama no sujeito ao falar de si. Automaticamente ela falará do outro, em um ‘agenciamento coletivo’³⁰.

Sobre isso Conceição destaca que,

³⁰Ver MAIA, Antonio Cavalcanti. O agenciamento Foucault/Deleuze. Lugar Comum/Rede Uninôma de Brasil, n. 23-24, p. 167-184, 2010.

são personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença. (Evaristo, 2020, p. 31)

É fundamental destacar que Conceição seduz os leitores através de uma dança das palavras que retrata a contemporaneidade, faz eclodir afetos, traz à tona questões muitas vezes não ditas, além de desconstruir uma ideia formada de um gênero literário. Livia Natália (2021) afirma que ‘escrever não é apenas articular palavras no papel, é inscrever traços de vida’ e isso Evaristo apresenta em seus textos, pois sua sensibilidade ímpar que permitem olhares mais densos e profundos sobre a realidade contida nos traços de tantas mulheres Pretas se esparrama e cria a escrevivência.

Tom Farias (2018) nos convoca a uma reflexão sobre a autora,

Conceição Evaristo é mágica, tem o condão de transformar as suas chamadas escrevivências numa “escrevivência” de emoções coletivas- esse afeto que me afeta e que afeta a todos, por assim dizer, mulheres e homens, jovens e adultos, nesse Brasil dos muitos brasis. Esta escrita-manifesto, de linguajar urdido da semente das palavras- que tem germinado em terras ditas antes inférteis -, é a barricada do delito dos tempos verbais, significado da própria criatura que subverteu o destino, e, através do seu lugar de fala, posta com vísceras, infere suas memórias de mistura com sua condição de menina mulher preta- as joanas, ainás, dandaras, sabinas, mahins, carolinas. (Tom Farias, 2018, p.14)

Também surpreendente a toda essa mágica e mistura de construção e desconstrução, Conceição em seu conceito escrevivência faz referência nossas ancestrais a todo momento, e nos aproxima de autoras como Maria Firmino e Carolina Maria de Jesus, ao realizar a transludicidade para um lugar de protagonismo que funde suas trajetórias narrativas a parte do seu cotidiano e de suas memórias.

Nesse amontoado, o conceito escrevivência traz dentro de si um ‘brutalismo poético’ que denuncia a crueza das injustiças através de uma linguagem encantadora, uma escrita viva e sentida, uma escrita de nós, sobre nós. Disto, professora Conceição diz, ‘pessoas que experimentam condições de exclusão tendem a se identificar e a se comover com as personagens.’ Nessa perspectiva, ocasionam por muitas vezes o preconceito e o desqualificar da sua escrita em alguns meios.

A autora afirma que nada que escreve é inocente, pelo contrário é tudo bem pensado, mastigado, sentido. Pode se comparar a um sangrar político. Não existe separação entre a escritora e cidadã, são uma só e isso contamina qualquer assunto que ela se debruce. Outro fator interessante a

ser citado sobre Conceição é que ela invoca personagens que provoquem a Universidade, para assim, seja revisto diversos conceitos inclusive, o que seria a Literatura.

Talvez por isso que muitos não validam sua importância para Universidade, cancelando essa construção diaspórica e não valorizando a reparação do movimento político de enunciar os gritos de liberdades insurgentes.

Nessa perspectiva sobre reparação, recorro à Grada Kilomba

Reparação então significa a negociação do reconhecimento. O indivíduo negocia a realidade. Nesse sentido, é o ato de reparação do mal causado pelo racismo através da mudança das estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios. (KILOMBA, 2010, p. 10)

Ou seja, coadunando com a ideia do colonialismo um conceito com a magnitude da escrevivência, não teria valor, seria raso e assim, se houve interesse pela Universidade seria necessária apresentação de algum autor renomeado para embasar, acompanhar ou validar sua magnitude.

Infiro que quando Conceição traz a primeira pessoa, abala as estruturas ditatórias do meio acadêmico também pois, destoa da terceira pessoa do singular e assim deixa de ser neutro. Mas Conceição já expunha que não acredita em neutralidade, seu texto é político e marca uma posição, como dito anteriormente, e não somente ‘a miséria da teoria’ como denominou Thompson.

As palavras de Conceição (2020) sobre essa lógica imposta pela Universidade são um verdadeiro acalanto aos nossos corações quando escreve: “prefiro as palavras do cotidiano que movimentam a vida, do que as palavras que dormem nos dicionários” ou mesmo “Ninguém chora diante de um dicionário e as palavras estão lá, arrumadas bonitinhas. Mas elas só ganham sentidos, elas só te tocam se você transformar em uma vivência possível, que você já observou, ou até em uma ficção”. (EVARISTO, 2020). Ao anunciar em seu conceito o destaque às minorias, a autora amplifica a potência do ser autoral de cada sujeito periférico.

Em 2020, no Seminário ofertado online pelo Itáu Social, a autora Conceição Evaristo buscou alargar o debate sobre o conceito de escrevivência. Nele a autora afirma que a escrevivência serve também para as pessoas pensarem. Para além, a autora salienta:

“Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras

peças também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande” (<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pecoas-pensarem/>).

Então devemos pensar a Escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, se torna necessário pensar no seu íntimo de seu termo, não apenas na sua forma de grafia, mas como um sentido gerador que liberta a metodologia de rumos já pré-determinados pelo meio Universitário.

E com esse pensamento de compromisso em validar e defender a escrevivência como conceito, muitas mãos se unem e enxarcam o meio acadêmico com nossas experiências, vivências e condições. Uma que merece destaque é a professora Doutora Giovana Xavier, líder do grupo de pesquisa Intelectuais Negras que diz

Assim, em meio a silêncio e conservadorismo, esse conjunto de textos coloca nova luz em novas formas de produção científica, localizada nos saberes de mulheres negras. Conhecimentos ligados. À memória, oralidade, histórias, trajetórias familiares e demais narrativas das classes trabalhadoras, desqualificadas pela *mainstream*. (XAVIER, 2019, p.77)

E completa dizendo que mais do que um reconhecimento institucional, esse conceito apresenta o desafio em apresentar e valorizar pesquisas acadêmicas autônomas aos referenciais da Ciência hegemônica. Um patrimônio que traz nossos traços, que apresenta nossas dores, angústias, felicidades e desejos. Que passeia por um caminho teórico metodológico vivo e inimagináveis.

bell hooks (2013) diz que quando ingressou na Universidade e se aprofundou na teoria, ela estava muito sentida por tudo que tinha vivenciado. ‘a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo...vi na teoria, na época, um local de cura.’ (HOOKS, 2013, p.83). Nesse sentido, o rito de passagem, o divisor de águas, o sonho que é estar na Universidade para mulheres Pretas é o momento de emancipação, de esperança, e de reconhecimento para isso desvelar experiências com escritas que retratem sua trajetória é

um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia e esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (EVARISTO, 2005, p.202)

A autora Fernanda Felisberto, em seu ensaio “*Escrevivência como rota de escrita acadêmica*” diz que a cada dia a escrevivência vem ganhando mais inúmeros sentidos dentro da Universidade. Nesse sentido, executar essa teimosia através de movimentos de cura e de estímulo

torna mais rico a aprendizagem. Devemos entender que, a escrevivência antes de qualquer domínio, é uma interrogação.

Já Rosane Borges, em *“Escrevivências em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados”*, defende que a Escrevivência é um ‘princípio conceitual-metodológico com potência para suportar as narrativas dos excluídos.’ Ao amplificar vozes antes renegadas, excluídas e anuladas, o conceito da escrevivência valoriza a experiência diferenciada da humanidade. Para além, de respeitar a ancestralidade, a referência, a transferência e o poder de cada corpo.

Os argumentos da autora Livia Natália, em sua pesquisa intitulada, intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários, conclui que a noção de escrevivência amplifica, a noção da escrita acadêmica e ainda é uma defensora que os textos sejam assim, mergulhados de nossas escrevivências, de nossas travessias e que estas possam nos servir como instrumento de análise. Ao defender tal posicionamento, podemos dizer que a escrevivências aproxima das afirmativas de Frida Kahlo, quando ela traça uma ligação entre a realidade e a condição das mulheres, ao dizer sobre ‘o pintar a si próprio, a realidade.’

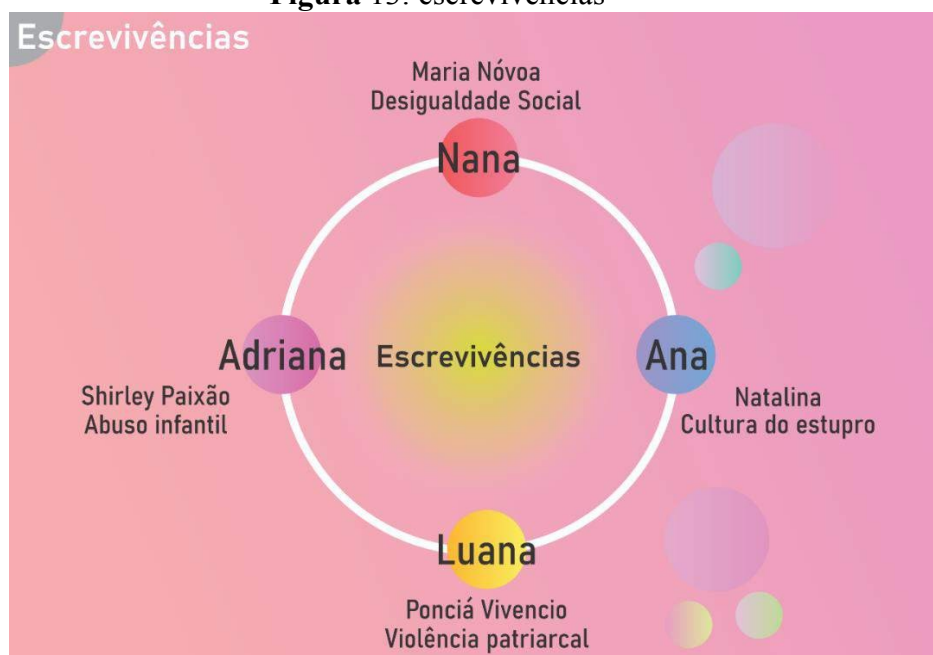
Desse modo, ao discutir e apontar tantas defesas da arte de narrar sobre si, ressaltamos o caminho e a importância das memórias subterrâneas para que Mulheres Pretas abram novos parágrafos em suas histórias. E assim, indo ao encontro de uma prática insurgente como cita hooks e Freire (2017), a nossa presente pesquisa possui o anseio de trazer escrevivências para então, subverter o modelo patriarcal, machista e eurocêntrico imposto por essa sociedade e denunciar injustiças através da Educação.

O conceito de escrevivência ao destacar memórias oriundas de pessoas à margem da sociedade, subalternos, no entrecruzo do saber e do vivido cria uma simbiose entre estar no mundo e fazer parte dele, ocupando os becos da contemporaneidade. Ao realizar esse movimento de questionar, se posicionar, ter uma autocrítica, as escrevivência vão contra a concepção de uma ‘memória nacional’.

Informo que no próximo tópico trago a apresentação das egressas na terceira pessoa, como Conceição apresenta suas personagens, e por entender que o tempo narrado é um tempo vivido. Para além, as histórias das personagens, das egressas se misturam as minhas e as suas, sem precisar estarem na primeira pessoa. E como dito anteriormente, não é um texto autobiográfico é um texto de escuta ativa e afetuosa.

E assim, confundo/embaralho/misturo/amontoo as egressas do PARFOR com as personagens dos livros de Conceição Evaristo, na tentativa de afirmar como nós mulheres Pretas somos cortadas diariamente por inúmeras questões sociais e culturais, por lutas, por afetos, reflexões, sonhos, e que estes sempre nos fazem reafirmar quaisquer lugares que queiramos ocupar. O compromisso da nossa dissertação é destacar que somos compostas umas das outras, e assim automaticamente

Figura 13: escrevivências



Fonte: Criação da autora.

3.1.1 A menina que descobriu nas letras uma forma de ver o mundo.

“ouço muito, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lagrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver.” (2016).

Maria-Nova, primeira personagem da literatura de Evaristo que iremos fazer uma interconexão. Maria menina/mulher, moradora de uma favela, e a partir desse seu lugar, narra toda sua vivência. Maria descobria que não bastava apenas ler e assinar o nome.

Da leitura era preciso tirar outra sabedoria, era preciso autorizar o texto da própria vida. Assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus e que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo, os sentidos de tudo que ficará para trás e perceber, que por debaixo das assinaturas do próprio punho, outras letras e marcas havia.

A partir da experiência de vida de Maria, teço uma ligação com Nana. Menina magrinha, filha de uma senhora guerreira, que lavava roupas para fora e ficava com os dedos ensanguentados de tanto esfregar para que estas ficassem como um branquinho reluzente, semianalfabeta, a criou durante muito tempo sozinha. Com as recordações de sua infância, Nana acaba por relatar uma denúncia social ao descrever o trabalho de sua mãe, pois ser lavadeira caracteriza, na memória social, a condição de trabalho a que estava submetida a maioria das descendentes de povos escravizados. Mas ao mesmo tempo, recupera uma identidade de mulher guerreira para criação e sustento dos seus.

Nana estudou em escola pública e teve professoras marcantes, mas cabe pontuar que ela não era a destaque da turma, o que gerava um pouco de tristeza. No Ensino Médio, ingressou em uma escola particular tradicional do município de Nova Iguaçu, Colégio Leopoldo. No colégio, sentia na pele ser uma das únicas Pretas daquele espaço e isso potencializava o desejo por estudar. Mas uma inquietação surge, como aquela família tão humilde realizava o pagamento de mensalidades tão caras? E a resposta de Nana é que o pagamento era realizado através de uma remuneração que sua mãe recebia de uma confecção de roupas do Leblon.

Nana com seus dezesseis anos era responsável por levar as peças prontas e entregar no bairro elitizado, nessa época enfrentava o deslocamento de ônibus sozinha até o tal bairro e nesse percurso começou a entender a desigualdade social. ‘O peso da sua cor’, assim dito por ela, a fazia perceber que somente o estudo poderia levar a uma realidade diferente como Maria-Nova.

Aos dezenove anos, iniciou em um emprego abusivo onde ela entendia que ocorria a exploração a sua força de trabalho, porém como sua mãe sempre falou e ela entendia que era o certo, melhor seria ‘pingar do que secar’, trabalhava quase que gratuitamente, mas a falta de experiência e o pouco que ela poderia ajudar em casa a fazia permanecer, mas assim como Maria, Nana precisava escrever o texto da própria vida. E assim seguia em busca da esperança!

Maria-Nova, ao descobrir que seria escritora, começou a entender que era através de sua escrita que ela poderia possibilitar voz no local onde ela nasceu e se criou. E assim foi parecido com Nana, quando relata que sua mudança como mulher, iniciou-se quando ocorreu seu ingresso no funcionalismo público, naquele espaço era o seu mundo, ela se sentia pertencente aquele lugar e que apesar das imensas dificuldades que o cotidiano escolar impõe, era um lugar que sempre a presenteava com gente e felicidade.

Era preciso entender as histórias de vida, escolhas, motivos, determinações, sonhos daqueles meninos e meninas que estavam naquele espaço, através de um árduo trabalho de pesquisa

e reflexão. Trata-se, acima de tudo, incentivar vozes insurgentes, permitindo que eles ouçam e se façam ouvir, como pontes metafóricas. Nesse sentido, as histórias de Nana vão ao encontro de hooks (1997) quando analisou a Formação Docente a partir das desigualdades raciais e sociais.

A vida continuou seu percurso, em um vazio composto por diversas frustrações de tentativas de ingresso em Faculdades particulares. Nana relata, que a grande dificuldade na concretização de completar seu nível superior se dava por falta de dinheiro. O tempo passava e Nana se afastava cada vez mais da possibilidade de estudar. Em rodas de colegas de profissão, sempre se destacavam as falas em relação da importância de se ter um nível superior, porém ao mesmo tempo, era dito que aquele espaço não era lugar para mulheres como ela, era feito para filhinhos de papai, principalmente por causa de formação deficitária.

Em 2010, com um acalento em seu coração, Nana ingressa ao PARFOR e assim a percepção de entender que a partir de suas experiências naquele território novo, poderia assim possibilitar uma nova transformação profissional e pessoal, e que desta maneira ajudaria a construir história dos seus, e assim era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo a beleza de não apenas ensinar a ler e a escrever.

3.1.2 Dando nome a própria história: a vida de Luana.

Com os sumos das escrevivências de Nana, trago a próxima personagem, Ponciá Vicêncio personagem de Evaristo, que irá servir de inspiração através de suas narrativas para a egressa Luana. Suas memórias passam pelas estórias/histórias reais em comum entre Ponciá e Luana.

Ponciá Vicêncio, ainda menina, demonstrava receios sobre o significado, escrita e sonoridade do seu nome. Nasceu e cresceu com sua mãe, pai, irmão e seu avô em uma fazenda, onde a relação de sua família com o fazendeiro, um senhor branco, era praticamente a continuação da escravidão, pela ausência/baixa remuneração que recebiam e pela intensa carga de trabalho. Ao deitar-se em um determinado dia de sua juventude, visualizou a imagens de alguns porcos no chiqueiro que apenas comem e dormem para que no final um dia sejam sacrificados. A partir desse momento toma uma decisão, parte em direção à cidade, com intuito de traçar um outro caminho, um novo percurso e longe da lógica escravista que seu povo havia se condicionado a viver.

Mas ao chegar à cidade grande, Ponciá não consegue se inserir no mercado de trabalho devido sua baixa escolaridade e aí se pega pensando, “a vida escrava continua até os dias de hoje, sim eu era escrava de uma condição de vida que se repetia, escrava do desespero, da falta de

esperança...” (Evaristo, 2013, p.34). Vaga por um tempo, até chegar a uma favela e consegue passar a residir em um barraco desta. Nesse momento de sua passagem de vida, ela repensa sobre o seu lugar de pertencimento, sobre aquele espaço que ela estava ocupando, que mais parecia um presídio em guerra, parafraseando com Carolina Maria de Jesus, era como um quarto de despejo. Nesse meio tempo, inicia sua carreira como empregada doméstica e conhece o que ela achava que seria o amor de sua vida.

Seu relacionamento com esse companheiro coloca sobre seu corpo marcas de extrema violência. Ponciá durante esse tempo gerou sete filhos, porém abortou os sete devido às violências psicológicas, sexuais e físicas que sofria diariamente. Durante o curso que sua vida tomou, resolve voltar ao seu lugar de origem e reencontrar sua mãe, seu irmão e a ela mesma, e assim, busca a retomada de sua vida através da mais bela escultura de barro que somente ela poderia fazer.

Através da arte manual de se produzir esculturas a partir do barro, essas belíssimas artes podem ser comparadas a poesias, quando ao esculpir imagens de seus ancestrais, desperta em nós um encontro com forças internas na busca por uma liberdade. E na busca por essa liberdade que Ponciá se une a história de vida da egressa Luana.

Luana tinha certa dificuldade também de aceitação com seu nome, sentindo um toque de ira e vergonha quando era questionada de onde teria surgido um nome tão atípico. Mesmo assim, desde muito cedo se destacava no quesito de responsabilidade. Com aproximadamente onze anos, sua mãe era costureira e necessitava de auxílio para a busca de aviamentos no centro da cidade e essa era sua função.

Luana era a responsável pela compra para a realização do trabalho, que era o sustento da família. Com catorze anos, ao entregar as encomendas confeccionadas por sua mãe e irmãs, foi convidada para trabalhava na boutique, no bairro do Leblon, como atendente. Rememora que era um trabalho muito exaustivo, sua mãe vivia cansada e a remuneração não era tão boa assim, era apenas para o sustento da família. Assim, como Ponciá, Luana percebia o efeito de estigma da pobreza, como se ela fizesse parte de uma casta inferior.

Luana conheceu seu príncipe encantado com dezesseis anos, ele era um homem muito ciumento, mas ela achava no início do namoro que era muito amor, proteção e carinho que ele demonstrava ter por ela. A família fazia grande gosto da união, como uma “validação da existência”³¹ de Luana.

³¹ Validação da existência- termo cunhado por Lélia Gonzales quando atrela o relacionamento inter-racial como uma espécie de aceitação/validade para sua vida humana.

Com dezoito anos ficou noiva, e a partir desse momento, começou a prestar atenção em algumas atitudes do noivo. Somente ele comprava suas roupas, dizendo o que ficava bom para o seu corpo. Os sapatos que ela deveria usar, eram escolhidos por ele também. Nesse período de namoro ela havia largado os estudos, pois ele não permitia que ela frequentasse aulas, muito menos trabalhar. Luana conta que ele dizia ‘mulher que trabalha é tudo vadia!’

De acordo com a Lei Maria da Penha, existem cinco distintas formas de violência contra mulheres: física (quando ofende a integridade ou a saúde corporal das vítimas), psicológica (gera dano emocional as mulheres), sexual (é considerado qualquer conduta que constranja a mulher ou a force a uma relação), patrimonial (quando impede o acesso a bens /documentos ou recursos econômicos) e a violência moral (que configura calúnia, injúria ou difamação), como a fala do agressor ao chamar todas as mulheres trabalhadoras de vadias.

Igualmente a Ponciá, uma busca pela liberdade se fazia presente, e indo contra todos, ela conseguiu um emprego na lotérica de seu bairro. O que durou apenas algumas semanas, pois a perseguição e as brigas intensas, fizeram com que ela desistisse e quando tentava um apoio com sua família sempre ouvia ‘ruim com ele, pior sem ele’. Essa cultura de ‘violência patriarcal’ que muitas vezes é banalizada pelo grupo familiar, favorece que a mulher permaneça em um ciclo de abuso, que se inicia com o agressor deixar a vítima em um estado constante de medo, o que leva o clima ir piorando cada vez mais, até chegar na violência física e quando a vítima percebe e tenta sair, muitas vezes o grupo familiar replica a continuação dos abusos causando assim, a vergonha por ter sido vítima. O agressor percebendo a fragilidade pede perdão, fazendo mil e uma juras de amor e aí começa o ciclo todo novamente. Não foi diferente com Luana.

Em um determinado dia, com um pensamento aflito, um sentimento parecido com um pássaro preso em uma gaiola e o olhar vago na busca de um fio de esperança, Luana decide retomar seus estudos. Entretanto, por onde e como começar? O que fazer? Sonhos naquele momento, já não trazia mais. Só necessitava de um pouco de liberdade.

E assim tentou iniciar seu voo, informou ao seu noivo que faria contabilidade e com uma atitude que ela já esperava, uma imensa briga iniciou-se, aos berros ele dizia: ‘você quer trabalhar em escritório para sentar no colinho de homem.’ Para evitar que sua mãe soubesse de mais uma violência psicológica e moral, abriu mão dessa opção! Mas do desejo, não!

E o tempo passou mais devagar que o normal, os pensamentos que eram necessários para romper com ciclo, se fizeram presentes nos meses seguintes, e sem ninguém saber, se inscreveu para concorrer a uma vaga no curso de Formação de Professores, na Escola Municipal Monteiro

Lobato, e para alegria daquela menina cheia de sonhos que tinha abandonado há algum tempo, foi contemplada.

E agora? Como contar para o companheiro? Não pensou muito, senão não teria coragem. Falou com inúmeras desculpas para que a permissão fosse dada e por ser uma turma formada por mulheres, ele permitiu. Era um território possível, porém a todo o momento demonstrava implicâncias, criava várias tentativas de perda de aulas e quando percebeu que não conseguiria, pediu Luana em casamento.

Ela aceitou, casou-se e permaneceu com seu companheiro durante um ano. Juntos, já iam para nove anos de relacionamento, até que ela cansada de tantas violências psicológicas, sexuais, morais e físicas, retoma o curso de sua vida e em um movimento parecido com de Ponciá Vicêncio, resolve voltar ao seu lugar de origem e reencontrar-se.

encarou novamente o espelho e se lembrou de um poema, em que uma mulher contemplando a sua imagem refletida, perguntava angustiada onde é que ela deixara a sua outra face, a antiga, pois não se reconhecia naquela que lhe estava sendo apresentada naquele momento” (EVARISTO, 2013, p.39).

A narrativa de ambas ao se desprenderem de suas identidades, é encontrado em dados reais, recolhidos pelo Instituto de Segurança Pública, com números alarmantes na Baixada Fluminense, sobre a violência em suas dimensões subjetiva, histórica, social e cultural, que buscam leituras críticas acerca das definições dessas violências. O olhar sobre a cultura sexista e patriarcal brasileira, revela posturas de legitimação e banalização de tais violências que leis, como a Lei Maria da Penha, buscam superar.

Luana continuou o seu trajeto da vida, longe de seu agressor, concluiu o ensino médio e logo em seguida se dedicou ainda mais aos estudos, o que a fez conseguir uma vaga no concurso Público de Nova Iguaçu. Trabalhou durante um tempo e em 1998 se tornou mãe solo. Sua mudança foi aos poucos. Gradativa, o processo de empoderamento foi lento, mas ao ter acesso a uma Universidade Federal no ano de 2010, esse sentimento explodiu dentro dela. E quando concluiu, percebeu que as marcas que trazia tatuada em suas memórias, eram lembranças que a ajudaram a despertar forças internas, na busca de sua liberdade, felicidade, emancipação e se tornou a mulher que é hoje.

3.1.3 Entre folhas em branco, a esperança no amanhã

No movimento da vida trago aqui a egressa Ana. Sua história assemelha-se à personagem Natalina, que faz parte dos contos de Evaristo no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Para melhor compreender Ana, trago primeiramente um pouco da ‘personagem fictícia’ de Evaristo.

Natalina, quando engravidou de seu primeiro filho ainda era uma menina. Sua mãe ao perceber que algo estava estranho, ficou a observar e logo notou uma barriguinha começando a crescer e de imediato providenciou os devidos chás para expulsar aquela sementinha de dentro dela. Porém, não teve jeito, Natalina gerou uma criança, e ao nascer, entregou seu primeiro filho para um enfermeiro.

O tempo passa e Natalina tenta se proteger para não engravidar novamente, mas outra semente teima em vigar e com ela uma nova preocupação, a de ter que formar uma família. Como essa opção não fazia partes dos planos da Natalina, ela quando dá à luz entrega a criança a Tonho, seu atual companheiro e vai embora, na fuga para não formar uma família.

Nas estradas da vida, Natalina começa a trabalhar em uma casa de família e lá conhece um casal que a faz um pedido, que ela gerasse um filho do casal. A doméstica aceita e sofre durante toda a gravidez com incessantes vômitos até a hora do parto. Após o nascimento, Natalina entrega à criança e se afasta da família nunca mais os reencontrando.

Ela volta para seu lugar de origem, para seu canto e lá pensa e repensa sobre sua vida. Mas um dia, em um de seus passeios é repentinamente parada por três homens, que desceram de um carro, encapuzados e começaram a interrogá-la aos berros, eles queriam a localização e a moça não sabia seu paradeiro resolveram levá-la. Durante o movimento do carro, Natalina pensava para onde estavam levando-a, em um determinado ponto o carro encosta e descem dois, restando apenas o motorista e Natalina.

À frente, o carro encosta próximo a um matagal, numa rua deserta-escura, o motorista a retirou do carro de forma agressiva e a violentou até que seu corpo cansado pelo gozo de um monstro, se tomba sobre o da moça. Nesse momento ao tentar afastar seu corpo do homem, que a fazia tremer de dor externa e interna, acha o revólver e com um tiro certo, mata seu abusador.

Natalina fugiu e guardou para si tudo que ela havia vivido, guardou o medo e também uma nova semente. Resolveu, então, aceitar a sua gravidez como se fosse a primeira, estava feliz por gerar e daqui um tempo parir um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte.

Ao enfrentar tantas violências, Natalina apresenta a fragilidade familiar, a invisibilidade social, o medo e mesmo assim ao final a esperança de viver o amanhã do amanhã. E através dessa esperança no amanhã que chamo a próxima egressa Ana, para o centro da narrativa, lendo através dela o universo de entrelaçado de sua trajetória.

Ana, menina nordestina, cabelos cacheados e olhos pretos, serelepe como se dentro dela houvesse três crianças arretadas. Penúltima filha de dona Maria Sebastiana, que além de Ana tinha

outros seis filhos com seu Francisco, em sua última barriga gerou uma criança portadora de necessidades especiais, o que fez com que seu Francisco abandonasse sua família, sobre a alegação de não saber criar uma criança assim.

Dona Maria, se viu em uma sangria desatada: como fazer para sustentar todos seus rebentos? “A força da mulher ontem e hoje, a trabalhar sem descanso para, muitas vezes abandonada pelo companheiro, construir no dia a dia à própria sobrevivência e de seus filhos” (Evaristo, 2013). Na busca por esse sustento, Maria resolve ir embora para o Rio de Janeiro, na busca de um emprego.

Maria que tinha o nome santo e era uma católica fervorosa, alugou uma casa e deixou os sete filhos nela, nas mãos e nos cuidados do Senhor Jesus e de Nossa Senhora. Nesta época, Ana tinha aproximadamente seis anos e ali naquela casa alugada viveram por três meses, só eles, uns cuidando dos outros, e com as doações dos vizinhos se alimentavam.

Como Maria deixou o aluguel pago só por esses meses, tiveram que desocupar a casa e foram pedir abrigo na casa da irmã de Maria, a tia não pode ficar com tantas crianças, só os delas já eram uns cinco, então, os levou para casa do seu Francisco. Francisco já amancebado com outra mulher teve que abrir suas portas para seus filhos, Ana conta com uma voz embargada e lágrimas, descritas por elas como águas mornas, que aquela foi a pior fase de sua vida. Sua madrasta era muito agressiva com ela.

Rememora que a madrasta tinha uma palmatória e que a batia sem motivos, até que um dia sentiu uma fome desatada, foi até o armário de compras e comeu um pouco do leite em pó do seu irmão mais novo, filho de seu pai com a madrasta. O sangue escorreu por sua boca, sua madrasta arrancara o dente da frente da menina com uma surra de palmatória. Uma tremenda briga se iniciou entre a madrasta e seu Francisco, que decidiu ao final, mandar aquela menina tão pequena e com cabelos cheios de cachos pretos para casa da irmã de sua madrasta.

Ao chegar ao seu novo lar, Ana conheceu todos que ali iriam dividir o teto com ela, os sentimentos se misturaram e a menina só sabia chorar. Alguns dias depois, se acalmou um tantinho, foi quando começou a perceber que o filho mais velho da mulher que a tinha protegido, estava diferente, com um olhar de bicho devorador.

Tentava se afastar, mas não houve jeito, aquela menina de oito anos foi violentada em uma tarde chuvosa por aquele bicho. De acordo com Dossiê Mulher de 2019 do ISP, a ‘cultura do estupro’ no ano de 2019 no estado do Rio de Janeiro registrou 4.543 casos de estupros, sendo 44% os agressores eram do convívio com as vítimas e 70% dos casos foram contra menores de idade,

como Ana. Em nível de Brasil, esses dados são mais alarmantes, são denunciados por ano 50 mil estupros – 51% crianças até 13 anos, 19% de 13 até 17 anos, 30% maiores de 17 anos.

Sem saber o que fazer, Ana saiu correndo da casa e começou a andar sem destino, em sua memória atual, só consegue visualizar que essa caminhada se deu por uma rodovia que ao seu lado passavam caminhões grandes, ônibus e carros em alta velocidade e, mesmo naquela garoa, Ana só pensava em fugir de toda aquela dor que queria afogá-la.

Em meio aquele frio, as roupas molhadas, as mãos trêmulas e as pernas cansadas, seu Francisco apareceu, estendeu as mãos e recolheu Ana em um abraço como nunca havia dado. Ana cansada, olhou para ele e falou que não queria voltar, só se ele a levasse para casa de sua tia, a irmã de sua mãe. E assim ele fez, a levou para casa da sua tia materna. Ana morou até sua mãe voltar do Rio de Janeiro para buscá-la.

Ao chegar ao Rio de Janeiro com 11 anos aproximadamente, Ana ajudava sua mãe nos afazeres domésticos e estudava. Aos quinze anos, arrumou seu primeiro namorado e logo em seguida engravidou. Foi morar com o pai de seu filho, mesmo sendo contra os desejos de sua mãe, pois seu companheiro era metido com movimento do morro, e os anos seguintes foram marcados por muitas lutas. Até que se tornou viúva!

Com a morte de seu companheiro, Ana resolve retomar seus estudos, concluindo o Ensino Médio e para seu sustento e de seu filho passa a trabalhar em diversos lugares: sacolão, vendendo pipoca na praça, picolé na praia, balas no sinal. Engravidada de seu novo namorado, mas não fica muito tempo e decide ser mãe solo. No ano de 2007, após muitos pedidos à vice-prefeita do município, consegue uma vaga no contrato temporário de professores e a partir daquele momento tudo começa a mudar, um trabalho com um salário que auxiliaria a pagar as contas e possibilitar uma vida melhor aos seus filhos.

Foi quando em 2010, um presente que ela nunca iria imaginar: o ingresso à Universidade. Aquele emprego que já trazia uma enorme alegria possibilitou chegar até uma Universidade Federal!

Aquela menina de cabelos cacheados de tantas lutas, alcança seu ingresso no funcionalismo público, no município de Itaguaí e apesar das dificuldades de deslocamentos e saúde, porque no final da graduação foi acometida por um infarto, mesmo assim consegue concluir seu nível superior. Atualmente, seus dois filhos estão estudando, um é doutorando em Economia, na Universidade de São Paulo, e sua menina é estudante na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no curso de

Turismo, e assim como Natalina, Ana demonstra a força frente a tantas adversidades que mulheres guerreiras são impostas desde seu nascimento até sua maioridade!

3.1.4 Da dor à luta: a mulher em construção.

Através das três narrativas emocionantes e que nos deixam como olhos d'água, percebemos a força, garra e esperança no amanhã, elas se reinventam, recriam e lutam por seu lugar.

Butler (1998, p. 24) fala sobre a “necessidade política de falar enquanto mulher e pelas mulheres”, como uma característica do feminismo, em que todas lutam juntas pelo mesmo objetivo. No caso da próxima personagem do conto de Conceição Evaristo (2016), que irá conversar com a nossa egressa, apresento Shirley Paixão, que como todas as outras personagens, tem a força da mulher diante da dominação masculina. Shirley conta toda sua luta contra a violência sexual travada em oposição ao pai de Seni, esse conto aproxima-se da história de vida nossa última egressa Adriana.

Shirley Paixão, mulher e mãe de suas filhas de sangue e de coração, aquilombam-se contra um abuso infantil cometido por seu companheiro. A batalha de Shirley Paixão não foi por ela mesma, mas pelas mulheres: suas iguais. Seni, a mais velha das filhas, chegou à vida de Shirley para ocupar o espaço em seu coração, quando ela tinha aproximadamente nove anos.

Era uma menina quieta, ficava por horas calada apenas segurando as mãos de suas irmãs.

[...] Ao pai, faltava paciência, vivia implicando com ela. Via-se que Seni não era a sua preferida, pelo contrário. Percebendo a dificuldade da relação dele com a menina, procurei ampará-la, abrigá-la mais e mais em mim [...] (EVARISTO, 2016, p.29).

Shirley protegia Seni e acompanhava seu desenvolvimento de perto na escola. Certo dia, a professora da menina, em uma conversa, relatou o comportamento arredo da menina, uma mania de perfeição e uma autocensura muito grande. E questionou se em casa, haveria muita cobrança com ela.

A madrasta disse que não, porém ao chegar à sua residência comentou com seu companheiro, que na mesma hora teve um acesso de fúria, “só faltou agredir fisicamente a menina e acho mesmo que não investi contra ela, porque eu estava por perto” (EVARISTO, 2016). O que ambas não sabiam, é que o próprio pai abusava da menina. As características que Seni demonstrava eram sinais da violência que sofria silenciosamente.

A raiva da desconfiança sentida pelo pai, o enfurece ainda mais, e dando continuidade à sua monstruosidade, invade o quarto de suas filhas na madrugada. Ao invadir, retira Seni dessa vez de

forma diferente, ao invés do silêncio, como todas as outras vezes anteriores, ele age de forma agressiva como um animal furioso. Carrega a menina até os fundos da casa “gritando, xingando os maiores improperios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio-menina, violentado por ele diversas vezes, desde quando a mãe dela falecera” (EVARISTO, 2016). Foi quando Shirley percebeu:

à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. Naquele instante, a vida para mim perdeu o sentido, ou ganhou mais, nem sei. Eu precisava salvar minha filha que, literalmente, estava sob as garras daquele monstro! Seria matar ou morrer (EVARISTO, 2016, p. 32-33).

Shirley Paixão foi a salvação definitiva para Seni, pois aquele abusador foi preso. Entretanto, antes de serem felizes no desfecho do conto, Shirley também é presa, por agredir o homem que invadiu o corpo de sua menina. Parece incoerente a prisão, e de fato é, mas o que podemos concluir disso é que se trata de uma representação da realidade, pois vemos diariamente nos noticiários casos em que a vítima é presa por se defender ou defender outra pessoa.

Como relatado nas histórias de vida das egressas anteriores, a violência patriarcal continua sendo uma realidade global, uma em cada três mulheres já sofreu algum tipo de violência, por isso a necessidade emana de uma irmandade/sororidade das mulheres, Butler (1998, p. 24) apresenta a “necessidade política de falar enquanto mulher e pelas mulheres”, como uma característica do Feminismo, em que todas juntas lutam pelo mesmo objetivo. Objetivo de sentir livre de toda violência contra mulher. E se apropriando dessa irmandade, trazemos as memórias, feminilidade e a resistência de nossa última egressa para apresentação, Adriana.

Adriana, filha de nordestinos que migraram para o Rio de Janeiro na tentativa de uma melhora econômica e social de suas vidas. Ambos não tiveram a oportunidade de acessar a escola, mas traziam consigo o conhecimento de mundo. Adriana nasce no município de Belford Roxo e com cinco anos perde seu pai assassinado, o que levou sua mãe a morar de favor em casas de parentes próximos. Ao residir na casa de sua tia, Adriana se recorda da resistência de sua mãe e da agudíssima dor que ela expressava aos maus-tratos que sofria por seu cunhado.

Tempo depois, sua mãe se casou novamente, nessa época residia em uma casinha simples, seu novo companheiro possuía uma casa maior no município de Japeri, e assim sua mãe decide mudar para lá. Uma avenida de quartinhos, que parecia a vila do Chaves (descrição feita pela egressa), fora que era o oposto do lugar onde eles residiam em Belford Roxo, pois na antiga

moradia havia comércios, ruas asfaltadas, muitas pessoas. E Japeri era um tremendo deserto. Nas casas da vila tinham pelo menos uma criança, era o que tornava aquele ambiente mais feliz. As brincadeiras trazem uma memória carinhosa, mesmo em meio a tantos escombros.

Com a mudança, Adriana ingressou na escola e conta como era maravilhosa a sensação de estudar. Sua mãe era analfabeta, não tinha condições de ensinar as atividades que eram enviadas para resolver em casa e por esse motivo resolveu pagar uma explicadora para ajudar a menina, pois ela fazia questão que os seus aprendessem a ler e a escrever. Adriana conta que ela sempre entendeu que a chave para sair da extrema pobreza à qual eles viviam era a possibilidade de estudar.

Outra marca de esperança foi quando seus irmãos nasceram, entretanto, com o passar dos anos, seu pai, como ela chamada o padrasto, começou a mudar. Já não a tratava da mesma forma, implicava, xingava, fazia a menina se sentir um lixo. Nessa época, a responsável pelo sustento de toda sua família era sua mãe, restando ao seu padrasto o dever de zelar pela casa e pelas crianças.

Nessa mesma época, a noite se tornou um lugar de medo. A imagem da noite podia remeter a múltiplos sentimentos: tristeza, escuridão, solidão, medo e essas dores se prolongavam, porque o dia custava a chegar. Aquela menina estava sendo tocada nas noites que se sucederam, mas a ingenuidade/pureza de Adriana fazia achar que eram fantasmas que teimavam em assombrar seus sonhos.

Aos catorze anos percebeu que não eram fantasmas, era seu pai. “Foi tanto o sofrimento, que não sei calcular quanto tempo durou, se segundo ou horas” (EVARISTO, 2016), aquele homem que fazia carinho em minhas pernas, alisava meus cabelos, me dava cheiros no pescoço, “coisas que pais fazem, ou não?” indaga Ana ao relatar o acontecido à pesquisadora.

Adriana continua e, em meio às lágrimas, se recorda a última vez que ele a tocou. Ela, em um movimento para salvar sua vida, da mesma forma que Shirley, afastou aquele monstro feroz e o empurrou. Com toda cena brutal que a menina passou, ela não tinha coragem de contar para ninguém por medo, vergonha, guardou esse segredo para si. Passados aproximadamente uns três anos, ele foi embora de casa e casou novamente e teve outros filhos, nesse período que dividiam a mesma casa não tentou mais nada contra a menina.

Por muito tempo Adriana não permitia que ninguém a tocasse, não namorava e só com seus dezenove anos se permitiu conhecer um rapaz e se casou. Começou a passar por um processo de descoberta feminina, desabrochou como mulher, trabalhou como várias coisas: babá, explicadora, professora de informática, caixa de supermercado e professora contratada do município de Japeri, o que a possibilitou a realização do seu maior desejo desde criança, cursar uma Universidade.

Em 2010 conseguiu uma vaga na UFRRJ, no PARFOR, no ano seguinte alcançou sua tão sonhada estabilidade financeira o que começou a despertar em si um desejo em ser mãe. Porém, foi quando Adriana descobriu que seu esposo não poderia realizar esse seu desejo. O que fazer? Uma dúvida surge em seu coração. Mas com assim como Shirley, Adriana ganha dois filhos de coração e de alma.

Ao navegar pelas histórias de vida de mulheres aguerridas que passaram por fios de ferros que costuraram suas vidas para a construção de suas identidades, é evidente que as narrativas quebram com muitos estereótipos a respeito da representação das mulheres. Sobretudo no que concerne à sua submissão e ao papel na sociedade.

Mulheres que são arrimo de família, mulheres que nos fazem refletir sobre a violência e discriminação de gênero, que se entrelaçam entre si e que nos despertam dúvidas: será que todos os personagens dos contos não são reais, já que as histórias narradas são representações da vida, uma vez que milhares de mulheres passam pelos mesmos sofrimentos?

Desse modo, as histórias apresentadas têm caráter humanizador. Por meio das discussões de gênero que devem ser fomentadas ainda mais, devido à realidade em que vivemos, sabemos que muitas mulheres sofrem caladas. Por esse motivo, trouxe para o leitor questões importantes sobre esse grupo historicamente estigmatizados das professoras/alunas do Programa PARFOR, com a intenção de entender as perspectivas sobre a cultura docente e os problemas por elas enfrentados se tornam essencial nos tempos atuais.

Grada Kilomba (2019), aponta que a mulher preta vive em um contexto desfavorável e que estas traduzem história de dor, luta e resistência, e que ao partilhar experiências de discursos em prol da conquista de direitos para um grupo específico, esse discurso está associado a uma categoria política que luta e denúncia o apagamento desses grupos.

Então, o que está em disputa, neste contexto, é a necessidade de evidenciar vozes que foram ignoradas, mas que já falavam há muito tempo (RIBEIRO, 2017). E ainda reafirmar que narrar, é antes de tudo, compartilhar as experiências vividas e experimentadas pelos sujeitos da mesma trama social. É uma constante relação entre o que se diz de si mesmo e a parte de si que é do coletivo, o que diz dos outros em si (DAMIÃO, 2006, p. 12).

4 LUGAR DE GARIMPO: PASSOS QUE CONSTROEM O PERCURSO METODOLÓGICO

Abraso-me eu-mulher e não temo, sei do inebriante calor que queima e, quando o temor me visita, não temo o receio, sei que posso me lançar ao fogo e da fogueira me sair inunda, com o corpo ameigado pelo odor da chama. Conceição Evaristo (2017)

Para mim é motivo de grande alegria e orgulho conseguir completar essa fogueira de aprendizados que é o capítulo teórico metodológico da pesquisa. Rever, reler, estudar, pesquisar, entender, sentir o desequilíbrio, chorar, sorrir, auxiliou-me em estruturar os pensamentos e provocou-me um sentimento enorme de alegria. Um percurso que partilhei na companhia dessas mulheres Pretas por lugares que passearam em uma escrevivência *Parfoniana*.

Um garimpo feito através de pesquisas e autores, um inebriante ato de refletir sobre diversos pensamentos. E através desse garimpo de apropriações e reflexões sobre as análises dos indícios que surgiram no desenvolvimento da dissertação e caminharam até o percurso quase final da escrita. Quase final, pois esse estudo não tem fim! Teoria, prática, Exprevivências³², Escrevivências e amizades, fundamentam a metodologia desse trabalho.

Com temor da ousadia, mas não me calando diante dela e incentivada por minha orientadora Patrícia Bastos, descrevo o percurso trilhado na dissertação até a chegada do campo metodológico da pesquisa. De certa maneira, é um desafio romper com algumas determinações impostas pela Universidade. Alterar a ordem de onde ficam os tópicos de uma pesquisa é comprar uma briga. É necessário estar preparada para críticas e para defender o motivo da escolha.

Podemos lembrar aqui, que apresento já na primeira página, uma pesquisa social que busca a cientificidade não apenas reduzida a uma forma determinada e sim, diversas maneiras e possibilidades em se apresentar o conhecimento científico. Para Minayo (2010) “a pesquisa social se faz por aproximação, mas, ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos”. Por isso, a importância de o conhecimento científico dialogar com o lado a lado com o proposto pela dissertação.

Neste contexto, compreender que o capítulo teórico metodológico é a ‘alma da teoria’ (LENIN, 1965) atrevo-me a completar, o capítulo teórico metodológico é o coração da pesquisa, que pulsa nas batidas afetuosas que sobressaem das Exprevivências das autoras que produziram todo o estudo. Entretanto, nunca deixando de ser coerente, elaborado, vivo e claro.

³² Termo criado pela autora para amontoar as experiências reais vivenciadas pelas egressas.

É importante notar, que durante todo desenvolvimento são apresentados os conceitos e em seguida um diálogo com os indícios. Como de práxis acadêmico e para uma melhor compreensão, trago esse tópico que denominei de Lugar de garimpo: passos que constroem o percurso metodológico. Nele, apresento que não é

Apenas o investigador que tem a capacidade de dar sentido ao seu trabalho intelectual. Todos os seres humanos, em geral, assim como grupos e sociedades específicas dão significado as suas ações e suas construções, são capazes de explicitar as intenções de seus atos e protejam e planejam seu futuro, dentro de um nível de racionalidade sempre presente nas ações humanas. (MINAYO, 2010, p. 13)

Dessa maneira, a proposta da pesquisa se inicia com indagação na compreensão da trajetória de vida pessoal e profissional das egressas do programa PARFOR. Sua abordagem é qualitativa e, segundo Minayo (2010) ‘se aprofunda no mundo dos significados. Esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisados.’

Além da autora afirmar que, uma pesquisa qualitativa produz riquezas de informações, aprofundamentos e maior fidedignidade interpretativa. Pois, uma pesquisa qualitativa apresenta estudos sobre/com seres humanos. E ainda, apresenta a ideia de Lévy-Strauss (1975) em seu livro, *Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, e o observador é, ele próprio, uma parte a observação* torna mais rica e atraente a pesquisa.

Em certo sentido, uma pesquisa qualitativa

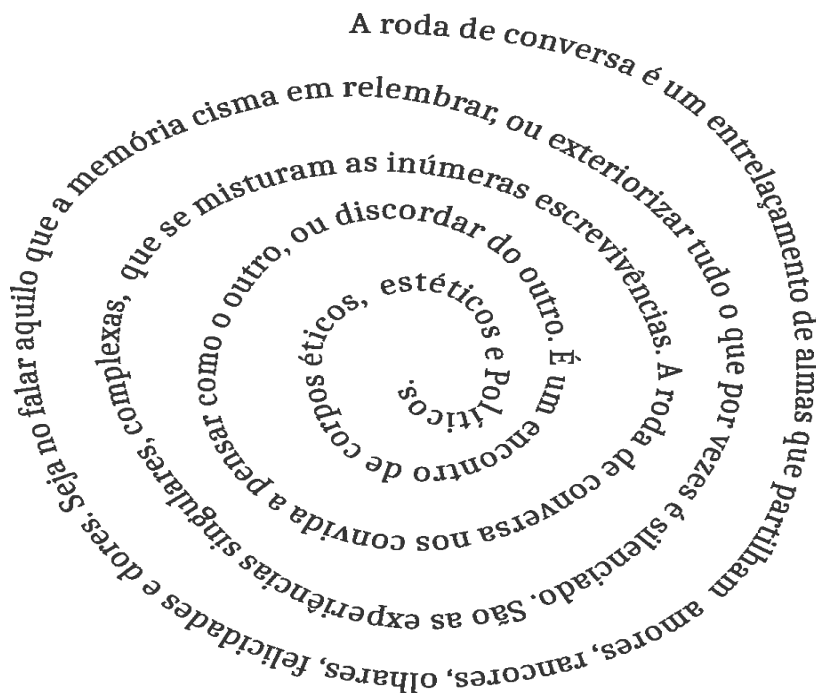
É a realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é a mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela... Para isso, elas abordam o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nas representações sociais, nas expressões da subjetividade, nos símbolos e significados. (MINAYO, 2010, p. 14)

Para efeitos bem práticos, a pesquisa qualitativa se constrói fundamentalmente a partir das experiências do grupo trabalhado. Para esclarecer as propostas que serão investigadas, não objetivando terem respostas assertivas, mas entendendo a multiplicidade de trajetórias dentro de um mesmo segmento social.

A partir da escolha da pesquisa qualitativa, as próximas etapas destinam-se aos momentos da pesquisa de campo com a realização de duas rodas de conversas com encontros presenciais em lugares diferentes. Sobre esse trabalho de campo veremos no tópico a seguir a metodologia da roda de conversa que pautou e direcionou esses dois encontros.

4.1 Griô e afetos: roda e apontamentos.

Figura 14: Roda de conversa



Fonte: Arte feita pela autora

Antes de adentrarmos sobre a metodologia da roda de conversa, que serviu como base principal para a metodologia da pesquisa, se faz necessário explicar o porquê do termo Griô no título do tópico.

O termo griô surgiu na região do noroeste da África. Lá, a colonização foi francesa, por isso, as mestras eram chamadas griots, que denomina figuras como contadoras de histórias, genealogistas, mediadoras políticas, comunicadores e poetas populares.

As griots têm diversas formas de expressão, mas em comum são responsáveis pela biblioteca viva da tradição da oralidade, são as que contam as histórias. Ao tentarmos aproximar o termo a linguística brasileira, surge o griô. Compreender e defender que esse movimento da roda de conversa, vem das heranças de nossas antepassadas, se torna importante e essencial para nos guiar em nossa produção da pesquisa.

A partir da breve explicação sobre griô, uma inquietação se faz presente: por que não um grupo focal, ao invés da roda de conversa? Ocupando o lugar de pesquisadora, entendemos que a metodologia escolhida se torna parte integrante de todo o processo da dissertação, as rodas são os fios de conversas que unem todos os participantes, além de romper com a ideia de uma pesquisa que venha com objetivo final pronto. Já o grupo focal, possui uma ruptura entre o pesquisador e a

pesquisa, se trata sobre uma pesquisa do outro. Onde o pesquisador irá se debruçar sobre os achados dos outros.

Entendemos que de alguma maneira, em ambas existem a escolha de um grupo de pessoas. Entretanto, a maior diferença que podemos destacar é que a roda acontece de forma aberta, apesar de ter uns direcionamentos, não tem um molde pré-determinado no que se quer produzir. Porque nas rodas de conversas, o pesquisador não quer trabalhar com categorias, com hipóteses, com coletas de dados. O pesquisador quer trabalhar com produção de dados.

Desta forma, os dados não estarão presentes nas rodas para realizar uma colheita, eles surgem durante todo o processo. E através da sensibilidade, orientados pela atenção e escuta, surgem conversações fluídas. Muitas vezes essas conversas poderão nem ser de interesse do pesquisador, podem parecer fios soltos, mas cabe aos participantes apontarem se podem ser realizados desvios.

Entretanto, é necessária uma atenção especial, porque muitas vezes fios soltos abrem conexões com outras questões. E são nesses fluxos de ligações inesperadas que surgem as produções de dados. Pois, ao

reunir indivíduos com histórias de vidas diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São as vezes, atravessados pelos diferentes significados que desperta em cada participante. (WARSCHAUER, 1993, p.46)

E para aproveitar todas as possibilidades que surgem nas rodas de conversa, a função de coordenadora, aparece como um direcionamento. Entretanto, a função não tem a intencionalidade de hierarquização, pois sabemos que a roda acontece com um movimento circular, através de trocas, de poder falar, de aprender com diferente. A roda de conversa é uma ação dialógica, é algo que surge do desequilíbrio, é o experimentar memórias e experiências.

Pode-se destacar, como uma das características da roda de conversa que

A roda é uma construção própria de cada grupo. Porém, isso não impede de refletirmos sobre algumas de suas características e implicações. Constitui-se num momento de diálogo, por excelência, em que ocorre interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador... (WARSCHAUER, 1993, p. 47)

Através das palavras da autora a importância de haver um coordenador é algo que auxilia o desenvolvimento da interação dos participantes. A possibilidade das partilhas, conversas, reflexões e pesquisas torna o processo mais integrado. Além de manifestar a concepção de os que fazem parte do processo se enlaçam, tornando as narrativas solos, em narrativas coletivas. Assim, o coordenador se torna ponte entre vários participantes e como elemento do grupo que amplia os universos individuais na direção das construções de intersubjetividade. (WARSCHAUER, 1993)

E nessa tessitura afetiva que é a roda de conversa, e por defender essa nossa intensa, presente e magnífica ancestralidade, a pesquisa opta pela roda de conversa. Entretanto, apesar de aparentar uma metodologia que se pauta na informalidade, a roda de conversa propicia uma ruptura em ideias pré-estabelecidas de como deve ser o modelo de produção de uma dissertação.

No entanto, por deixar fluir, brotar, borbulhar narrativas, geram algumas discordâncias na Universidade, mas a autora Warschauer (1993) diz que das rodas, a seriedade e profundidade das reflexões recheava duas horas e meia de encontro. E isso, propiciava uma ‘teoria vivida’. Essa teoria vivida é uma possibilidade de vivenciar todo o processo, não apenas teorizar. E sob essa perspectiva de possibilidade em construir uma teoria vivida através da força do diálogo como construtor de conhecimento.

A partir de toda conceitualização da metodologia, foi traçado os dois encontros já relatados anteriormente, denominados de Roda de Afetos. E dentre essas vivências partilhadas de cunho pessoal e profissional, a teorização sobre os indícios nos encaminharam para a importância das marcas que forjam os docentes. Nesses encontros de aprendizagens, trocas e reflexões fomos entrelaçadas em caminhos singulares, que se tornaram coletivos.

Assim, a metodologia da roda de conversa com a sua base principal do diálogo, possibilitou oportunidades formativas, com sua utilização sensível e, sobretudo, com as riquezas que surgiram através das falas das egressas vários momentos fascinantes que moldaram as escritas e escolhas dessa pesquisa.

4.1.1 O WhatsApp: uma reaproximação das egressas

Outra ferramenta metodológica utilizada na pesquisa, foi o aplicativo WhatsApp, a criação do grupo foi motivada inicialmente devida à intensa carga horária de trabalho das egressas e para reaproximar todas as participantes da pesquisa, envolvendo todas nas etapas de ideias, caminhos, criação, produção e escrita. E assim surge o grupo de WhatsApp que fora criado em 25 de junho de 2019.

Contudo, transformou-se, em período da pandemia do novo COVID-19, na principal ferramenta de comunicação entre pesquisadora e egressas, haja vista as impossibilidades do isolamento social. Pois, no mês de março de 2020, o Brasil e o mundo sofreram um enorme impacto com as medidas de restrição de locomoção impostas pelas autoridades públicas. Um inimigo, até

então inimaginável, chegou ao país, assustando toda a população. Era a COVID-19, comumente chamado de coronavírus.

Essa doença, parecida com uma gripe, segundo a maioria da comunidade científica, apontam que o primeiro caso foi China, especificamente na cidade Wuhan, capital da província de Hubei, China Continental, entretanto não podemos confirmar que foi o local exato que surgiu a doença. Fazemos questão em detalhar essa localização, pois, para a maioria dos brasileiros, essa localidade soa como algo muito distante, sem muita consonância com a realidade do nosso país. Ainda no início deste ano, os meios de comunicação informavam sobre a gravidade da epidemia na China, mas, como dito anteriormente, para a maioria dos brasileiros, trava-se de algo muito distante do Brasil.

Rapidamente os governos estaduais e municipais, ao observar a gravidade da situação, suspenderam as aulas para diminuir a velocidade da contaminação, pois sua disseminação se dá pela mesma maneira da gripe comum, ou seja, no contato com o infectado. Dessa forma, as redes educacionais, ao seguirem as determinações de especialistas sobre o assunto, entenderam que o ambiente escolar seria um possível difusor da enfermidade para a maioria da população.

Nesse sentido, com o objetivo de obedecer às determinações solicitadas por inúmeros pesquisadores e por entender a gravidade dessa doença, a opção pela utilização da ferramenta do WhatsApp se tornou essencial para o caminho da pesquisa por sua eficiência, facilidade e proximidade.

Mattar (2014) define o *WhatsApp* como uma ferramenta de comunicação rápida e promissora ao ser utilizada como uma plataforma de apoio à educação, visto que possibilita o envio de textos, imagens, sons e vídeos e a criação de grupos de usuários. Ao se utilizar a Netnografia³³ como transposição virtual na forma de pesquisa, possibilita-se uma linguagem mais atrativa, rápida e próxima de apoio à escrita deste trabalho. Desta forma, a escolha por essa ferramenta é concretizada na facilitação à adesão ao projeto, e ao engajamento na interação entre todas as partes da pesquisa.

³³A Netnografia é a etnografia que analisa o comportamento humano em grupos sociais na internet. Ela é um método de estudo da antropologia usado para descrever costumes, tradições e coletar dados por meio de técnicas qualitativas e interpretativas, a fim de entender nossa jornada online.

5 ESCRIVIVÊNCIAS FINAIS POSSÍVEIS DESSA DISSERTAÇÃO

Nos caminhos da escrevivências: a trajetória do construir-se educadora de quatro Pedagogas Pretas egressas do PARFOR/UFRRJ, pode ser definida como uma pesquisa que ao comprometer-se com a escuta vozes femininas, tornou-se ressonância de muitas outras. Assim, o trabalho que trataria quase que exclusivamente sobre as trajetórias de vida pessoal e profissional dessas quatro egressas, se desdobrou e abarcou categorias fundamentais para compreensão do ser educadora na contemporaneidade, e se tornou minhas escrevivências. São linhas tecidas com o respeito merecido a tantas memórias que foram aqui suscitadas para que ideias e conceitos pudessem ser alinhados e pensados coletivamente. Mais que conclusões, a pesquisa anuncia o chamado à reflexão sobre os atravessamentos que cortam tantas mulheres através de indícios poucos explorados na riqueza das ‘escrevivências’ aqui compartilhadas.

Ao assumirmos lugar de escuta de ‘escrevivências’ durante o desenvolvimento de toda pesquisa, assumimos também uma postura de insubordinação frente à realidade alienadora a qual vivemos atualmente. Sabíamos da importância da escuta cuidadosa das narrativas dessas professoras/ Pedagogas que expressavam em todas suas aprendizagens, estórias e reflexões que traziam em seu amago, sobretudo pela dialética da representatividade que mulheres Pretas periféricas apresentam por si só.

Assim, com os holofotes em seus discursos era destacado a escrevivência, tínhamos a certeza de que se debruçássemos sobre essas tantas potências aguerridas que a periferia nos contempla, amplificariamos essas vozes e compartilharíamos de tantas aprendizagens, justamente por ocupar o lugar do outro. Então, esse texto fora escrito para Universidade, entretanto, fica destacada que essa escrita foi nutrida e parida no conceito da escrevivência e nessa experiência dissertativa nasci como mulher Preta.

Desta forma, as tantas memórias de Ana, Adriana, Luana e Nana, ultrapassam suas memórias subterrâneas e vão ao encontro das escrevivências. Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral, compreender a trajetória de vida pessoal e profissional de quatro mulheres Pretas professoras/estudantes, egressas do PARFOR que ocupavam cargo de gestão. Para assim, ampliar as desconstruções contidas na sociedade. E por entender que, uma boa história é quando toca o outro, e essas sentem-se chamadas a fazer parte da história.

Constata-se que o objetivo geral proposto pela pesquisa foi atendido, porque efetivamente o trabalho conseguiu constatar que ao analisar os atravessamentos compartilhados pelas egressas

reproduziram diversos fatos que forjam marcas de tornar-se educadora na contemporaneidade. Isso posto, chegamos as hipóteses que surgem durante todo decorrer do texto extraídos de inúmeras narrativas e dela verificou-se que as experiências narradas por cada egressa, vão encontro da concepção que de Políticas Públicas de qualidades alteram vidas.

É curioso notar que o presente estudo tentou destacar uma breve explicação sobre o conceito Feminismo. Navegou pelas ondas do conceito, mas se tornou evidente que por algum tempo o Feminismo era direcionado a mulheres brancas, de classe média, privilegiadas. Mas, com o passar dos tempos mulheres Pretas no transar de lutas, se uniram e nos contemplaram com o Feminismo Negro que tempo depois criou braços de sustentações e se tornou o Feminismo Interseccional. Fica destacado que, as egressas do PARFOR como tantas outras mulheres Pretas dão uma lição no Feminismo que é gestado e parido no cotidiano.

Desta forma, ao construir o amontoado de narrativas das egressas, chegamos à definição dos conceitos, com a intencionalidade em afirmar que Escrevivência por si só daria conta de todo o trabalho. Pois, como dito anteriormente, o conceito possui um fenômeno diaspórico e universal, e se torna necessário pensar no seu íntimo de seu termo, não apenas na sua forma de grafia, mas como um sentido gerador que liberta a metodologia de rumos já pré-determinados pelo meio Universitário.

Assim, o conceito escrevivência cresce, evolui e com o tempo rompe os muros da Universidade, ganhando múltiplos sentidos e representando vozes silenciadas/marginalizadas por um sistema aniquilador, e assim, essas vozes representam totalmente o presente estudo, como resistência e luta aguerrida por nossas irmãs que virão e as que se foram, então esse estudo é luta.

Nesse movimento de desconstruções permanentes, apresentamos a Escrevivência como base suleadora. Contudo, aproximo a pesquisa dos conceitos do Paradigma Indiciário do autor Carlo Ginzburg e às Memórias Subterrâneas de Michael Pollak, se faz necessário enfatizar que trago tais autores apenas para conversar com Conceição Evaristo, pois como dito, esse estudo é um movimento de luta contínua e de um posicionamento Feminista.

Contudo, aproximamos porque o conceito de o Paradigma Indiciário ser uma metodologia que se pauta pela descoberta e investigação de vestígios que podem revelar chaves de significados para um sistema maior de pensamentos. Levando assim, às memórias subterrâneas de Pollak que são selecionadas, essas memórias são disputadas e escolhidas pelo Estado para serem memórias tratadas como oficiais. Desta forma, ao unir os três conceitos na pesquisa, forma-se uma base sólida para transpor verdades absolutas.

Como preconizamos nesta pesquisa romper com algumas imposições determinadas, realizamos um movimento de trazer posterior a conceitualização, nossas memórias, socializações e momentos formativos através de conversas. Chegando assim, a metodologia da Roda de conversa como base para dois encontros presenciais, denominados roda de afetos. Nestes encontros, comprovamos que a metodologia Roda de Conversa é um entrelaçamento de almas que partilham amores, rancores, olhares, felicidades e dores. Seja no falar aquilo que a memória cisma em lembrar, ou exteriorizar tudo o que por vezes é silenciado. São as experiências singulares, complexas, que se misturam as inúmeras escrevivências. Assim, a roda de conversa nos convida a pensar como o outro, ou discordar do outro. É um encontro de corpos éticos, estéticos e políticos.

Diante das metodologias propostas, percebe-se que o trabalho poderia ter sido realizado com uma pesquisa mais ampla na história de vida de cada egressa, se debruçado mais intensamente sobre os acontecimentos vividos e assim se aprofundando em temas tão importantes para o contexto social e do gênero feminino. Destes poderíamos ter realizado uma coleta de dados maior, mas nesse trabalho tivemos a limitação de tempo, espaços geográficos e a pandemia, o trabalho não conseguiu fôlego para abarcar tais apontamentos. Tais como: o tempo de docência, as formações do Ensino Médio de Formação de Professores, a desvalorização dos docentes em seus espaços, na questão financeira de mulheres Pretas periféricas, violências que cortam os corpos das Pretas, dentre outros.

Levando-se em consideração tudo que fora aqui discutido, espero que desta pesquisa possam construir considerações que não sejam conclusões, mas que sejam dispositivos de reflexões sobre a trajetória de mulheres Pretas e periféricas que acessam o meio Universitário. Defendemos o protagonismo das ‘escrevivências’ destas mulheres, por entender o quão importante é todo processo de emancipação destas durante suas jornadas pessoais e profissionais.

Fica evidente que a pesquisa nos mostrou que mulheres Pretas são as mais afetadas pelas ausências de Políticas Públicas na Baixada Fluminense e em zonas periféricas. O descaso é algo predominante, nesse regime de necropolítica.

Por isso, esta pesquisa nos mostra como programas de políticas públicas no caso o PARFOR, se torna um gatilho importantíssimo no auxílio dessa emancipação para mulheres nas questões sociais e econômicas. Nesse sentido, o rito de passagem, o divisor de águas, que é estar na Universidade para mulheres Pretas para além de ser o momento de emancipação é também de esperança/ reconhecimento/possibilidades. Uma primavera que pode ser sentida e vivida!

Em linhas gerais, a pesquisa desde seu início, não teve o ímpeto em trazer respostas prontas para o estudo e sim, apresentar e instigar inquietudes e reflexões sobre temas que atravessam tantas

mulheres na contemporaneidade. E por acreditar e defender tais posicionamentos, nos aproximamos dos escritos de Rocha (2020) quando cita que somos seres inacabados

Na constatação de meu ‘inacabamento’ é que reconheço que muito há para ser discutido. Índícios como a feminização da educação, as ‘memórias subterrâneas’ e seus letramentos dentre outras categorias que emergem das ‘escrevivências’ merecem serem revisitados e refletidos com maior atenção e detalhamento futuro. Logo, a presente pesquisa, que já anunciava em suas linhas iniciais não ter pretensão de dar respostas prontas, conclui que mais que certezas deixamos aqui inquietudes. (ROCHA, p. 115, 2020)

Constatamos que nessas encruzilhadas de vivências que fora tecida a pesquisa, o inacabamento citado nas primeiras linhas da introdução, acompanhou até as considerações finais. As participantes deste trabalho que compartilharam memórias inspiradoras, nos estimulam com histórias desafiadoras, daquelas que dá vontade de espalhar como sementes. Ao final, ainda ouço as vozes das egressas contemplando suas trajetórias, que se misturam a tantas de nós. Mulheres repletas de sonhos, desejos e anseios, provindas de territórios estigmatizados que com a resistência e incentivos, como o Programa PARFOR, alteram uma história única pré-estabelecida.

E assim, nesse turbilhão de memórias que estão em meu ori, oriundas de tantas falas enriquecedoras, essa dissertação se apresentou como lugar de escuta, entre o de dentro e o de fora. Dentro, os pensamentos desassossegados, desejos e sonhos das egressas. Fora, a nossa pele Preta-terra refletida no espelho de Iemanjá, na imagem o destaque de tantas marcas que sempre ei de lembrar.

Ao final entendemos que quem sente dor, tem que gritar! Quem quer ser ouvido, tem de falar! Então, que nossa fala e nosso grito sejam reverberados em nós como elemento de resistência e transformação. Pois, precisamos romper com essa lógica patriarcal, com esse Sistema opressor que nos mata.

Falando disso, penso que hoje as armas de fogo quando disparam sempre encontram um corpo Preto, seja homem/mulher/criança, acertam o alvo com um, cinco ou oitenta tiros, da mesma forma fazem esvaír da vida o sangue vermelho quente e Borgonha que se esparrama no chão sem seguir uma direção. Isso vem de longa data, os corpos de nossos ancestrais também foram atravessados/mutilados por chibatas, correntes, colares de ferro, algemas, peias, máscara de Flandres, garrote, anjinhos e troncos. Troncos esses muitas vezes expostos em pelourinho.

E hoje, onde ficam os pelourinhos? Podemos dizer que o pelourinho está por todas as ruas, estradas, esquinas, encruzilhadas... Tantas mulheres Pretas são mortas dentro de suas casas, seus sonhos são destruídos dentro de quatro paredes.

No passado e no presente tudo foi feito para torturar os insubordinados que buscavam a própria liberdade, como nossas egressas militantes da vida. Mas nossas mulheres Pretas têm o coração valente, não vão nos sufocar, nem com paulada irão nos calar. Montamos nosso quilombo aqui e juntas vamos lutar!

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos Feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia de letras, 2014.

_____. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Editora Vozes, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**, VIII. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 9, 1980.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: grupo editorial letramento, 2018.
(Coleção Feminismo Plurais)

BRASIL, L. D. B. **Lei 9394/96–Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível [http://www. planalto. gov. br/ccivil_03/leis/19394.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.html). Acesso em, v. 30, 2015.

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o Feminismo e a questão do pós-modernismo**. Cadernos Pagu, n. 11, p. 11-42, 1998.

CERTEAU, Michel. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos de Educação**. In: Carlos Eduardo Ferraço, Maria da Conceição Silva Soares e Nilda Alves. Editora UERJ, 2018.

DAMIÃO, Carla Milani. **Sobre o declínio da sinceridade: filosofia e autobiografia de Jean Jacques Rousseau a Walter Benjamin**. São Paulo: Loyola,2006.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DE SIQUEIRA, Camila Zucon Ramos; LOPES, Frederico Alves. **A Construção da Pedagogia Socialista: a atualidade do pensamento de Krupskaya**.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Pallas Editora, 2017.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Host Publications, Inc., 2007.

FRANCO, Marielle. **A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma Feminista, negra e favelada**. In: Winnie Bueno, Joanna Burigo, Rosana Pinheiro-Machado, Esther Solano. (Org.). *Tem Saída? Ensaios críticos sobre o Brasil*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017, p. 89-95. ISBN: 978-85-8049-058-9. Disponível em: <<http://www.editorazouk.com.br/Capitulo-MarielleFranco.pdf>>. Acesso em: 01 de março de 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. Cortez editora, 2017.

_____. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 1997.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos Alfredo. **Lugar de negro**. Editora Marco Zero, 1982.

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

HALBWASCHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e Feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KAIESKI, Naira; GRINGS, Jacques André; FETTER, Shirlei Alexandra. **Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do WhatsApp**. RENOTE-Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 13, n. 2, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Autêntica, 2017.

LEAL, Miriam Marques, and Iria Brzezinski. "A constituição da profissionalidade e do profissionalismo docente-percepções a dos egressos do curso de pedagogia-CCSEH-UEG/The constitution of professorial professionalism and professionalism-perceptions of graduates of the pedagogy course-CCSEH-UEG." *Brazilian Applied Science Review* 3.1 (2018): 333-342.

Lei Federal 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Brasília, DF, 25

LOURO, Guaciara Lopes. "Gênero e magistério: identidade, história e representação". *In: Docência, memória e gênero*. Estudo sobre formação. (Org.) Catani, Denise et al. São Paulo: Ed. Escrituras, 1997.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. 1992.

PIRES, Ana Paula; GONÇALVES, Renata. **Conhecendo as trajetórias das intelectuais negras Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro**. Simpósio Gênero e Políticas Públicas, v. 6, p. 22-40, 2020.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.

RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. **Paradigma Indiciário** - Breve Definição. Disponível em: <nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/RODRIGUES, M.B.F. e COELHO, C.M. ParadigmaIndiciário_Breve definicao.pdf>. Acesso em: 09/02/2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula(org.) **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SILVA, Jenifer Cabral. **"ENSINO DE HISTÓRIA E HARRY POTTER: A NARRATIVA FICCIONAL COMO FORMADORA DE CONCEPÇÕES."**. 2019

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Editora UFMG, 2003.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TARDIF, Maurice. Saberes **profissionais dos professores e conhecimentos Universitários**. Revista Brasileira de Educação, n.13, Jan./abr.2000, p.5-24.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e terra, 1992.

VÉLAZ DE MEDRANO, Consuelo et al. **Aprendizaje y desarrollo profesional docente**. OEI, 2009.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Paz e Terra, 1993.

WILLEMANN, Estela Martini. **Da validade da busca de “inclusão” numa lógica excludente.**

Revista Virtual Em Debate, n. 04, p. 1809-0842, 2006.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história.** Malê, 2019.